

Inês Maria Andrês Fachada

**A Experiência Emocional do Toque nas Relações Românticas
durante a Adolescência e a Juventude**



Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação,
para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob orientação científica da
Professora Doutora Paula Mena Matos.

2009

Resumo

A dissertação espelha um trabalho de investigação acerca da experiência emocional do toque no seio de relações românticas durante a adolescência e juventude, cujo pano de fundo teórico corresponde à teoria da vinculação. Constituindo-se como lacunas na produção científica, concebem-se o envolvimento amoroso como promotor do desenvolvimento e como contexto de vinculação, e o toque como determinante para o desenvolvimento humano e intrínseco à relação de vinculação. Empreendeu-se um estudo empírico, pretendendo-se compreender a experiência emocional do toque associada a questões da qualidade das relações românticas, para o qual se constituiu uma amostra de 414 jovens estudantes de ensino superior, de ambos os sexos, entre os 17 e os 25 anos, a quem foram administrados instrumentos de auto-relato, nomeadamente: *Questionário da Vinculação Amorosa* (QVA; Matos, Barbosa, & Costa, 2001), *Questionário da Experiência Emocional do Toque* (QEET; Brennan, Wu, & Loev, 1998) e *Questionário da Expressividade do Toque na Família* (QETF; Fachada & Matos, 2008), os quais, na generalidade, revelaram boas qualidades psicométricas. Constatou-se, de modo geral, que os jovens percebem a responsividade do par amoroso para satisfazer as necessidades de vinculação e vêem-no como base segura e como refúgio de segurança. Identificaram-se organizações específicas coincidentes com os protótipos de vinculação de Bartholomew (1990). O toque é sobretudo utilizado para comunicar afecto e intimidade sexual; os jovens percebem reduzida privação de contacto físico, e é muito reduzida a aversão face ao toque. Encontraram-se associações entre a vinculação amorosa e a experiência emocional do toque: conceber o namorado como capaz de satisfazer as necessidades de vinculação correlaciona-se, positivamente, com o uso do toque para demonstrar afecto e comunicar intimidade sexual e, negativamente, com a aversão e a carência face ao toque. Parece que o clima familiar relativamente ao toque cria contexto para os significados atribuídos ao contacto físico no seio da relação romântica, bem como para a vinculação amorosa. Encontraram-se diferenças em função do sexo, da idade e do estatuto relacional, surgindo os jovens do sexo feminino, os mais novos e aqueles com uma relação romântica no presente como os jovens que mais têm confiança na figura amorosa para satisfazer as necessidades de vinculação e que mais se servem do toque para comunicar afecto; apurou-se um efeito mediador da duração da relação romântica, entre a idade e a vinculação ao par amoroso, e entre o estatuto relacional e a experiência emocional do toque. Apresentam-se, ainda, os modelos de previsão para as dimensões da experiência emocional do toque. Discutem-se os resultados, reconhecendo-se a relevância do tocar e ser tocado para a construção de relações de vinculação.

Palavras-chave: relações românticas, vinculação, contacto físico, experiência emocional do toque, adolescência e juventude.

Abstract

The essay reflects a research about the emotional experience of touching within romantic relationships during adolescence and youth, whose theoretical background corresponds to the attachment theory. As gaps in the scientific literature, the romantic involvement is conceptualized as promoter of development and as a framework for building attachment bonds, and touch is seen as crucial to human development and as intrinsic to attachment relationships. Was undertaken an empirical study, which seeks to understand the emotional experience of touch associated with issues of quality of romantic relationships, for which it was formed a sample of 414 college students, of both sexes, between 17 and 25 years, whom were given self-report measures, including: *Romantic Attachment Questionnaire* (QVA; Matos, Barbosa, & Costa, 2001), *Questionnaire of Emotional Experience of Touch* (QEET, Brennan, Wu, & Loev, 1998) and *Questionnaire of Expressiveness of Touch within the Family* (QETF; Fachada & Matos, 2008), which, in general, showed good psychometric qualities. It was found, in general, that people perceive the responsiveness of the partner to meet the needs of attachment and they see him or her as a secure base and a haven of safety. We identified specific organizations that match the Bartholomew's prototypes (Bartholomew, 1990). Touch is mainly used to communicate affection and sexual intimacy, young people perceive reduced deprivation of physical contact, and is much reduced the touch aversion. We found associations between romantic attachment and emotional experience of touch: perceiving partner as being able to meet the needs of attachment correlated positively with the use of touch to show affection and communicate sexual intimacy and negatively associated with perceptions of aversion and lack of touch. It seems that the family atmosphere on the touch creates context for the meanings attributed to physical contact within the romantic relationship as well as for the attachment bond. We found differences by gender, age and relationship status, emerging women, the youngest and those with a romantic relationship in the present as young people who have more confidence in the loving figure to meet the attachment needs and who most use the touch to communicate affection. It was found a mediating effect of the length of romantic relationship between age and romantic attachment, and between the relationship status and emotional experience of touch. This work presents also the models of prediction to the dimensions of the emotional experience of touch. We discuss the results of the research, recognizing the importance of touching and being touched for the construction of attachment bonds.

Key-words: romantic relationships, attachment, physical contact, emotional experience of touch, adolescence and youth.

Résumé

La dissertation reflète tout un travail de recherche sur l'expérience émotionnelle du contact au sein des relations romantiques pendant l'adolescence et la jeunesse, dont le cadre théorique correspond à la théorie de l'attachement. En se constituant comme des lacunes dans la production scientifique, on peut concevoir l'engagement amoureux comme promotionnel du développement et comme contexte d'attachement, et le contact comme déterminant pour le développement humain et intrinsèque à cette la relation. On a élaboré une étude empirique dans le but de comprendre l'expérience émotionnelle du contact associé à des questions de la qualité des relations romantiques, pour lesquelles on a constitué un échantillon de 414 de jeunes étudiants de l'enseignement supérieur, de garçons et de filles, entre les 17 et les 25 ans, auxquels on a appliqué les suivants instruments d'auto-analyse: *Questionnaire de l'Attachement Amoureux* (QVA; Matos, Barbosa, & Costa, 2001), *Questionnaire de l'Expérience Émotionnelle du Toucher* (QEET; Brennan, Wu, & Loev, 1998) et *Questionnaire de l'Expressivité du Toucher dans la Famille* (QETF; Fachada & Matos, 2008). Ceux-ci ont révélé, en général, une bonne qualité psychométrique. On a constaté, de manière générale, que les jeunes perçoivent la réactivité de l'amoureux(se) pour répondre aux besoins de l'attachement et le considèrent comme une base stable et un refuge de sécurité. Des organisations spécifiques selon les paradigmes proposés par Bartholomew (1990) ont été identifiées. Le toucher est plutôt utilisé pour communiquer de l'affection et de l'intimité sexuelle et les jeunes éprouvent une restreinte privation du toucher étant donné que l'aversion de celui-ci est très réduite. Des associations entre l'attachement amoureux et l'expérience émotionnelle du toucher ont été relevées: d'une part, l'amoureux capable de satisfaire les nécessités d'attachement s'associe, positivement, à l'utilisation du toucher pour démontrer de l'affection et communiquer de l'intimité sexuelle et, négativement, à l'aversion et au manque du toucher. Il semble que l'ambiance familière pour le contact crée le cadre pour la signification attribuée au contact physique dans le sein de la relation amoureuse, ainsi que pour l'attachement amoureux. Des différences en fonction du sexe, de l'âge et du statut relationnel ont été constatées. Ce sont les plus jeunes, les femmes et les jeunes avec une relation romantique présente qui éprouvent plus de confiance dans le sujet amoureux pour satisfaire leurs nécessités d'attachement en utilisant plus souvent le toucher pour transmettre de l'affection; un effet médiateur de la durée de la relation romantique, entre l'âge et l'attachement au couple amoureux et entre le statut relationnel et l'expérience émotionnelle du contact, a été identifié. Ils se présentent, encore, les modèles de prévision pour les dimensions de l'expérience émotionnelle du contact. Ont analyse les résultats, tout en reconnaissant l'importance fondamentale du toucher et de l'être touché dans la construction de relations d'attachement.

Mots-clés: relations romantiques, attachement, contact, expérience émotionnelle du toucher, adolescence et jeunesse.

Agradecimentos

A investigação cujo produto se expõe no presente trabalho contou com contributos de algumas pessoas, cujas orientações, sugestões e/ou apoios se reconhecem e agradecem, e é às mesmas que o trabalho é dedicado.

À Professora Doutora Paula Mena Matos, por orientar e acompanhar este projecto! Pela excelência na actividade docente, pela capacidade em cativar, pela disponibilidade, pela segurança que transmite!! Pelo encaminhamento através dos trilhos da investigação, e também por permitir que tracemos o nosso próprio caminho!!

À Mãe, ao Pai, à Beatriz e ao Pedro. Aos Pai e Mãe – figuras de vinculação primárias – cuja relação de amor semeou seres! Pela concepção, pelo afecto, pelo apoio, pelas festas e pelo colo, mas também pelos *empurrões* e pelas asas para voar; por representarem uma base segura - propiciadora da exploração e da descoberta do mundo e dos outros – e, conjuntamente, um porto de abrigo, em situações e momentos ansiogénicos!! Pelas sugestões e pelo apoio, pela ajuda aquando da recolha e inserção de dados durante o processo de investigação! Pela orientação na construção da caminhada da VIDA!! Por aquilo que foram, por aquilo que são e por aquilo que sempre serão!!!

À Beatriz, irmã de sangue e de afecto, pessoa-grande-pequena que – ao longo dos seus 14 anos, tanto ensinou sobre o que é a fraternidade! Ser que tem em si tanto amor, e que tão bem o demonstra! Bebé cujos desenvolvimentos pré e pós-natais assisti e me envolvi, emergindo cada aquisição acompanhada de alegria; depois, menina, que deu lugar à menina-mulher... pela proximidade, pelo carinho, e pelo apoio, pela ajuda durante a introdução dos dados recolhidos, pelos abraços, pela pessoa que és!!!

Ao Pedro, pelo homem que és, com quem aprendi e com quem aprendo coisas lindas de aprender!!! Pela partilha da caminhada, pelas carícias, pelos abraços, pelas palavras e pelos gestos!! Por me fazeres rir e sorrir! Pelo apoio e pelo incentivo, pela satisfação com as conquistas!!! Pela ajuda aquando da constituição da amostra e da inserção de dados, por estares sempre, mesmo não estando efectivamente!!! Por me ensinares o trilho para a Feli Cidade!!

Às Professora Doutora Emília Costa, Professora Doutora Cidália Duarte e Professora Doutora Raquel Barbosa, pela contribuição no estudo, concretamente pela atenção dispensada durante a fase da construção do instrumento para avaliar a expressividade do toque na família, mas também pela partilha de saberes e “saberes-fazer” enquanto docentes.

À Dr.^a Marisa Ávila, pela partilha de estratégias de pesquisa bibliográfica, bem como de normas de redacção e de apresentação da tese, partilha esta sempre acompanhada de um sorriso.

À Professora Doutora Kelly Brennan-Jones, pela disponibilização do instrumento desenvolvido para aceder à experiência emocional do toque no contexto de relações românticas.

Às pessoas que colaboraram no processo de recolha de dados, por permitirem um alargamento da amostra, nomeadamente: Professor Doutor José Paulo Almeida, Professora Doutora Laura Fonseca; Professor Doutor Pedro Lopes dos Santos; Professor Doutor Miguel Cameira; Dr.^a Margarida Azevedo; Mestre Hermínia Torres; Mestre Ana Azevedo; Dr. Duarte Mercier; Mestre Paulo Gonçalves; Mestre Célia Martins; Ana Oliveira; Vanessa Silva; Diva Couto; Mayuri Ranchor; Igor Pinto; e, Sérgio Cruz.

Aos oito jovens que participaram na reflexão falada, pela disponibilidade e por tornarem possível o aperfeiçoamento do instrumento de recolha de dados. Aos 446 participantes que constituem a amostra inicial do estudo, pela colaboração e por possibilitarem a obtenção de dados para o trabalho de investigação.

Aos Vânia Silva, Sónia Nogueira, Vânia Moreira, Mestre Marta Reis, Mestre Frederico Gonçalves, Mestre Daniel Costa, pelo auxílio - tenha sido com uma pequena ou grande indicação – com as análises estatísticas.

À Mestre Maria João Cameira, pela preciosa ajuda na sublime tarefa da conversão inter-línguas latinas, pelo apelo à tranquilidade!

Aos avós – Cândida, Julieta, Alberto e Eugénio – pelos sorrisos, pelos abraços, pelas histórias, pelos ensinamentos, pelos mimos de avós!...

À D. Arminda e ao Sr. Alberto, pelo apoio e incentivo, pela atenção e pelo carinho!

À Dr.^a Maria José Neves, pela disponibilidade e persistência e pelas salvaçãoes do instrumento de trabalho. À D. Emília e à D. Helena, pelas palavras, pelas expressões faciais, pelos gestos de conforto. À D. Sandra, ao Sr. Zé, ao Sr. Fernando, à Ísis e ao Vítor, pelo apoio verbal e instrumental ao nível dos mantimentos. Ao Sr. Leite, pelas conversas e pelo incentivo.

À Vanessa Machado, pela oportunidade para partilhar, pelo orgulho, pela amizade!

À Manuela, ao Aníbal, ao Zé Miguel e ao João, pelo acompanhamento e satisfação com as vitórias.

Às e aos colegas de curso que percorreram trajectória idêntica, mas distinta... que se tornaram amigas e amigos! Com quem se partilhou as doçuras e amarguras da caminhada das aprendizagens e dos trabalhos e das avaliações formais!! Às afilhadas, pelo interesse e incentivo, pelo carinho e amizade!!

A todos aqueles que - através do motor da curiosidade científica - investigaram e deixaram o seu contributo para que outros continuassem, desenhando o próprio trilho no mapa da investigação.

Finalmente...

... A todos os que amam, e que se amam!!!!

Índice

Introdução	1
Capítulo I: Enquadramento teórico-conceptual	3
1. A adolescência: transformações e tarefas desenvolvimentais	3
2. As relações românticas durante a adolescência e a juventude	4
3. O corpo e o toque	9
4. A experiência emocional do toque no contexto das relações românticas.....	12
Capítulo II: Estudo empírico	16
1. Objectivos e hipóteses de investigação	16
2. Método	18
2.1 Participantes	18
2.2 Instrumentos	20
2.2.1 <i>Questionário da Vinculação Amorosa (QVA)</i>	21
2.2.2 <i>Questionário da Experiência Emocional do Toque</i> (QEET)	21
2.2.3 <i>Questionário da Expressividade do Toque na Família</i> (QETF)	22
2.2.4 Questionário sócio-demográfico	23
2.3 Procedimento	23
3. Resultados	24
3.1 Estudo da qualidade psicométrica dos instrumentos	24
3.1.1 <i>Questionário da Vinculação Amorosa (QVA)</i>	24
3.1.1.1 Estrutura factorial	24
3.1.1.2 Análise de consistência interna	24
3.1.1.3 Correlações inter-dimensão	25
3.1.2 <i>Questionário da Experiência Emocional do Toque</i> (QEET)	25
3.1.2.1 Estrutura factorial	25
3.1.2.2 Análise de consistência interna	26
3.1.2.3 Correlações inter-dimensão	26

3.1.3 <i>Questionário da Expressividade do Toque na Família</i> (QETF)	26
3.1.3.1 Estrutura factorial	26
3.1.3.2 Análise de consistência interna	27
3.2 Estudos Descritivos	27
3.3 Estudos Correlacionais	28
3.3.1 Associações entre a vinculação amorosa e a experiência emocional do toque	28
3.3.2 Associações entre a experiência emocional do toque e a expressividade do toque na família	29
3.3.3 Associações entre a vinculação amorosa e a expressividade do toque na família	30
3.4 Estudos Diferenciais	30
3.4.1 Diferenças em função do sexo e da idade	31
3.4.1.1 Diferenças na vinculação ao par amoroso	31
3.4.1.2 Diferenças na experiência emocional do toque	31
3.4.1.3 Diferenças na expressividade do toque na família	32
3.4.2 Diferenças em função do estatuto relacional e da duração da relação romântica	32
3.4.2.1 Diferenças na vinculação ao par amoroso	33
3.4.2.2 Diferenças na experiência emocional do toque	34
3.4.2.3 Diferenças na expressividade do toque na família	34
3.5 Análise de <i>Clusters</i>	35
3.6 Análise de Regressão Linear Múltipla	39
4. Discussão dos Resultados	41
4.1 Da vinculação ao par romântico	41
4.2 Da experiência emocional do toque com o par amoroso	43
4.3 Da relação entre a vinculação amorosa e a experiência emocional do toque na relação romântica.....	44
4.4 Da influência do clima familiar respeitante ao contacto	

físico na vinculação e experiência emocional com o par amoroso	48
4.5 Do efeito do sexo, da idade, do estatuto relacional e da duração da relação romântica sobre a vinculação romântica e a experiência emocional do toque	50
5. Considerações finais	53
5.1 Dificuldades e limitações do estudo	53
5.2 Pistas para investigações ulteriores	54
5.3 Conclusões	56
6. Referências Bibliográficas	57

Índice de Anexos

Anexo 1: Solicitação de colaboração a peritos para seleccionar os itens relativos ao instrumento *Questionário da Expressividade do Toque na Família* (QETF)

Anexo 2: Reflexão falada do instrumento

2A: Instruções para reflexão falada

2B: Caracterização dos participantes na reflexão falada

Anexo 3: Protocolo de recolha de dados

Anexo 4: Caracterização dos participantes, em função de variáveis sociodemográficas

Anexo 5: Qualidades psicométricas do *Questionário da Vinculação Amorosa* (QVA)

5A: Estrutura factorial do QVA

5A(a): Medidas de adequabilidade do procedimento de análise factorial (Kaiser-Meyer-Olkin e Teste de Esfericidade de Bartlett)

5A(b): Variância explicada pelos quatro factores extraídos

5A(c): “Teste do Cotovelo”

5A(d): Dimensões/ Itens e saturações ao longo dos quatro factores extraídos

5B: Consistência interna das dimensões do QVA

5C: Correlações entre as dimensões do QVA

Anexo 6: Qualidades psicométricas do *Questionário da Experiência Emocional do Toque* (QEET)

6A: Estrutura factorial do QEET

6Aa: Medidas de adequabilidade do procedimento de análise factorial (Kaiser-Meyer-Olkin e Teste de Esfericidade de Bartlett)

6Ab: Variância explicada pelos quatro factores extraídos

6Ac: “Teste do Cotovelo”

6Ad: Dimensões/ Itens e saturações ao longo dos quatro factores extraídos

6B: Consistência interna das dimensões do QEET

6C: Correlações entre as dimensões do QEET

Anexo 7: Qualidades psicométricas do *Questionário da Expressividade do Toque na Família* (QETF)

7A: Estrutura factorial do QETF

7Aa: Medidas de adequabilidade do procedimento de análise factorial (Kaiser-Meyer-Olkin e Teste de Esfericidade de Bartlett)

7Ab: Variância explicada pelo factor extraído

7Ac: “Teste do Cotovelo”

7Ad: Itens e saturações ao longo do factor extraído

Anexo 8: Efeito do sexo e da idade sobre a vinculação amorosa

8A: Teste dos efeitos principais inter-sujeitos do sexo e da idade para as dimensões da vinculação ao par amoroso

8B: Médias e desvios padrões para as dimensões da vinculação ao par amoroso onde há diferenças

Anexo 9: Efeito do sexo e da idade sobre a experiência emocional do toque

9A: Teste dos efeitos principais inter-sujeitos do sexo e da idade para as dimensões da experiência emocional do toque

9B: Médias e desvios padrões para as dimensões da experiência emocional do toque onde há diferenças

Anexo 10: Efeito do sexo e da idade sobre a expressividade do toque na família

10A: Teste dos efeitos principais inter-sujeitos do sexo e da idade para a expressividade do toque na família

10B: Médias e desvios padrões para a expressividade do toque na família, em função do sexo

Anexo 11: Efeito do estatuto relacional sobre a vinculação amorosa

11A: Teste dos efeitos principais inter-sujeitos do estatuto relacional para as dimensões da vinculação ao par amoroso

11B: Médias e desvios padrões para as dimensões da vinculação ao par amoroso onde há diferença

Anexo 12: Efeito do estatuto relacional sobre a experiência emocional do toque

12A: Teste dos efeitos principais inter-sujeitos do estatuto relacional para as dimensões da experiência emocional do toque

12B: Comparação de pares de médias (Teste de Scheffe) para as dimensões da experiência emocional do toque, em função do estatuto relacional

12C: Médias e desvios padrões para as dimensões da experiência emocional do toque onde há diferenças

Anexo 13: *Clusters* para a vinculação ao par amoroso

13A: Teste dos efeitos principais inter-sujeitos para as dimensões da vinculação ao par amoroso, em função do *cluster* de pertença

13B: Teste dos efeitos principais inter-sujeitos para as dimensões da experiência emocional do toque, em função do *cluster* de pertença

13C: Comparação de pares de médias (Teste de Scheffe) para as dimensões do estudo, em função do *cluster* de pertença

13Ca: Dimensões da vinculação ao par amoroso

13Cb: Dimensões da experiência emocional do toque

13Cc: Expressividade do toque na família

Anexo 14: Modelos de regressão para as dimensões da experiência emocional do toque, obtidos pelo método *Stepwise*

14A: Análise de variância (*ANOVA*) da regressão

14B: Coeficientes de regressão por preditor incluído nos modelos de regressão

Índice de Quadros

Quadro 1: Valores mínimo e máximo, média e desvio-padrão para as dimensões da investigação (N=414)

Quadro 2: Correlações de Pearson entre as dimensões da vinculação ao par amoroso e as dimensões da experiência emocional do toque

Quadro 3: Correlações de Pearson entre as dimensões da experiência emocional do toque e a expressividade do toque na família

Quadro 4: Correlações de Pearson entre as dimensões da vinculação ao par amoroso e a expressividade do toque na família

Quadro 5: Médias e desvios padrões para as dimensões do estudo, em função do *cluster* de pertença

Quadro 6: Composição dos *clusters* (N=398)

Quadro 7: Modelos de regressão para as dimensões da experiência emocional do toque

Índice de Figuras

Figura 1: Modelo de vinculação proposto por Bartholomew (1990). Adaptado de Bartholomew e Horowitz (1991).

Introdução

A dissertação que se apresenta visa expor um trabalho de investigação subordinado à temática da experiência emocional do toque no contexto das relações românticas durante a adolescência e a juventude. Enquadrado à luz da Teoria da Vinculação, o estudo incide sobre os significados, vivências e/ou experiências atribuídas ou suscitadas pelo contacto físico no seio da relação amorosa entre adolescentes tardios e jovens adultos. As relações românticas assumem grande importância na etapa de desenvolvimento em que se encontram os adolescentes e jovens e contribuem para o seu desenvolvimento (Brown, Feiring, & Furman, 1999; Collins, Cooper, Albino, & Allard, 2002; Collins, Welsh, & Furman, 2009; Erikson, 1968; Furman, 2002; Furman & Shaffer, 2003; Grover & Nangle, 2007; Matos, 2002; Matos, 2006). Com efeito, para além de contexto de desenvolvimento, o envolvimento romântico constitui-se, simultaneamente, como “contexto significativo de vinculação que põe em curso processos que contribuem para a actualização, revisão e transformação das representações acerca de si próprio e dos outros que medeiam a relação do indivíduo com o mundo” (Matos, 2002, p.3). Por sua vez, o toque assume-se como fundamental, desde o nascimento – enquanto meio de comunicação primário, nas relações interpessoais e no conhecimento do mundo (Barbosa, 2002; Barker & Buchanan-Barker, 2006; Barnett, 2005; Durana, 1998; Field, 2001; Field, 2002a; Field, 2002b; Gullledge, Hill, Lister, & Sallion, 2007; Hunter & Struve, 1998; Kertay & Reviere, 1993; Montagu, 1986); de facto, o toque assume grande importância para o desenvolvimento, tratando-se do veículo pioneiro de contacto com o mundo, e contribuindo para o estabelecimento da relação de vinculação às figuras de vinculação primárias. Aprecia-se o toque no contexto das relações românticas, contexto esse que é pautado pela proximidade e pelo contacto físico para transmitir emoções, afecto, desejo de estar próximo pressupõe toque, dar a mão, abraçar, e beijar.

Apesar da relevância dos tópicos em causa, quer as relações românticas durante o período da adolescência e juventude, quer o toque e respectivas significações são objectos de estudo que têm merecido pouca atenção científica. Empreendeu-se o presente estudo, considerando a citada lacuna na investigação, bem como a pertinência e interesse do tema descrito, cujo objectivo central consiste em compreender a experiência emocional do toque associada a questões da qualidade das relações amorosas.

O trabalho encontra-se organizado em dois capítulos. No Capítulo I - dedicado ao enquadramento teórico-conceptual da investigação - apresenta-se uma revisão da literatura no âmbito dos assuntos tratados, concretamente sobre a etapa desenvolvimental sobre a qual o estudo se acerca, as relações amorosas neste período, o corpo e o toque, e sua vivência no contexto das relações interpessoais em geral, e das relações românticas em

particular. O Capítulo II concerne ao estudo empírico desenvolvido, e inclui a formulação dos objectivos e hipóteses, a exposição dos aspectos metodológicos do estudo, nomeadamente no que se refere aos participantes e respectivas características, aos instrumentos utilizados e ao procedimento adoptado; integra, igualmente, a apresentação dos resultados, que se inicia pelas propriedades psicométricas dos instrumentos de avaliação, seguida pelos estudos descritivos, estudos correlacionais, estudos diferenciais, análise de *clusters* e, por último, análise de regressão linear múltipla. Apresenta-se, de seguida, a discussão dos resultados, confrontando-os com as hipóteses estabelecidas; segue-se um espaço dedicado a considerações finais, nomeadamente, identificando dificuldades e detectando limitações ao longo dos processo e produto do trabalho de investigação, assim como fornecendo sugestões para trabalhos futuros; a secção dedicada às considerações abrange ainda um espaço onde se traçam as conclusões fundamentais do estudo. A dissertação termina com a listagem das referências bibliográficas consultadas e citadas, seguindo-se-lhe os anexos ao trabalho.

Capítulo I: Enquadramento teórico-conceitual

1. A Adolescência: transformações e tarefas desenvolvimentais

A adolescência corresponde a uma etapa do desenvolvimento entre a infância e a idade adulta, aparecendo como um período cada vez mais alargado em termos temporais, pelo que se fala em *late adolescents* (adolescentes tardios) (Brown et al., 1999). A adolescência é caracterizada por mudanças nos domínios físico, cognitivo e psicossocial. No que concerne ao desenvolvimento físico, por norma, considera-se como o início da adolescência a puberdade, que consiste no processo através do qual o indivíduo atinge a maturidade sexual e reprodutiva; registam-se diversas mudanças fisiológicas, as quais têm implicações psicológicas. Geralmente, é no período da adolescência que o assunto da orientação sexual se torna premente. A adolescência parece ser uma fase de risco para desenvolver perturbações do humor (depressão) e perturbações do comportamento alimentar (anorexia e bulimia nervosa), e também para o abuso de substâncias (álcool, tabaco ou drogas); com o início das experiências sexuais, abre-se também o caminho para doenças sexualmente transmissíveis e gravidezes indesejadas. Relativamente ao desenvolvimento cognitivo, o pensamento concreto passa o testemunho ao pensamento formal, adquirindo o adolescente a capacidade de pensar de forma abstracta, desenvolvendo, considerando e testando hipóteses, movendo-se no campo do provável; por outro lado, há que considerar as exigências em termos de desempenho escolar e de planeamento do futuro no que toca a questões vocacionais (Matos, 2006; Papalia, Olds, & Feldman, 2001).

Ao nível psicossocial, o adolescente aumenta o seu repertório de competências de tomada de perspectiva social, ampliando a consciência do mundo e das outras pessoas, e considerando múltiplas perspectivas. Erik Erikson (1968) intitulou a fase da adolescência como a idade da identidade/confusão da identidade, isto porque o adolescente tem como tarefa desenvolvimental essencial a construção da identidade, ou seja, construir um sentido integrado e coerente do *self*. A identidade corresponde ao produto da interação entre processos intra e interpessoais, uma vez que - nas relações - a pessoa tem possibilidade de se resignificar. O período da adolescência é um período de exploração e experimentação de diversos e distintos papéis, período que é designado de moratória psicossocial; contudo, a referida exploração conduzirá ao investimento em determinados papéis e numa ideologia de vida, investimento que Erikson apelida de fidelidade, em que o respeito pelo próprio é fundamental. Como referido, o jovem construirá a sua identidade, a qual vai para além da identidade de papel, ele deve gerir informações incongruentes entre si e formar um sentido de unidade e continuidade; a identidade constrói-se a partir da exploração do próprio e do mundo, a qual leva ao investimento, a construção da identidade representa simultaneamente uma base para novas assimilações e acomodações e um modo de

organização de experiências passadas. É necessário compreender que a sequência de todos os períodos anteriores e respectivas tarefas desenvolvimentais têm influência para o desenvolvimento de um sentimento de identidade (Costa, 2005; Costa & Matos, 2006; Erikson, 1968). Contudo, existe outra tarefa desenvolvimental na fase da adolescência e juventude: a tarefa da construção da intimidade. É suposto o adolescente autonomizar-se face aos pais; todavia, não se trata de uma desvinculação, trata-se sim de uma reorganização dos laços familiares, de um processo de separação relativamente a modelos anteriores (Ainsworth, 1989; Allen & Land, 1999; Matos, 2003; Matos, 2006). De facto, a existência de uma relação segura com os pais é condição para a autonomia do adolescente (Matos, 2006).

A cultura de pares é preponderante nesta etapa desenvolvimental, contexto que pode dar início à formação de novas vinculações, segundo um processo sequencial, em que, primeiramente, se procura proximidade, posteriormente, a pessoa serve de porto seguro e, por último, assume-se como base de segurança (Costa, 2005; Matos, 2006). De facto, a relação com pares tem muita relevância para o início das experiências amorosas entre os adolescentes (Connolly, Furman, & Konarski, 2000). É sobre as relações românticas durante a adolescência e juventude que continuará a versar o trabalho.

2. As relações românticas durante a adolescência e a juventude

No período da adolescência, o/a jovem, geralmente, procura a companhia de um par, geralmente do sexo oposto, com quem constrói uma relação, em que os sistemas reprodutor, de prestação de cuidados, e de vinculação estão envolvidos (Ainsworth, 1989).

Para a grande maioria dos adolescentes, as relações românticas iniciam-se como se um mistério se tratasse, confrontando-se com inúmeros desafios; porém, este confronto faz parte do processo de desenvolvimento. De facto, e a título de exemplo, as “paixonetas” do início da adolescência por figuras inatingíveis podem constituir experiências importantes de aprendizagem. Há, no entanto, que fazer a distinção entre experiências românticas e relações românticas, contemplando as experiências românticas um conjunto alargado de situações, desde fantasias, a interações, relações de curta duração, até relações duradouras (Tuval-Mashiach, Walsh, Harel, & Shulman, 2008); desta forma, as relações românticas – fenómeno de uma diáde - integram-se nas experiências românticas, assumindo um lugar de destaque nesse tipo de experiência (Collins et al., 2009). As relações românticas diferenciam-se de qualquer outra relação do adolescente - ainda que em muitos aspectos se assemelhe à relação de amizade - em que se identificam características particulares: a relação corresponde a um “padrão mais ou menos prolongado de associação e de interação entre dois indivíduos que reconhecem a existência de ligação

um ao outro” (Brown et al., 1999, p. 3); por norma, é fruto de uma escolha pessoal, voluntária (para a maioria das culturas ocidentais); e, geralmente, envolve atracção intensa ou apaixonada. Porém, a atracção refere-se não só à atracção sexual¹, mas também envolve paixão e amor; geralmente, os adolescentes e jovens manifestam companheirismo, intimidade e cuidado perante o par romântico (Brown et al., 1999; Matos, 2006).

As relações românticas durante a adolescência e juventude evoluem ao longo do tempo, com o aumento da idade e da duração da relação, sendo possível perspectivar as relações amorosas de uma forma desenvolvimental (Brown et al., 1999; Matos, 2006; Seiffge-Krenke, 2003; Shulman & Kipnis, 2001; Shulman, Mayes, Cohen, Swain, & Leckman, 2008; Tuval-Mashiach et al., 2008; Simpson, Collins, Tran, & Haydon, 2007). Aparecendo o grupo de pares como muito importante para a emergência das relações amorosas (Connolly et al., 2000; Matos, 2006), contexto onde os jovens têm a oportunidade de interagir com indivíduos do sexo oposto – e, geralmente, onde se inicia o namoro –; só numa fase posterior, surge a relação romântica como experiência de uma díade (Furman, 2002). Podem conceptualizar-se quatro etapas distintas: uma primeira fase de iniciação ou paixão; seguida da fase afiliativa ou de estatuto; progredindo para a fase do afecto ou relação romântica íntima; até à fase da ligação ou relação romântica comprometida (Matos, 2006). No início da adolescência as relações românticas caracterizam-se, essencialmente, pela afiliação; posteriormente, assiste-se a uma maior procura de proximidade emocional, e os adolescentes revelam maior confiança, capacidade para expressar diferenças e definir fronteiras, e é também numa fase mais tardia que as relações românticas parecem ter um papel preponderante enquanto fonte de apoio e contexto de intimidade. À medida que se desenvolvem no tempo, as relações tendem a evoluir no sentido do compromisso e da exclusividade, e a prestação de cuidados torna-se saliente, podendo evoluir para uma relação de vinculação, sendo o par romântico percepcionado como único e insubstituível e existindo o desejo de manter ou restabelecer a proximidade e a interacção, sendo que a reunião gera sentimentos de satisfação (Ainsworth, 1989; Brown et al., 1999; Matos, 2006). Com efeito, relações românticas dos adolescentes e jovens adultos podem constituir-se como cenários onde se pode avaliar o modelo do *self* e o modelo dos outros em situações de proximidade emocional (Matos, 2002; Matos, 2003; Matos et al., 2001). Desta forma, as relações românticas são susceptíveis de contribuir para a (re)elaboração de um sentido interno de segurança (Matos et al., 2001). De acordo com Ainsworth (1989), o indivíduo pode encontrar a segurança que não tinha na relação com os pais, na relação com outras pessoas que se poderão tornar figuras de vinculação; assim, a relação com o par amoroso pode assumir esta função. Lopez (2009) defende a importância que as relações íntimas

¹ Que se manifesta em alguma forma de comportamento sexual, sendo que valores pessoais, religiosos ou culturais podem constringer tal comportamento.

seguras representam, não só enquanto factor protector relativamente a perturbações, como promotor do desenvolvimento humano, contribuindo para um funcionamento adaptativo, saúde mental, e bem-estar. Inerente à adolescência e juventude está a tarefa de construção da intimidade². Os adolescentes, contudo, situar-se-ão numa pré-intimidade, cujas relações se caracterizam pela ambivalência quanto ao compromisso. Se a vinculação e a autonomia funcionarem como processos complementares, constituir-se-ão relações com investimento caracterizadas pela diferenciação, interdependência e mutualidade; em contrapartida, caso a ligação impeça a separação, o adolescente ou jovem, muito provavelmente, assumirá compromissos precoces, mantendo-se num estatuto de pré-intimidade, ou não investe, saltando de relação em relação, o que poderá levar a um abandono da exploração e ao negar da necessidade de ser amado (Costa, 2005).

Para além das influências entre as relações no grupo de pares e as relações românticas, há que atentar à relação do adolescente com os pais e suas associações com a relação com o par romântico, verificando-se, em ambos os casos, uma influência recíproca (Matos, 2006). De acordo com Crittenden (1997), o modo como os pais lidam com as relações interpessoais influencia as estratégias dos filhos para lidar com as relações, no entanto, tratando-se de uma influência mais complexa do que uma relação linear simples. Com efeito, Barbosa (2002) constatou que quanto maior o peso da inversão de papéis, de ansiedade de separação e de dependência e inibição do comportamento exploratório na relação com os progenitores, maior a dependência e ambivalência na relação romântica.

Efectivamente, as relações românticas parecem centrais para os adolescentes (Brown et al., 1999; Collins et al., 2002; Furman, 2002; Matos, 2006), atente-se na cultura pop ocidental, e na temática predominante das letras das canções e das séries de televisão juvenil; entre-se em linha de conta com os assuntos das conversas dos adolescentes; as questões citadas sugerem o valor das experiências e relações românticas durante a adolescência. Pode afirmar-se que “o romance não corresponde à *única* coisa na cabeça dos adolescentes, mas é aquela que lhes merece mais atenção” (Brown et al., 1999, p.6). A relação amorosa na adolescência e juventude constitui-se como contexto que permite: experienciar uma grande variabilidade de emoções e enormes variações na respectiva intensidade, desenvolver a capacidade de diferenciação entre emoções de valência positiva e negativa, e a capacidade de exprimir emoções de modo apropriado; possibilita, também, a aquisição de competências para regular comportamentos impulsivos. De facto, as relações românticas assumem um importante papel para o desenvolvimento do jovem, contribuindo para a construção de uma autonomia emocional face aos pais e permitindo a diferenciação psicológica do grupo de

² Numa relação de intimidade, ligação e separação correspondem a processos interrelacionados, “a intimidade facilita a reafirmação do *self*, através de uma partilha profunda sem medo da perda da sua identidade.” (Costa, 2005, p. 84).

pares. Por outro lado, a qualidade das experiências românticas também contribui para a tarefa desenvolvimental da construção da identidade, facilitando-a - casos em que a relação romântica se associa a um sentido de valor pessoal - ou inibindo-a – situações em que a relação contribui para o fomento da sensibilidade à rejeição e cria ambivalências. No contexto das relações românticas, o adolescente tem a possibilidade de aprender padrões relacionais, os quais se repercutem (ou podem repercutir) em relações ulteriores; estas relações parecem ainda contribuir para uma maior auto-estima, para o desenvolvimento de relações íntimas com os pares e desenvolvimento da sexualidade (Brown et al., 1999; Collins et al., 2002; Erikson, 1968; Furman, 2002; Furman & Shaffer, 2003; Grover & Nangle, 2007; Matos, 2006). Os adolescentes parecem possuir determinados ideais das relações românticas, parecendo que a satisfação na relação é avaliada por comparação com essa idealização (Morrow & O’Sullivan, 1998; Wayment, 2005).

No entanto, e de acordo com Furman (2002), “as relações românticas na adolescência não são, contudo, simples ‘mares de rosas’.” (p. 178), na medida em que - se afectam de forma positiva o desenvolvimento do jovem – os envoltimentos amorosos são também susceptíveis de o colocarem em risco, de que são exemplo a violência e o abuso (Brown et al., 1999; Furman, 2002; Jouriles, McDonald, Garrido, Rosenfield, & Brown, 2005; Matos, 2006).

Todavia, apesar das relações românticas parecerem assumir uma centralidade na vida dos jovens e contribuírem para o seu desenvolvimento, este traduz-se num tópico de interesse recente na investigação (Brown et al., 1999; Collins et al., 2009; Grover & Nangle, 2007; Matos, 2006; Matos, Barbosa, & Costa, 2001; Seiffge-Krenke, Shulman, & Klessinger, 2001), e negligenciada comparativamente com outros assuntos associados ao período da adolescência, tais como relações com pares, desempenho académico, relações com os pais. Nas palavras de Brown et al. (1999, p. 12), “os adolescentes podem explorar os detalhes do romance adolescente hora após hora em músicas na rádio ou em programas na televisão, mas muitos investigadores adultos parecem estar sintonizados noutra canal”. Collins et al. (2009) mostram como os estudos sobre as relações românticas durante a adolescência se concentram na última década, sofrendo uma evolução ao nível do objecto, assim como da metodologia adoptada. A negligência a que as relações românticas durante a adolescência e juventude têm sido votadas na investigação tem que ver com diversas questões: as teorias das relações amorosas vigentes conceptualizam as relações na idade adulta³, as quais não se adequam aos relacionamentos românticos adolescentes; também, há falta de modelos que conciliem factores individuais com factores situacionais. Por outro lado, geralmente, os estudos debruçam-se mais sobre a relação de amizade, ou, caso se

³ E, a relação romântica assume-se distinta em adolescentes e em adultos (Shulman & Kipnis, 2001).

estude a relação romântica, há tendência para se privilegiar a sexualidade⁴. Uma outra razão para a investigação limitada nesta temática consiste no carácter mutável das relações amorosas no período da adolescência e juventude, a sua curta duração; as relações românticas durante este período são frequentemente consideradas como triviais e de somenos importância a socialização em papéis da idade adulta. A investigação encontra outros obstáculos: pode ser difícil para os jovens falar com adultos acerca das suas experiências românticas; também, por norma, os pais não apreciam a invasão na vida amorosa dos filhos; e, para os órgãos de gestão das escolas, pode parecer uma perda de tempo empreender um estudo sobre uma temática tão mutável. Por último, refira-se questões acerca das tendências de investigação, tendo começando o interesse pela criança, antes do estudo da adolescência e juventude; assim, o estudo das relações românticas durante esta etapa desenvolvimental iniciou-se recentemente. Identificam-se, ainda, motivos económicos, existindo poucos fundos para investigação (Brown et al., 1999; Matos, 2006).

Embora as relações românticas, relações entre pares e relações com os pais sejam distintas, parece que as representações das relações dos jovens estão relacionadas (Furman, Simon, Shaffer, & Bouchee, 2002). Allen e Land (1999) defendem que, com as mudanças cognitivas e emocionais, o jovem desenvolve uma estratégia integrada face às relações de vinculação, tornando-se a percepção do *self* numa relação de vinculação mais interna, e não centrada numa determinada relação. Todavia, Bartholomew (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991) demonstra como o modelo do *self* e o modelo do outro funcionam de modo independente, propondo quatro protótipos de vinculação a partir do cruzamento entre as duas dimensões citadas (cf. Figura 1), os quais se podem considerar no contexto da vinculação romântica. São eles: o protótipo seguro, caracterizado por um sentido de valor próprio associado à crença de que os outros são responsivos; protótipo preocupado, que combina o não se tomar como merecedor de amor com uma avaliação positiva dos outros; protótipo desinvestido, que se concebe como digno de receber amor, combinado com uma disposição negativa face às outras pessoas; e, protótipo amedrontado, que se caracteriza por um sentido de não ser merecedor de amor associado à expectativa dos outros como não são dignos de confiança e/ou rejeitantes.

⁴ Com efeito, a sexualidade traduz-se numa faceta da experiência romântica. Porém, nos estudos em que é privilegiada aquela variável, muitas vezes, se perde a visão de conjunto da relação romântica na sua totalidade, a qual transcende as questões relativas à sexualidade; de facto, se se pretende compreender a sexualidade, urge compreender o contexto onde ocorre que é – por norma – a relação com o par romântico. Por outro lado, a actividade sexual pode acontecer fora de uma relação amorosa.

		Modelo do self	
		Positivo	Negativo
Modelo	Positivo	Seguro	Preocupado
do outro	Negativo	Desinvestido	Amedrontado
<i>Figura 1. Modelo de vinculação proposto por Bartholomew (1990). Adaptado de Bartholomew e Horowitz (1991).</i>			

No estudo de validação de um instrumento que avalia as representações da vinculação amorosa com jovens (Matos et al., 2001), constatou-se uma distribuição dos participantes pelos protótipos de vinculação não coincidente com a maioria dos estudos realizados que se serviram de um sistema de classificação em quatro categorias; com efeito, constatou-se uma menor percentagem de indivíduos seguros, uma percentagem mais elevada de sujeitos preocupados, e mais baixa de desinvestidos; quanto aos sujeitos amedrontados, o valor encontrado situa-se no intervalo apontado por outros estudos. As autoras ponderam a hipótese destes resultados terem que ver com processos desenvolvimentais característicos dos adolescentes na abordagem das relações amorosas: a elevada percentagem de sujeitos preocupados pode estar relacionada com uma procura exacerbada de proximidade com os pares e com a importância atribuída à aceitação dos outros; a percentagem de amedrontados pode traduzir as tentativas de aproximação e afastamento nas relações amorosas dos adolescentes (procurar conciliar necessidades de vinculação e independência).

Como relação de grande proximidade, quer emocional, quer física, as relações amorosas remetem para questões relacionadas com a vivência corporal e com o toque, que pode ser utilizado para demonstrar amor, mas também é susceptível de revelar outros fins e significados. São, efectivamente, os tópicos aludidos que se desenvolvem em seguida.

3. O corpo e o toque

A pele, que corresponde ao maior órgão do corpo humano (Brennan, Wu, & Loev, 1998; Montagu, 1986), é o primeiro veículo de contacto com o mundo e com os outros; ela funciona como uma fronteira relativamente à imagem que damos a conhecer às outras pessoas. Segundo as palavras de Rosen (1961) "todo o esforço humano para transcender o corpo, está condicionado, em certo grau, pelo seu início corporal" (p. 127). Efectivamente, as primeiras experiências do indivíduo são experiências corporais, quer no que se refere a sensações, quer a acções. E, ao longo do desenvolvimento, a dimensão corporal e a relação com o corpo parece essencial à pessoa e à formação e manutenção das suas relações interpessoais. De facto, a adaptação às mudanças corporais da adolescência exerce uma forte influência no indivíduo ao nível do ajustamento social e bem-estar

psicológico; e, uma imagem corporal mais positiva parece estar associada a relações percebidas como mais positivas (Barbosa, 2008; Barbosa et al., 2008). Por outro lado, Orbach e Mikulincer (1998) - a partir do estudo de validação do instrumento que construíram para avaliar a vivência do corpo - sugerem que experiências corporais negativas são susceptíveis de contribuir para comportamento suicida; em contrapartida, experiências positivas com o corpo podem assumir-se com um factor protector relativamente a comportamentos auto-destrutivos, e contribuir para uma optimização do desenvolvimento.

O corpo é especialmente sensível à estimulação que resulta da activação pelo contacto físico, traduzindo uma grande diversidade de sensações (toque, dor, calor e frio, pressão) (Barbosa, 2002; Field, 2001). É através do toque que a pele comunica ao organismo os estímulos provenientes do meio, responsáveis pelo desenvolvimento da experiência do *self* (Kertay & Riviere, 1993). O sentido do toque ou o tacto – o qual “não pode ser ‘desligado’ ou ‘perdido’, como os outros sentidos” (Brennan et al., 1998, p. 418) - contribui para o desenvolvimento do sentido do *self* como autónomo relativamente aos outros e ao mundo: “ser tocado é (...) ser distinguido de” (Buytendijk, 1970, p.100) e “a formação de um sentido de si próprio como separado dos outros começa (...) com o toque” (Brennan et al., 1998, p. 418), correspondendo o tocar a “existir dentro das próprias fronteiras” (Buytendijk, 1970, p.101).

Apesar da investigação acerca do toque ser escassa e recente (Barbosa, 2002; Brennan et al., 1998), este assume-se como um dos primeiros e fundamentais veículos de comunicação (Barker & Buchanan-Barker, 2006; Brennan et al., 1998; Buytendijk, 1970; Durana, 1998; Hertenstein, Verkamp, Kerestes, & Holmes, 2006; Kertay & Riviere, 1993; Montagu, 1986), que se tornou cada vez mais complexo e invade toda a experiência humana. O toque adquire um significado único para a experiência humana, ao nível social e cultural; trata-se de um meio poderoso de expressão de emoções em contextos relacionais, mais ou menos íntimos (Barbosa, 2002).

Porém, o toque - “modo de direccionar a atenção para o mundo” (Buytendijk, 1970, p.101) - transcende funções de comunicação, constituindo-se como crítico para o desenvolvimento, quer humano, quer animal. De facto, o toque assume uma enorme importância para o desenvolvimento desde a infância, e para o bem-estar físico e psicológico (Barbosa, 2002; Barker & Buchanan-Barker, 2006; Barnett, 2005; Durana, 1998; Field, 2001; Field, 2002a; Field, 2002b; Hunter & Struve, 1998; Kertay & Riviere, 1993; Montagu, 1986). Com efeito, ser tocado corresponde a uma necessidade básica (Davis, 1975; Kertay & Riviere, 1993).

Aliás, é possível averiguar o valor do toque atentando aos efeitos da sua privação, pois que esta privação compromete (ou pode comprometer) o desenvolvimento psicológico e físico. A carência de contacto físico pode contribuir para o desenvolvimento de problemas

comportamentais⁵, originar perturbações do sono, debilitar o sistema imunitário, provocar um atraso no desenvolvimento e contribuir para doenças cardiovasculares (Kertay & Riviere, 1993). A perda da sensação do tacto torna as pessoas muito vulneráveis, como é o caso das pessoas com esclerose múltipla (Field, 2001). Durante e na sequência da Segunda Guerra Mundial, foram documentados diversos casos de crianças que se encontravam internadas em orfanatos em situação de mal-estar físico, sendo que se registaram mortes devido à privação de contacto físico, amor e carinho por parte dos cuidadores. Dada a sobrelotação das instituições e o reduzido número de cuidadores, só muito pontualmente as crianças recebiam atenção; estas crianças revelavam inúmeros atrasos no seu desenvolvimento⁶ (Brennan et al., 1998; Kertay & Riviere, 1993; Montagu, 1986). No entanto, com intervenção de alguns meses - nutricional e terapia pelo toque - promoveu-se o desenvolvimento daquelas crianças, de modo significativo. O toque adicional pode, assim, reverter atrasos no desenvolvimento – suscitados pela carência de toque - reforçando a assumpção de que o contacto humano é crucial para um crescimento e desenvolvimento saudáveis. Efectivamente, as crianças dependem do toque para sobreviverem. De acordo com Buytendijk (1970), importante é o aspecto afectivo e emocional das impressões tácteis; com efeito, em crianças, o toque desagradável está geralmente associado a problemas emocionais e comportamentais futuros (Field, 2002a). Durante a adolescência, verifica-se que indivíduos violentos possuem uma história de abuso físico e negligência, e falta de contacto, conclui-se, portanto, que a negligência física pode contribuir para a agressão; adolescentes que, em crianças, receberam menos afeição física manifestam mais comportamentos de auto-estimulação. No caso dos adolescentes violentos, a terapia pela massagem parece ser positiva, fazendo diminuir o comportamento agressivo e promovendo o comportamento empático (Field, 2002b).

A criação de laços, a transmissão de afecto, amor e carinho passa muito pelo toque (Field, 2001; Field, 2002a). Com efeito, caracterizando-se as relações de vinculação como ligações afectivas de proximidade, e pela procura e/ou manutenção de proximidade com a figura de vinculação (Ainsworth, 1989; Costa & Matos, 2006; Matos, 2003), o toque parece ser essencial para a formação e manutenção de vínculos afectivos com figuras significativas, correspondendo ao primeiro modo de comunicação dos pais para com os filhos, e comportamentos como agarrar ou sugar permitem ao bebé aproximar-se da figura de vinculação (Matos, 2003).

Todavia, apesar da importância crucial do toque e de, em algumas sociedades, o toque e a

⁵ Concretamente, comportamentos delinquentes e violentos.

⁶ De que são exemplo: peso muito abaixo do normal, atraso no desenvolvimento psicomotor e atraso no desenvolvimento da linguagem.

ligação emocional através dele serem uma constante⁷, existem muitas culturas - concretamente, as culturas ocidentais - pautadas por uma carência de afecto e de comunicação de sentimentos através do toque (Barnett, 2005; Field, 2001; Montagu, 1986). Isto prende-se com tabus culturais em relação ao significado do toque, cuja emergência advém da confusão entre toque afectuoso e toque erótico ou sexual⁸. De facto, não raras vezes, as pessoas conotam o contacto físico com questões relacionadas com a sexualidade (Barbosa, 2002; Hunter & Struve, 1998).

O trabalho prossegue no âmbito do toque, especificando-se o campo de análise para as significações e experiências que o contacto físico suscita, no seio das relações com o par amoroso.

4. A experiência emocional do toque no contexto das relações românticas

O contacto físico assume grande relevo no âmbito das relações interpessoais em geral, e das relações íntimas em particular (Gulledge et al., 2007); expressões como *to keep in touch* (manter o contacto) (Dindia, Timmerman, Langan, Salstein, & Quandt, 2004) sugerem a importância do toque para as relações humanas. Field (2001) aponta para a importância de, quotidianamente, abraçar-se o filho, amigo, pai, mãe, avó, avô, primo, colega, e de pegar na mão de alguém e dizer-lhe o quanto gosta dela. Contudo, a investigação acerca do toque e do contacto físico no seio das relações românticas escasseia (Barbosa, 2002; Brennan et al., 1998; Gulledge, Gulledge, & Stahmann, 2003). Efectivamente, desde logo, nos confrontamos com a dificuldade de medir o citado constructo, uma vez que – aquando da revisão bibliográfica neste domínio – apenas se contactou com um instrumento (o qual descrever-se-á seguidamente); por outro lado, parece que o toque terá sido explorado noutros âmbitos que não as relações românticas durante a adolescência e a juventude, concretamente no seio de outras sociedades (Barnett, 2005; Field, 2001), e durante outras etapas desenvolvimentais, nomeadamente a infância (Brennan et al., 1998; Kertay & Reviere, 1993).

Hertenstein et al. (2006) salientam o papel do toque ao nível de múltiplas questões associadas às relações amorosas: comunicação emocional, vinculação, concordância, poder, intimidade, e afeição. Uma voz ou um olhar podem despertar a atenção, no entanto, o toque chama a atenção de forma especialmente íntima; de acordo com Buytendijk (1970), ‘estar a dois’ traduz a característica fundamental do toque. Quando nos referimos ao toque, ao tocar e ser tocado, é adequado considerar quem toca quem, que zonas corporais são

⁷ São exemplos de sociedades de toque, o Uganda, a Índia e o Japão.

⁸ A título ilustrativo, educadoras de infância não tocam, muitas vezes, nas crianças com receio de acusação de abuso sexual (Field, 2002a).

tocadas, as circunstâncias em que o contacto ocorre, bem como o tipo de toque (Willis & Rinck, 1983). Tocar e ser tocado parece intrínseco às relações românticas, sobretudo no período da adolescência e juventude, em que a atracção apaixonada é saliente (Brown et al., 1999). Durante este período desenvolvimental, o corpo aparece como importante na relação com pares, uma vez que o encetar dos relacionamentos com o sexo oposto remete para um aumento do contacto físico e exposição do corpo (Barbosa, 2008; Barbosa et al., 2008). Brennan et al. (1998) sugerem considerar o toque no contexto relacional como um importante tópico merecedor de estudo sobre a vinculação romântica na idade adulta e defendem como quadro teórico a teoria da vinculação; considerando o contacto físico como facilitador da construção da relação de vinculação ao par amoroso durante a adolescência e juventude, crê-se que o toque será igualmente merecedor de atenção durante aqueles períodos. O'Sullivan, Mantsun, Harris e Brooks-Gunn (2007) traçam uma trajectória dos acontecimentos sociais, românticos e sexuais no seio da relação amorosa dos adolescentes, constatando que os eventos sociais e românticos – tal como passar tempo com o companheiro ou dar as mãos – surgem como muito mais frequentes que eventos sexuais e, geralmente, precedem-nos.

No contexto do presente estudo faz sentido aludir ao conceito afeição física (*physical affection*), que abarca qualquer toque com intenção de despertar sentimentos de amor na pessoa que os recebe. Parece que massajar, acariciar, abraçar, dar as mãos e beijar associam-se a diversos aspectos positivos da relação amorosa, como sejam: a satisfação na relação, compromisso, intimidade psicológica, sentir-se compreendido, desenvolvimento de relações de vinculação (efectivamente, o contacto continuado cria vínculos), e uma mais construtiva resolução de conflitos (Gulledge et al., 2003; Gulledge et al., 2007; Welsh, Haugen, Widman, Darling, & Grello, 2005).

Brennan et al. (1998) construíram aquele que será o primeiro instrumento que procura avaliar a experiência emocional do toque no contexto de relações românticas. Trata-se de um instrumento de auto-relato, enquadrado à luz da teoria da vinculação, que veicula um carácter multidimensional do constructo. Em Portugal, Barbosa (2002) desenvolveu um estudo exploratório acerca da contribuição do toque para o estabelecimento e manutenção das relações de vinculação, recorrendo ao instrumento descrito. Os dois trabalhos remetem para a conclusão de que a experiência emocional do toque se constitui como canal poderoso de expressão pessoal e de comunicação com o outro significativo, assim como para a compreensão das múltiplas vivências, experiências e significados atribuídos ao toque na relação com o par amoroso. Gulledge et al. (2007) corroboram o carácter multidimensional do toque, variando as suas interpretações em função do tempo, das

circunstâncias e modo como a pessoa se sente no momento em questão⁹ (Buytendijk, 1970), da quantidade e qualidade, da motivação, da qualidade da relação amorosa e da cultura (Barbosa, 2002; Brennan et al., 1998). Constatou-se padrões de experiência de toque dependendo do padrão de vinculação amorosa: indivíduos seguros e preocupados com valores elevados em usar o toque para exprimir afecto, os evitantes são quem menos o usa para esta finalidade; evitantes demonstram elevada aversão ao toque, seguidos pelos preocupados, e os seguros são aqueles que menos revelam aversão; amedrontados e preocupados transparecem elevado desejo de mais toque, seguidos de desinvestidos e seguros; o toque securizante é mais utilizado pelos sujeitos com um padrão preocupado, seguidos pelos seguros, amedrontados, e desinvestidos. Seguros e preocupados apresentam valores baixos no desconforto do toque em público e valores elevados no uso do toque para exprimir sexualidade. Amedrontados e preocupados servem-se muito do contacto físico para expressar controlo coercivo, seguidos pelos desinvestidos e seguros. Parece que o evitamento – reduzido uso do toque afectuoso e securizante, e elevada aversão ao toque - separa os desinvestidos e amedrontados dos seguros e preocupados; e, a ansiedade - elevada privação de toque e uso do toque enquanto expressão de controlo coercivo - distingue os amedrontados e preocupados dos seguros e desinvestidos (Brennan et al., 1998).

Se tivermos em consideração as dimensões relacionais paixão e compromisso, verifica-se que indivíduos em cujas relações estão presentes ambas as dimensões, usam mais o toque securizante e o toque para demonstrar afecto, e são os que menos imploram mais toque dos companheiros, também são os que apresentam menos aversão ao toque (Brennan et al., 1998). Constata-se que a confiança no par amoroso se relaciona com experiências de toque agradáveis - o toque serve para demonstrar afecto, é fonte de apoio, e serve para exprimir sexualidade; em contrapartida, o evitamento relaciona-se com vivências negativas em relação ao contacto físico, nomeadamente demonstração de aversão e agressividade e desejo de mais toque. Encontram-se também associações entre a qualidade da relação com os pais e o modo como o contacto físico é interpretado na relação romântica: a inversão de papéis, a ansiedade de separação, bem como a dependência e inibição da exploração e individualidade na relação com os progenitores relacionam-se com uma experiência negativa quanto ao toque com o par romântico, traduzida em demonstração de aversão e agressividade e desejo de mais toque. Outras variáveis a ter em conta para se compreender a existência de diferentes experiências emocionais relativamente ao tocar e ser tocado correspondem: à duração da relação, em que, tendencialmente, o evitamento do contacto físico diminui com o tempo da relação; ao género (em que os homens utilizam mais o toque para exprimir sexualidade e parecem sentir mais privação do toque, as mulheres, servem-se

⁹ A título de exemplo, uma carícia pode ser expressão de amor, mas também de pena.

dele para demonstrar carinho); e, à idade do indivíduo (o jovem adulto é quem mais usa o toque sexual; o uso do toque para demonstrar carinho e como elemento securizante decresce ao longo das faixas etárias, e o toque como expressão de agressividade e aversão aumenta) (Barbosa, 2002; Brennan et al., 1998). Pode estabelecer-se uma relação entre as diferentes atitudes face ao toque na relação romântica: quanto maior for a utilização do toque para exprimir carinho e afecto, maior será a sua utilização para exprimir a sexualidade, e maior será a utilização do toque como elemento securizante na relação; por outro lado, verifica-se que quanto mais os sujeitos usam o toque para exprimir aversão e agressividade, mais exprimem desejo de mais toque na sua relação (Barbosa, 2002). Diferenças quanto ao modo como se experiencia o tocar e o ser tocado têm que ver com a história desenvolvimental do indivíduo, sendo influenciado quer por experiências relacionais mais precoces quer por mais tardias, bem como por factores relacionados com a cultura em que o indivíduo se insere (Brennan et al., 1998).

Capítulo II: Estudo empírico

1. Objectivos e hipóteses de investigação

Como objectivo central, pretende-se compreender a experiência emocional do toque associada a questões da qualidade das relações amorosas. Partindo do objectivo central definido, estabeleceram-se objectivos mais específicos, bem como se definiram hipóteses de investigação, a partir da revisão da literatura efectuada.

Um *primeiro objectivo* consiste em compreender de que modo vivenciam os jovens as suas relações amorosas, mais concretamente, como se caracteriza a vinculação ao par romântico. Parte-se da hipótese que, maioritariamente, o/a namorado/a se constitua como figura de vinculação, funcionando quer como base segura facilitadora da exploração do mundo, quer como refúgio de segurança que proporciona apoio em situações ameaçadoras. (Barbosa, 2002; Barbosa, 2008; Matos, 2002). Pretende-se, também, averiguar a existência de configurações específicas na organização das dimensões para a vinculação ao par romântico. Particularmente, almeja-se investigar se se identificam grupos homogêneos nos dados, e – no caso afirmativo – se correspondem à tipologia definida por Bartholomew (1990). Parte-se da conjectura de que os jovens se agruparão em quatro configurações distintas quanto à vinculação amorosa: seguros; preocupados; desinvestidos; e, amedrontados (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991).

Um *segundo objectivo* refere-se a averiguar os significados que os jovens atribuem ao toque no seio das relações e experiências românticas, e com que intuito se servem daquele. Crê-se que a utilização do toque sirva, sobretudo, como forma de mostrar emoções de valência positiva e expressar afecto relativamente ao outro, mas espera-se também que o contacto físico assuma outras significações e outros fins (Barbosa, 2002; Brennan et al., 1998). Pretende-se identificar o conjunto de variáveis capazes de predizer o modo como é interpretado e utilizado o contacto físico, no seio da relação - ou, experiência – romântica; efectivamente, pretende-se investigar o modelo de previsão, bem como a importância relativa de cada variável. Considera-se que se constituem como preditores: a vinculação amorosa (Barbosa, 2002; Brennan et al., 1998) e a duração da relação romântica (Barbosa, 2002); o modo como o toque é experienciado na família do jovem; a sua idade (ibid.); o modo como decorreu a adaptação às mudanças corporais durante o período da puberdade, uma vez que estas se relacionam com a imagem corporal, que tem implicações ao nível da relação amorosa (Barbosa, 2008); e, o grau de satisfação com a vida sexual. Com efeito, a sexualidade tende a constituir-se como preditor da qualidade da relação romântica durante a adolescência (Welsh et al., 2005), pelo que se espera que seja variável preditora da experiência emocional do toque no seio da relação.

Como *terceiro objectivo*, pretende-se observar as relações entre a qualidade da relação romântica e a forma como o toque é experienciado no contexto da relação. Assume-se que a vinculação amorosa está associada a diferentes interpretações e significados quanto a tocar e ser tocado pelo/a companheiro/a (Barbosa, 2002; Brennan et al., 1998; Gullledge et al., 2003; Hertenstein et al., 2006; Welsh et al., 2005). Partindo da afirmação de Brennan et al. (1998), de que atitudes face ao toque provavelmente reflectem a existência de dinâmicas de vinculação nas relações, coloca-se a hipótese de que a *confiança* – entender o/a namorado/a como capaz de preencher as necessidades de vinculação – e a *dependência* – necessitar de proximidade emocional e física e experienciar ansiedade na relação e medo da perda – estarão positivamente associadas com experiências de toque mais positivas; contudo, a *dependência* associar-se-á, conjuntamente, ao perceber de carência de toque por parte do par amoroso. Por outro lado, o *evitamento* – descrever da figura amorosa como capaz de preencher as necessidades de vinculação – associar-se-á de forma positiva ao sentir aversão relativamente ao contacto físico (Barbosa, 2002). Paralelamente, é objectivo do trabalho observar se as supracitadas configurações específicas face ao par romântico – caso se apurem – se diferenciam face à experiência emocional do toque no contexto da relação romântica. Crê-se que jovens com uma vinculação segura ao par romântico terão experiências de toque que lhes proporciona prazer – enquanto modo de mostrar afecto, carinho, amor – e recorrerão ao contacto físico em situações de ansiedade, como fonte de apoio. Por sua vez, jovens inseguros atribuirão ao toque significados mais negativos: formula-se a hipótese de que os indivíduos com um padrão de vinculação preocupado procurem e desejem o toque de forma exacerbada; os amedrontados terão atitudes ambivalentes face ao contacto físico; e, os sujeitos com um padrão de vinculação desinvestido serão aqueles que mais revelam aversão ao toque com o par romântico (ibid.).

De acordo com Gupta e Schork (1994), é importante de ser educado com toque para o desenvolvimento da imagem corporal, que, por sua vez se relaciona com a qualidade da relação amorosa (Barbosa, 2008). Um *quarto objectivo* corresponde a investigar em que medida a relação entre a qualidade da relação amorosa e a experiência emocional do toque sofre influência do modo como o contacto físico é tido na família do jovem. Na ausência de estudos que se debruçassem sobre aquelas relações, parte-se da hipótese que a expressividade do toque na família criará um contexto que terá implicações ao nível da relação entre a vinculação ao par romântico e o modo como se interpreta e como se recorre ao toque com o mesmo: jovens inseridos em meios familiares onde o contacto físico é tido como habitual, onde o tocar e ser tocado funciona quer como base segura que permite a exploração, quer como refúgio de segurança em situações ameaçadoras, e, igualmente, onde existe à-vontade para conversar sobre questões relacionadas com o corpo perceberão de forma mais positiva o contacto físico na sua relação amorosa.

Definiu-se como *quinto objectivo* analisar o efeito de variáveis sócio-demográficas na vinculação ao par romântico e na experiência emocional do toque, e ainda o efeito do estatuto relacional (i.e. ter uma relação amorosa no presente; ter tido uma relação no passado; ter experiências românticas não inseridas num relacionamento) e da duração da relação romântica nos constructos aludidos. Considera-se que existem diferenças segundo o género quanto à vinculação amorosa e ao modo como tocar e ser tocado é experienciado. Com efeito, estudos revelam diferenças entre mulheres e homens em termos do modo como percebem a relação romântica: enquanto que os homens parecem perceber de modo mais positivo a relação amorosa (Shulman & Kipnis, 2001), as mulheres parecem atribuir um significado mais negativo à ruptura do relacionamento, bem como às tentativas de reconciliação por parte do par amoroso (Jackson & Ebnet, 2006). Os trabalhos que se centraram na experiência emocional do toque evidenciaram diferenças em função do género, pelo que se espera que os jovens do sexo feminino utilizarão mais o toque para comunicar afecto, e os jovens do sexo masculino servir-se-ão mais daquele para exprimir sexualidade e sentir-se-ão mais privados do toque (Barbosa, 2002; Brennan et al., 1998). Reconhecendo-se uma dimensão desenvolvimental nas relações românticas durante a adolescência e juventude (Brown et al., 1999; Matos, 2006; Seiffge-Krenke, 2003; Shulman & Kipnis, 2001; Shulman et al., 2008; Tuval-Mashiach et al., 2008; Simpson et al., 2007), parte-se da hipótese que existam diferenças em função da idade e da duração da relação romântica dos jovens: crê-se que jovens mais velhos, bem como jovens que têm uma relação amorosa mais duradoura perceberão de forma mais positiva a qualidade da relação romântica, e tenderão mais a ver o par como figura de vinculação capaz de funcionar como base segura e refúgio de segurança, face aos mais novos e àqueles com uma relação romântica mais recente (Shulman & Kipnis, 2001; Matos, 2006). Também, pensa-se ser os mais velhos e os jovens com figura amorosa há mais tempo aqueles que mais recorrem ao contacto físico com conotação sexual (Barbosa, 2002; O'Sullivan et al., 2007), contudo espera-se que também sejam aqueles que menos se sirvam do toque para demonstrar carinho e mais sintam aversão face ao toque (Barbosa, 2002; Brennan et al., 1998); crê-se, ainda, que relações mais duradouras se associem a uma diminuição no que toca à aversão ao toque (ibid.) e, a uma dependência do par romântico mais elevada e a um mais reduzido evitamento (Barbosa, 2002).

Finalmente, o último e *sexto objectivo* consiste em contribuir para o desenvolvimento da metodologia de avaliação da expressividade do toque na família.

2. Método

2.1 Participantes

Desenvolveu-se uma amostragem de conveniência, tendo os dados sido recolhidos por motivos de proximidade e/ou disponibilidade dos participantes; de forma a minorar o efeito tendencioso do referido processo de amostragem, procurou-se incrementar o tamanho da amostra, bem como recolher dados junto de estudantes das mais diversas áreas e instituições. Apresenta-se, de forma exaustiva, a caracterização dos participantes no estudo, em anexo ao trabalho (Anexo 4).

A amostra final constituiu-se a partir de um maior número de sujeitos, tendo sido eliminados os dados relativos a (a) pessoas com idade superior a 25 anos, e a (b) pessoas casadas – de forma a minimizar o efeito de variáveis parasitas - como também se ignoraram (c) protocolos cuja fiabilidade fosse posta em causa. A citada pré-selecção resultou numa amostra inicial de 446 participantes, tendo sido retirados 32 sujeitos (4.5% da amostra inicial), por não cumprirem o critério de possuir experiências românticas.

No que se refere à amostra definitiva, participaram no estudo um total de 414 estudantes de ensino superior, com idades compreendidas entre os 17 e os 25 anos de idade ($M = 19.89$, $DP = 1.68$), dos quais 282 (68.1%) pertencem ao sexo feminino e 132 (31.9%) pertencem ao sexo masculino. A amostra é constituída maioritariamente por estudantes (85.6%), e inclui também estudantes-trabalhadores (14.4%), todos a frequentar cursos de nível superior (num total de 23), do 1º ao 5º ano, em 18 instituições, públicas e privadas¹⁰.

Os jovens vivem, predominante, com a família intacta (78.3%), outros co-habitando em família monoparental, quer com a mãe (9.7%), quer com o pai (1.7%), 3.6% dos jovens vivem sozinhos, participantes há ainda que vivem com o par amoroso (2.2%), com os avós (1.7%), ou se consideram numa outra situação que não as citadas (2.4%). Na sua maioria (35.6%), os pais dos sujeitos são casados entre si, 10.3% são filhos de pais separados ou divorciados, existindo ainda casos de viuvez (4.2%). A escolaridade dos pais varia entre o nível básico e o doutoramento, situando-se nos 8 a média de anos de escolaridade, para a mãe ($M = 8.18$, $DP = 4.33$) e para o pai ($M = 8.15$, $DP = 4.37$). No que à fratria diz respeito, 18.3% dos participantes não tem irmãos, 54.7% tem um irmão e 17.1% tem dois; 9.9% dos

¹⁰ Apresentam-se as instituições de ensino superior frequentadas pelos participantes, as quais abarcam os dois subsistemas de ensino superior – universitário e politécnico – públicos e privados, ordenadas de modo decrescente considerando o respectivo número de participantes: Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (ISCAP); Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP); Instituto Superior de Ciências da Saúde - Norte (ISCS-N); Universidade Fernando Pessoa (UFP); Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (FCUP); Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP); Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP); Instituto Superior Politécnico Gaya (ISPGaya); Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa (ISCAL); Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD); Faculdade de Economia da Universidade do Porto (FEP); Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP); Instituto Português de Administração de Marketing (IPAM); Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão (ESEIG); Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo (ESMAE); Universidade Lusófona do Porto; Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco (ESART); Escola Superior de Tecnologia de Viseu (ESTV).

jovens integra uma fratria de quatro ou mais elementos. A idade dos irmãos dos sujeitos oscila entre os 6 meses e os 43 anos.

A maior parte dos jovens que participaram na presente investigação (61.4%) tem uma relação amorosa no presente, 35.0% dos jovens teve um relacionamento no passado, e 3.6% tem tido experiências amorosas (que designamos por “curtes”). Daqueles que têm ou tiveram um par romântico, a duração dos relacionamentos estende-se entre 3 dias e 8 anos, correspondendo a duração média a um período de 23 meses ($M = 22.86$, $DP = 18.81$); a relação amorosa tem ou teve uma duração inferior a um ano para 28.6% dos jovens, 20.8% dos sujeitos namoram/namoraram entre 1 e 2 anos, para 14.0% dos participantes, o relacionamento estende-se/estendeu-se entre o período de 2 a 3 anos, e 36.6% namora/namorou durante um espaço de tempo superior a 3 anos. A maioria dos participantes (59.1%) tem/teve uma vida sexual activa com o/a namorada, seguem-se aqueles que têm/tiveram relações sexuais esporádicas (23.5%), e, finalmente, 13.4% dos jovens nunca tiveram relacionamento sexual com o par amoroso. Na sua grande maioria, os participantes têm uma orientação heterossexual, 1.8% das pessoas têm uma orientação homossexual, e 1.3%, bissexual.

2.2 Instrumentos

No âmbito do estudo empírico que se descreve, recorreu-se à utilização de instrumentos de auto-relato, a saber: *Questionário da Vinculação Amorosa* (QVA); *Questionário da Experiência Emocional do Toque* (QEET); *Questionário da Expressividade do Toque na Família* (QETF); e ainda um questionário sócio-demográfico.

Realizou-se uma reflexão falada¹¹, com o objectivo de averiguar se os participantes compreendiam os diversos itens constitutivos do protocolo de recolha de dados. Este pré-teste foi levado a cabo com oito sujeitos, os quais possuem características semelhantes aos participantes do estudo, e contemplam também alguma diversidade. Os participantes da reflexão falada distribuem-se igualmente pela variável sexo (viz., 4 sujeitos do sexo feminino e 4 sujeitos do sexo masculino) e têm idades compreendidas entre os 19 e os 23 anos¹². No final ou durante o preenchimento do protocolo, todas as dúvidas e sugestões apontadas foram registadas, assim como se atentou ao tempo dispendido na tarefa; não foram recolhidos os protocolos preenchidos pelos sujeitos. O descrito processo de reflexão falada conduziu a um aperfeiçoamento do protocolo de recolha de dados, cuja versão final se apresenta em anexo ao trabalho (Anexo 3). Concretamente, no decurso do pré-teste

¹¹ Em anexo (Anexo 2A), exhibe-se as instruções lidas aos sujeitos que participaram na reflexão falada do instrumento.

¹² Para ter acesso à caracterização dos participantes da reflexão falada, consultar o Anexo 2B.

procedeu-se a (a) alterações na formulação de determinados itens, no sentido de os tornar mais claros; (b) reformulação de algumas instruções, de forma a torná-las mais perceptíveis; (c) modificações quanto à ordenação de questões, procurando colocar aquelas relativas à vida pessoal – como seja o estatuto relacional, duração da relação, e vida sexual com namorado/a – no final do protocolo; e, (d) aperfeiçoamento da formatação - através da redução do espaçamento e apresentação do número do item a negrito e alinhamento idêntico – de modo a tornar o questionário mais apelativo.

Descreve-se, seguidamente, cada instrumento de avaliação aludido anteriormente, descrição essa que abarca a respectiva estrutura factorial e as associações entre as dimensões que o compõem.

2.2.1 Questionário da Vinculação Amorosa (QVA)

Com o intuito de aceder à vinculação ao par romântico, utilizou-se o Questionário da Vinculação Amorosa, QVA (Matos, Barbosa, & Costa, 2001), instrumento desenvolvido especificamente para avaliar a relação amorosa em adolescentes e jovens adultos, segundo o quadro teórico da Teoria da Vinculação. Trata-se de um instrumento de auto-relato composto por 52 itens, organizados segundo quatro dimensões (cada dimensão congregando 13 itens), nomeadamente: *confiança*, que engloba itens que avaliam as percepções acerca da responsividade do par amoroso para satisfazer as necessidades do próprio, e em que medida aquele é visto como fonte de conforto e apoio e funciona como base segura que incentiva a exploração; *dependência*, os itens que a compõem avaliando a necessidade de proximidade física e emocional, a ansiedade de separação e o medo da perda (itens que surgem relacionados ao protótipo de vinculação preocupado, considerando a tipologia de Bartholomew, 1990); *evitamento*, cujos itens avaliam o papel secundário do par amoroso no preenchimento de necessidades de vinculação, e a centração na própria capacidade de resolução de problemas (itens associados ao protótipo desinvestido); e, *ambivalência*, que corresponde à insegurança do sujeito, expressa numa forte irritabilidade face a situações imprevisíveis e na dúvida sobre o papel que desempenha enquanto figura amorosa e sobre as suas emoções relativamente ao par romântico.

O QVA tem evidenciado boas qualidades psicométricas em diversos estudos (Barbosa, 2002; Barbosa, 2008; Rocha, 2008; Santos, 2005).

2.2.2 Questionário da Experiência Emocional do Toque (QEET)

Recorreu-se ao Questionário da Experiência Emocional do Toque, QEET¹³ (Brennan, Wu, & Loev, 1998), construído com base na Medida de Evitamento do Toque de Andersen e Leibowitz (1978). Este instrumento avalia as diferenças individuais quanto às atitudes face ao toque no contexto das relações românticas. Consiste num instrumento de auto-relato, composto por 51 itens, agrupados em sete dimensões, nomeadamente: *desejo de mais toque*, cujos 8 itens avaliam o sentir-se privado de toque e o desejo de mais toque do par amoroso; *toque como demonstração de afecto* (formada por 9 itens), que avalia o uso do toque para comunicar afecto e obter proximidade emocional; *toque sexual*, cujos 7 itens dizem respeito à interpretação sexual do toque e à utilização do toque para comunicar intimidade sexual; *aversão ao toque* (constituída por 8 itens), que se relaciona com o desdém face ao toque, e com a interpretação do toque como ameaçador, intrusivo ou aborrecido; *desconforto com toque em público*, os 5 itens que a compõem concernem ao conforto relativamente a tocar e ser tocado pelo par amoroso em público; *controlo coercivo*, que agrega 6 itens, os quais avaliam a utilização do toque para exercer controlo (especificamente, abarcam agressão e dominação); por último, *toque securizante* (composta por 8 itens), que tem que ver com o recorrer à figura amorosa como porto de abrigo.

Barbosa (2002), num estudo em Portugal, constatou que o instrumento apresenta boas qualidades psicométricas.

2.2.3 Questionário da Expressividade do Toque na Família (QETF)

Com o intuito de aceder ao contacto físico dos jovens no contexto familiar, e visto não existir um instrumento que avalie esse constructo, desenvolveu-se, a título exploratório e especificamente para o efeito, um instrumento que o avaliasse. O QETF foi originariamente constituído por uma *pool* de 19 itens, os quais se apresentaram – individualmente - a três peritas na área¹⁴, às quais se solicitou a selecção de seis entre a totalidade dos itens¹⁵. Os itens avaliam o clima familiar relativamente ao contacto físico, reportando-se à infância do jovem, quer no que concerne a ser (ou não) habitual os seus elementos tocarem-se, e o contacto promover o sentido de segurança, quer no que respeita a questões relacionadas com à-vontade com o corpo.

¹³ Serve-se - no presente estudo - da citada designação, também utilizada por Barbosa (2002), embora as autoras do instrumento original não lhe tenham atribuído um nome.

¹⁴ Agradece-se a colaboração e atenção dispensadas pelas Professora Doutora Emília Costa, Professora Doutora Cidália Duarte, e Professora Doutora Raquel Barbosa, as quais se revelaram da maior relevância para o prosseguimento da investigação.

¹⁵ Apresenta-se, em anexo, o documento redigido e dirigido às peritas na área, solicitando a colaboração através da selecção dos itens que constituiriam o QETF, o qual inclui os 19 itens iniciais (Anexo 1).

2.2.4 Questionário sócio-demográfico

Criou-se o supracitado questionário, com a finalidade de recolher uma diversidade de dados acerca dos jovens, alguns dos quais tidos em consideração no estudo; outros, eventualmente a ser utilizados para futuras e mais aprofundadas investigações. O questionário sócio-demográfico abarcou o sexo, idade, ocupação, estado civil dos pais e respectiva escolaridade, número e idades dos irmãos, com quem vive o participante. Conjuntamente, incluiu-se o posicionamento face à adaptação às mudanças físicas pubertárias, estatuto relacional e duração da relação romântica (caso exista), experiência e satisfação com a vida sexual, e vida sexual com o par amoroso (caso exista). Englobou ainda a orientação sexual, e eventuais situações de abuso – psicológico, físico e/ou sexual.

2.3 Procedimento

De modo a minimizar efeitos de enviesamento causado pelos questionários prévios e/ou pelo cansaço, construiu-se duas versões – A e B - do protocolo, que correspondem a dois agrupamentos com ordenações diferentes da apresentação dos instrumentos; efectivamente, o que está em causa é a alternância de apresentação dos QVA e QEET¹⁶. 202 participantes (48.8%) tiveram acesso à versão A, e 212 (51.2%) preencheram a versão B.

A recolha de dados ocorreu entre os dias 10 de Dezembro de 2008 e 11 de Março de 2009. Na sua maioria, a administração dos protocolos realizou-se directamente pela investigadora na instituição de ensino superior frequentada pelos participantes, por vezes com o auxílio de docentes; outros participantes tiveram acesso ao instrumento através de um elemento mediador que colaborou na investigação¹⁷. De modo geral, o protocolo não suscitou reparos, nem se assistiu a recusa quanto à participação no estudo¹⁸; os sujeitos preencheram o protocolo durante um período de tempo entre os 15 e os 30 minutos.

3. Resultados

¹⁶ Elaboraram-se as versões A e B do protocolo, as quais diferem apenas na ordem de apresentação do QVA e do QEET, aparecendo na versão A esta ordenação; na versão B, o QEET antecede o QVA.

¹⁷ Agradece-se a colaboração dos docentes, bem como dos mediadores, pois permitiram que se obtivesse uma amostra extensa e diversificada.

¹⁸ Aliás, não raros foram os momentos em que alguns jovens mostravam elevado interesse pela investigação em curso, colocando questões e solicitando a divulgação dos resultados do estudo. Tais questões foram esclarecidas após a administração dos questionários, e – no que se refere às conclusões – mostrámo-nos disponíveis para as divulgar, assim que fosse possível.

Na presente secção, expõem-se os resultados do estudo empreendido, apurados com recurso ao software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS).

3.1 Estudo da qualidade psicométrica dos instrumentos

Apresentam-se a estrutura factorial e a análise de consistência interna (*Alpha* de Cronbach) para as dimensões abarcadas pelos instrumentos, avaliando a respectiva fiabilidade, e, posteriormente exibem-se as correlações inter-dimensão para os QVA e QEET¹⁹.

3.1.1 Questionário da Vinculação Amorosa (QVA)

3.1.1.1 Estrutura factorial²⁰

Garantida a susceptibilidade da matriz ser submetida a procedimentos de análise factorial mediante o teste de validade da análise factorial Kaiser-Meyer-Olkin ($KMO = 0.920$), associado ao facto do teste de esfericidade de Bartlett se revelar significativo [$\chi^2(1326) = 8349.095$, $p < .001$], recorreu-se ao método estatístico da Análise Factorial Exploratória em Componentes Principais, com rotação *Varimax* (Pereira, 2003; Pestana & Gageiro, 2008). Os itens foram sujeitos à rotação duas vezes, tendo-se, para a segunda, eliminado sete dos 52 itens originais (pois apresentavam saturações próximas em dois factores distintos). A partir do citado procedimento, foram extraídos quatro factores, pelo que se replica a estrutura do instrumento, estrutura essa apoiada pelo “Teste do Cotovelo”. O instrumento utilizado no estudo é, por conseguinte, composto por 45 itens, organizados em quatro factores, que explicam 43.82% da variância total.

A dimensão *evitamento* congrega 13 itens e explica 13.87% da variância total, e as saturações oscilam entre 0.49 e 0.71; a dimensão *confiança* inclui 10 itens e explica 11.83% da variância total, variando as saturações entre -0.41 e 0.68; quanto à dimensão *dependência* (composta por 12 itens), esta explica 9.28% da variância total, e as saturações variam entre 0.33 e 0.67; no que concerne à dimensão *ambivalência*, trata-se de uma dimensão constituída por 10 itens, que explica 8.85% da variância total, e as respectivas saturações variam entre 0.39 e 0.62.

3.1.1.2 Análise de consistência interna

Constata-se valores elevados no coeficiente *Alpha* de Cronbach para as quatro dimensões do QVA: .86 para a dimensão *evitamento*; .85 para a *confiança*; .84 para a *dependência*; e, .79 para a *ambivalência* (Anexo 5B).

¹⁹ É omitido o QETF, uma vez que se trata de um instrumento constituído apenas por uma dimensão.

²⁰ Em anexo (Anexo 5A), apresentam-se as medidas de adequabilidade do procedimento de análise factorial, a variância explicada pelos quatro factores, o “Teste do Cotovelo”, assim como os itens e respectivas saturações ao longo daqueles factores.

3.1.1.3 Correlações inter-dimensão

As quatro dimensões que compõem o QVA estão correlacionadas significativamente, com excepção das dimensões *dependência* e *ambivalência* ($r = .07$, *ns*). Com efeito, a *confiança* surge correlacionada negativamente ao *evitamento* ($r = -.56$, $p < .001$) e à *ambivalência* ($r = -.47$, $p < .001$), e positivamente à *dependência* ($r = .37$, $p < .001$); as dimensões *dependência* e *evitamento* correlacionam-se de forma negativa ($r = -.49$, $p < .001$); por último, o *evitamento* e a *ambivalência* correlacionam-se positivamente ($r = .29$, $p < .001$), embora a associação entre as dimensões aludidas se apresente menos intensa, comparativamente com as associações supracitadas (Anexo 5C).

3.1.2 Questionário da Experiência Emocional do Toque (QEET)

3.1.2.1 Estrutura factorial²¹

Para a investigação em causa, das sete dimensões do instrumento original, excluíram-se as dimensões *desconforto com o toque em público*, *controlo coercivo*, e *toque como refúgio de segurança*. As dimensões foram seleccionadas de acordo com critérios substantivos de conteúdo e critérios metodológicos de funcionamento do instrumento [concretamente, averiguando as dimensões mais redundantes, com base nas correlações entre si, obtidas por Brennan et al. (1998) e Barbosa (2002), bem como identificando as dimensões que maior relevância encerram para o estudo, a partir das suas correlações com variáveis relacionadas com a vinculação]. Desta forma, o instrumento utilizado compõe-se de quatro dimensões: *toque como demonstração de afecto*, *toque sexual*, *aversão ao toque*, e *desejo de mais toque*.

Procedeu-se a uma Análise Factorial Exploratória em Componentes Principais (rotação *Varimax*); as medidas KMO ($KMO = 0.862$) e teste de esfericidade de Bartlett [$\chi^2(528) = 6023.400$, $p < .001$] provam a susceptibilidade da matriz ser sujeita ao procedimento estatístico mencionado. O procedimento incluiu duas rotações, tendo sido retirado um item após a primeira, devido ao facto das saturações se terem demonstrado idênticas para dois factores. Foram extraídos quatro factores, estrutura que coincide com a organização factorial do instrumento original, corroborada igualmente pelo “Teste do Cotovelo”. A adaptação do QEET²² utilizada no presente estudo é constituída por uma totalidade de 33

²¹ Em anexo, surgem as medidas que atestam a adequabilidade da análise factorial, a variância explicada pelos factores extraídos, o “Teste do Cotovelo”, e itens do QEET e suas saturações nos quatro factores (Anexo 6A).

²² A versão original do instrumento é americana, pelo que a investigação passou pela tradução e adaptação dos itens para constituir um instrumento adequado à realidade portuguesa. Barbosa (2002) - salientando que a cultura americana é uma cultura de não-toque, enquanto que a cultura do nosso país é uma cultura de toque -

itens, organizados em torno de quatro dimensões, cuja estrutura factorial explica 50.13% da variância total.

A dimensão *toque como demonstração de afecto* engloba 10 itens e explica 15.68% da variância total, variando as respectivas saturações entre 0.57 e 0.67; a dimensão *toque sexual* é composta por sete itens e permite explicar 13.63% da variância total, as saturações oscilando entre 0.52 e 0.89; no que concerne à dimensão *aversão ao toque*, constituída por oito itens, é responsável por 11.63% da variância, e as saturações variam entre 0.49 e 0.81; finalmente, a dimensão *desejo de mais toque* inclui nove itens e explica 9.19% do total da variância, situando-se as saturações entre 0.34 e 0.75.

3.1.2.2 *Análise de consistência interna*

Todas as dimensões do QEET apresentam uma elevada consistência interna, correspondendo os valores do coeficiente *alpha* de Chronbach a: .89, para o *toque sexual*; .88 para o *toque como demonstração de afecto*; .79 para a *aversão ao toque*; e, .75 para a dimensão *desejo de mais toque* (Anexo 6B).

3.1.2.3 *Correlações inter-dimensão*

Quanto às intercorrelações entre as quatro dimensões do QEET, o *toque como demonstração de afecto* correlaciona-se positivamente com o toque sexual ($r = .49, p < .001$) e negativamente com a *aversão ao toque* ($r = -.22, p < .001$), e não se correlaciona com o desejo de mais toque ($r = .03, ns$); o toque sexual correlaciona-se positivamente com o desejo de mais toque ($r = .17, p = .001$), não se correlacionando com a *aversão ao toque* ($r = -.04, ns$); finalmente, a *aversão ao toque* e o desejo de mais toque correlacionam-se de forma positiva entre si ($r = .48, p < .001$) (Anexo 6C).

3.1.3 *Questionário da Expressividade do Toque na Família (QETF)*

3.1.3.1 *Estrutura factorial*²³

As medidas de Kayser-Meyer-Olkin e o teste de esfericidade de Bartlett permitem que a matriz seja sujeita ao procedimento de análise factorial [KMO = 0.724; $\chi^2(10) = 353.089, p < .001$], contudo, a primeira tem magnitude moderada. Após o procedimento de Análise Factorial Exploratória em Componentes Principais, optou-se por uma organização factorial

procedera já a uma adaptação do QEET, tendo evidenciado boas qualidades de fiabilidade, não parecendo sofrer influência das características das culturas das populações portuguesa e norte americana.

²³ Apresenta-se, em anexo, a medida KMO e o teste de esfericidade de Bartlett, a variância explicada pelo factor extraído através da análise factorial, o “Teste do Cotovelo”, e os itens que constituem o QETF e respectivas saturações (Anexo 7).

num factor único²⁴. O instrumento final abarca cinco itens²⁵, todos englobados numa dimensão única, e explica 45.45% da variância total; as saturações oscilam entre 0.48 e 0.83.

3.1.3.2 Análise de Consistência Interna

A dimensão única que constitui o QETF (n=5) apresenta um *alpha* de Cronbach igual a .68, pelo que revela um grau moderado de consistência interna.

3.2 Estudos Descritivos

Neste ponto, apresentam-se e interpretam-se os dados obtidos, recorrendo a medidas de tendência central – a média – e de dispersão – o desvio-padrão.

Tal como se pode observar no Quadro 1²⁶, e considerando a vinculação amorosa, a dimensão *confiança* revela uma média elevada, pelo que os participantes tendem a considerar o/a namorado/a como fonte de apoio e como base segura que incentiva a exploração, e como responsivo/a face às próprias necessidades ($M = 4.98$, $DP = 0.69$); por outro lado, os jovens avaliam a relação como dependente ($M = 3.24$, $DP = 0.81$) e percebem alguma *ambivalência* em relação à figura amorosa ($M = 2.87$, $DP = 0.79$). Finalmente, os jovens concebem-se como pouco evitantes face ao par romântico ($M = 2.30$, $DP = 0.77$).

Relativamente à experiência emocional do toque no contexto da relação romântica - ou no contexto de experiências românticas, os participantes percebem utilizar o toque para comunicar afecto ($M = 4.46$, $DP = 0.91$), como também para comunicar intimidade sexual ($M = 3.73$, $DP = 1.05$). Em contrapartida, os participantes revelam uma percepção reduzido desejo de mais toque do par amoroso ($M = 2.35$, $DP = 0.75$) e baixa aversão face ao contacto físico ($M = 1.91$, $DP = 0.72$).

De modo geral, a representação dos jovens aponta para ser comum tocar e ser tocado no contexto da família, conduzindo o toque a um sentido de segurança, bem como a existência de à-vontade em falar de questões relacionadas com o corpo ($M = 4.12$, $DP = 0.99$).

²⁴ Em anexo (Anexo 7Ac), apresenta-se o “Teste do Cotovelo” obtido. A solução num factor prende-se com critérios de não constituir uma dimensão apenas com dois itens, e com critérios de fiabilidade.

²⁵ Excluiu-se o item 5 (“A nudez, em minha casa, era, praticamente, sinónima de vergonha.”), que fazia reduzir o valor da consistência interna.

²⁶ Este quadro, para além de apresentar as médias e desvios padrões associados, exhibe também os valores máximo e mínimo para cada dimensão incluída na investigação.

Quadro 1				
<i>Valores mínimo e máximo, média e desvio padrão para as dimensões da investigação (N=414)</i>				
Instrumento/Dimensões	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
Vinculação ao par amoroso				
<i>Confiança</i>	2.80	6.00	4.98	0.69
<i>Dependência</i>	1.00	5.42	3.24	0.81
<i>Evitamento</i>	1.00	5.00	2.30	0.77
<i>Ambivalência</i>	1.10	5.60	2.87	0.79
Experiência emocional do toque				
<i>Toque como demonstração de afecto</i>	1.90	6.00	4.46	0.91
<i>Toque sexual</i>	1.00	6.00	3.73	1.05
<i>Aversão ao toque</i>	1.00	4.25	1.91	0.72
<i>Desejo de mais toque</i>	1.00	5.13	2.35	0.75
Expressividade do toque na família	1.00	6.00	4.13	1.00

3.3 Estudos Correlacionais

Com o intuito de se analisar os dados quanto à associação das diversas dimensões abarcadas pelo estudo, recorreu-se ao coeficiente de correlação de Pearson, a qual consiste numa medida de associação linear entre variáveis quantitativas, que varia entre -1 e 1 (Pestana & Gageiro, 2008).

3.3.1 Associações entre a vinculação amorosa e a experiência emocional do toque

Como o Quadro 2 expõe, a *confiança* correlaciona-se significativamente com as quatro dimensões da experiência emocional do toque. Concretamente, quanto mais os jovens concebem o/a companheiro/a como fonte de suporte e como base segura e como alguém responsivo, mais percebem recorrer ao contacto físico para comunicar afecto ($r = .44$, $p < .001$) e mais interpretam e se servem do toque para expressar intimidade sexual ($r = .20$, $p < .001$); por outro lado, menos percebem privação de contacto físico ($r = -.44$, $p < .001$) e aversão face ao toque ($r = -.42$, $p < .001$).

Também o *evitamento* se correlaciona de forma significativa com todas as dimensões da experiência emocional do toque. Com efeito, quanto mais o par amoroso é tido como secundário no preenchimento de necessidades de vinculação e maior é a crença na própria capacidade de resolução de problemas, menos é percebido o uso do toque para demonstrar afecto ($r = -.48$, $p < .001$) e para comunicar intimidade sexual ($r = -.15$, $p = .003$); e, mais o contacto físico é concebido com aversão ($r = .45$, $p < .001$) e maior é o desejo de toque do par romântico ($r = .32$, $p < .001$).

A dimensão *dependência* na relação amorosa correlaciona-se significativamente, e de modo positivo, com o *toque como demonstração de afecto* e com o *toque sexual*: uma maior dependência relativamente ao/à namorado/a está associada a uma maior representação de

utilização do contacto físico para expressar afecto ($r = .51, p < .001$) e para comunicar intimidade sexual ($r = .29, p < .001$). A *dependência* não se correlaciona com a *aversão ao toque* ($r = -.09, ns$), nem com o *desejo de mais toque* ($r = .07, ns$).

A *ambivalência* correlaciona-se significativa e positivamente com o *desejo de mais toque* e a *aversão ao toque*: quanto maior o reconhecimento de ambivalência face ao par amoroso, mais é percebida carência de contacto físico ($r = .55, p < .001$) e aversão em relação ao toque ($r = .35, p < .001$). Saliente-se a correlação elevada entre a ambivalência e o desejo de mais toque por parte do par romântico. Não existe correlação significativa entre a *ambivalência* e o *toque como demonstração de afecto* ($r = -.04, ns$), nem entre a primeira e o *toque sexual* ($r < .01, ns$).

Quadro 2				
<i>Correlações de Pearson entre as dimensões da vinculação amorosa e as dimensões da experiência emocional do toque</i>				
Dimensões	Vinculação ao par amoroso			
	<i>Confiança</i>	<i>Dependência</i>	<i>Evitamento</i>	<i>Ambivalência</i>
Experiência emocional do toque				
<i>Toque como demonstração de afecto</i>	0.441*	0.512*	-0.475*	-0.042
<i>Toque sexual</i>	0.198*	0.285*	-0.154*	0.002
<i>Aversão ao toque</i>	-0.424*	-0.086	0.445*	0.353*
<i>Desejo de mais toque</i>	-0.441*	0.068	0.321*	0.547*
* $p < .01$				

3.3.2 Associações entre a experiência emocional do toque e a expressividade do toque na família

O Quadro 3 demonstra que a expressividade do toque no contexto familiar se correlaciona significativamente com o *toque como demonstração de afecto*, a *aversão ao toque* e o *desejo de mais toque*; não se verifica correlação significativa com o *toque sexual* ($r = .06, ns$). Mais especificamente, quanto mais o jovem entende o toque como habitual e positivo dentro da sua família, mais percebe recorrer ao toque para comunicar afecto ($r = .28, p < .001$), menos percebe aversão relativamente ao toque ($r = -.16, p = .001$) e menos percebe desejo de mais contacto físico na relação amorosa ($r = -.16, p = .002$). Ressalte-se, no entanto, que estão em causa correlações de magnitude baixa, pelo que a associação entre os citados constructos se revela fraca.

Quadro 3			
<i>Correlações de Pearson entre as dimensões da experiência emocional do toque e a expressividade do toque na família</i>			
Dimensões	Expressividade do toque na família		
Experiência emocional do toque			
<i>Toque como demonstração de afecto</i>		0.284*	
<i>Toque sexual</i>		0.600	
<i>Aversão ao toque</i>		-0.161*	
<i>Desejo de mais toque</i>		-0.156*	
* $p < .01$			

3.3.3 Associações entre a vinculação amorosa e a expressividade do toque na família

Constata-se que o toque na família se encontra significativamente correlacionado com todas as dimensões da vinculação ao par romântico, apesar de representarem associações de intensidade fraca (cf. Quadro 4). De facto, quanto mais os jovens percebem o contacto físico como intrínseco à sua família e o interpretam como positivo, mais vêem o/a namorado/a como figura digna de *confiança* ($r = .21, p < .001$), e menor o *evitamento* em relação ao/a mesmo/a ($r = -.13, p = .011$); também, mais se avaliam como dependentes na relação ($r = .11, p = .027$), e menor é a *ambivalência* percebida face o/a outro/a ($r = -.10, p = .047$).

Quadro 4			
<i>Correlações de Pearson entre as dimensões da vinculação amorosa e a expressividade do toque na família</i>			
Dimensões	Expressividade do toque na família		
Vinculação ao par amoroso			
<i>Confiança</i>		0.212**	
<i>Dependência</i>		0.113*	
<i>Evitamento</i>		-0.129*	
<i>Ambivalência</i>		-0.101*	
** $p < .01$			
* $p < .05$			

3.4 Estudos Diferenciais

De modo a averiguar diferenças inter-sujeitos em função do sexo e da idade, bem como em função do estatuto relacional e da duração da relação, procedeu-se a uma análise de variância multivariada (*MANOVA*) para as dimensões do estudo, englobadas no mesmo instrumento; a opção pela citada análise tem que ver com o facto das dimensões se correlacionam entre si (cf. pontos 3.1.1.2 e 3.1.2.2 da presente dissertação). Optou-se pelo procedimento da análise de variância simples (*ANOVA one-way*) para observar os efeitos de

variáveis independentes sobre a *expressividade do toque na família*, pois que se trata de uma dimensão única.

3.4.1 Diferenças em função do sexo e da idade

Para determinar os efeitos da variável idade, criou-se dois grupos: os participantes entre os 17 e os 19 anos, os mais novos; e, os participantes que têm entre 20 e 25 anos, os mais velhos.

3.4.1.1 Diferenças na vinculação ao par amoroso

O Quadro 23 (Anexo 8A) mostra os valores obtidos a partir do teste de análise multivariada para a vinculação amorosa, em função do sexo e da idade.

A MANOVA (traço de *Pillai*²⁷) revelou um efeito principal do sexo [$F(4,364) = 6.57, p < .001$], responsável pelas diferenças nas dimensões *confiança* [$F(1) = 12.72, p < .001; \eta^2 = .03$] e *evitamento* [$F(1) = 19.74, p < .001; \eta^2 = .05$]. Não se registam diferenças para as dimensões *dependência* [$F(1) = 2.86, ns$] e *ambivalência* [$F(1) = 0.11, ns$]. Como se apresenta no Quadro 24 (Anexo 8B), os participantes do sexo feminino ($M = 5.06, DP = 0.66$) percebem maior *confiança* no par amoroso como figura de vinculação, comparativamente com os participantes do sexo masculino ($M = 4.78, DP = 0.74$). Por outro lado, são os jovens do sexo masculino ($M = 2.56, DP = 0.80$) aqueles que avaliam maior evitamento face ao par romântico, quando comparados com os jovens do sexo feminino ($M = 2.19, DP = 0.73$).

Para além das diferenças em função do sexo dos participantes, foi observado um efeito principal da idade [$F(4,364) = 2.57, p = .038$] na dimensão *confiança* [$F(1) = 6.38, p = .012; \eta^2 = .02$]. Não se encontram diferenças em função da idade para as dimensões *dependência* [$F(1) = 0.04, ns$], *evitamento* [$F(1) = 3.81, ns$] e *ambivalência* [$F(1) = 0.33, ns$]. No que se refere à direcção dos efeitos, os participantes mais novos ($M = 5.07, DP = 0.65$) têm uma maior representação do/a namorado/a como merecedor de *confiança*, em relação aos participantes mais velhos ($M = 4.89, DP = 0.72$) (Anexo 8B).

3.4.1.2 Diferenças na experiência emocional do toque

A MANOVA (traço de *Pillai*) demonstra um efeito principal do sexo [$F(4,376) = 18.67, p < .001$], ao nível das dimensões *toque como demonstração de afecto* [$F(1) = 6.90, p = .009; \eta^2 = .02$], *toque sexual* [$F(1) = 8.48, p = .004; \eta^2 = .02$] e *desejo de mais toque* [$F(1) = 17.82, p$

²⁷ O teste traço de *Pillai* corresponde à soma da variância explicada na função discriminante; este mostra em que medida a(s) variável(eis) independente(s), de modo isolado, produzem efeito no conjunto das variáveis dependentes (Pestana & Gageiro, 2008).

$< .001$; $\eta^2 = .05$]. Não se encontram diferenças para a dimensão *aversão ao toque* [$F(1) = 1.78$, *ns*] (Anexo 9A). Efectivamente, constata-se que os participantes do sexo feminino ($M = 4.53$, $DP = 0.89$) percebem servir-se mais do toque de forma a expressar afecto, comparativamente com os participantes do sexo masculino ($M = 4.27$, $DP = 0.90$); a representação acerca do uso do toque para comunicar intimidade sexual é mais elevada para os jovens do sexo masculino ($M = 3.94$, $DP = 1.01$), do que para os jovens do sexo feminino ($M = 3.61$, $DP = 1.06$). São também os homens que percebem maior privação de toque por parte do par amoroso ($M = 2.58$, $DP = 0.82$), em relação às mulheres ($M = 2.24$, $DP = 0.69$) (Anexo 9B).

Tal como se demonstra no Quadro 25 (Anexo 9A), também existe um efeito principal da idade [$F(4,376) = 4.22$, $p = .002$], para as dimensões *toque como demonstração de afecto* [$F(1) = 4.79$, $p = .002$; $\eta^2 = .02$], *aversão ao toque* [$F(1) = 5.65$, $p = .002$; $\eta^2 = .02$] e *desejo de mais toque* [$F(1) = 7.52$, $p = .006$; $\eta^2 = .02$]. Não existem diferenças para o *toque sexual* [$F(1) = 0.26$, *ns*]. São os participantes mais novos ($M = 4.57$, $DP = 0.84$) que mais concebem recorrer ao contacto físico para comunicar afecto, em relação aos mais velhos ($M = 4.35$, $DP = 0.94$). Por outro lado, são os mais velhos ($M = 2.00$, $DP = 0.75$) que mais percebem o toque como aversivo, face aos mais novos ($M = 1.82$, $DP = 0.68$); e, são também os participantes mais velhos ($M = 2.45$, $DP = 0.79$) que sentem mais carência de contacto físico no seio da relação (ou experiência) romântica, em comparação com os participantes mais novos ($M = 2.23$, $DP = 0.69$) (Anexo 9B).

Refira-se, contudo que as diferenças apuradas, apesar de significativas, evidenciam uma magnitude reduzida.

3.4.1.3 Diferenças na expressividade do toque na família

A análise de variância simples, *ANOVA One-Way*²⁸, revelou um efeito principal do sexo sobre a *expressividade do toque na família* [$F(1,407) = 0.908$, $p = .003$], e não identificou diferenças em função da idade [$F(1,407) = 3.332$, *ns*] (Anexo 10A).

Em comparação com os jovens do sexo masculino ($M = 3.91$, $DP = 0.99$), os jovens do sexo feminino ($M = 4.22$, $DP = 0.97$) revelam uma maior percepção do ambiente familiar como contexto em que é mais comum tocar e ser tocado, e em que o toque se associa a algo de reconfortante, existindo um maior à-vontade para conversar acerca do corpo (Anexo 10B).

3.4.2 Diferenças em função do estatuto relacional e da duração da relação romântica²⁹

²⁸ A análise de variância simples analisa o efeito de uma variável independente (V.I.) na variável dependente, testando se as médias desta última em cada categoria da V.I. são, ou não, iguais entre si (Pestana & Gageiro, 2008).

3.4.2.1 Diferenças na vinculação ao par amoroso

A MANOVA (traço de Pillai) mostrou um efeito principal do estatuto relacional [$F(4,364) = 20.24, p < .001$] sobre as quatro dimensões da vinculação amorosa, concretamente: *confiança* [$F(1) = 33.65, p < .001; \eta^2 = .08$]; *dependência* [$F(1) = 16.62, p < .001; \eta^2 = .04$]; *evitamento* [$F(1) = 44.04, p < .001; \eta^2 = .11$]; e, *ambivalência* [$F(1) = 46.36, p < .001; \eta^2 = .11$]³⁰ (Anexo 11A). Verifica-se que os jovens que têm uma relação romântica actualmente ($M = 5.12, DP = 0.67$) consideram mais o/a namorado/a como figura merecedora de *confiança*, face àqueles que tiveram um relacionamento, mas já não o têm ($M = 4.70, DP = 0.66$). Também são os participantes que têm um par amoroso no presente ($M = 3.78, DP = 0.83$) aqueles que revelam maior *dependência*, comparativamente aos participantes que tiveram um relacionamento no passado ($M = 3.03, DP = 0.73$). Em contrapartida, os jovens que já namoraram ($M = 3.21, DP = 0.67$) demonstram-se mais ambivalentes, do que os jovens que namoram ($M = 2.67, DP = 0.77$). São também os jovens com um relacionamento amoroso no passado ($M = 2.64, DP = 0.77$) aqueles que mais revelam evitamento face ao/a companheiro/a, relativamente aos jovens envolvidos num relacionamento actual ($M = 2.12, DP = 0.72$) (Anexo 11B).

No que concerne à duração da relação amorosa, não se identificou um efeito principal desta variável na vinculação ao par romântico [$F(12,1092) = 1.42, ns$]. Por outro lado, a relação entre a duração do namoro e a vinculação ao/a namorado/a não é mediada pelo estatuto relacional³¹. Todavia, controlando os efeitos da duração da relação, verifica-se que, para além da dimensão *confiança*, a idade passa a revelar um efeito sobre o *evitamento* [$F(1) = 6.21, p = .01; \eta^2 = .02$]; o efeito de sexo e do estatuto relacional não sofre mediação da duração do envolvimento amoroso. Com efeito, controlando a duração do envolvimento romântico, os jovens mais velhos ($M = 2.38, DP = 0.80$) revelam-se mais evitantes face aos mais novos ($M = 2.22, DP = 0.73$).

²⁹ O estatuto relacional subdivide-se em três categorias, a saber: com relação romântica no presente (namora); com relação romântica no passado (já namorou); e, sem relação, porém, com experiências românticas (designadas “curtes”). Para análises da vinculação amorosa, apenas se considera as primeiras duas categorias, uma vez que o “curtir” não é (ou, não parece ser) susceptível de activar processos de vinculação.

A duração da relação – que se aplica aos jovens envolvidos num relacionamento amoroso, no presente ou no passado – abarca quatro categorias, nomeadamente: inferior a um ano; entre um e dois anos; entre dois e três anos; e, superior a três anos.

³⁰ O Quadro 29 (Anexo 11A) apresenta os valores relativos à análise de variância multivariada para a vinculação amorosa, em função do estatuto relacional. Neste (bem como no quadro seguinte), omite-se o teste dos efeitos principais inter-sujeitos em função da duração da relação, pois não se encontraram diferenças em função desta V.I., tal como é descrito em corpo de texto.

³¹ Seleccionando os jovens que namoram no presente, não se verifica efeito da duração da relação [$F(12,687) = 0.71, ns$], o mesmo se constatando para aqueles que tiveram um relacionamento no passado [$F(12,1092) = 1.42, ns$].

3.4.2.2 Diferenças na experiência emocional do toque

Existe um efeito principal do estatuto relacional [$F(8,752) = 6.64, p < .001$], responsável pelas diferenças nas dimensões *toque como demonstração de afecto* [$F(1) = 11.84, p < .001; \eta^2 = .06$], *aversão ao toque* [$F(1) = 11.49, p < .001; \eta^2 = .06$], e *desejo de mais toque* [$F(1) = 11.96, p < .001; \eta^2 = .06$]. Não se encontram diferenças na dimensão *toque sexual* [$F(1) = 2.35, ns$] (Anexo 12A). Partindo do teste de Scheffe³² (Anexo 12B) e considerando o Quadro 33 (Anexo 12C), verifica-se que os jovens que namoram no presente ($M = 4.63, DP = 0.84$) são os que mais consideram servir-se do toque para comunicar afecto ao par romântico, comparativamente aos jovens com uma relação de namoro no passado ($M = 4.18, DP = 0.94$) e aos que têm experiências de “curte” ($M = 4.14, DP = 0.88$). Também, são os que têm uma relação amorosa que menos percebem aversão ao contacto físico ($M = 1.77, DP = 0.69$), em relação aos participantes que já namoraram ($M = 2.13, DP = 0.73$) e aos que “têm curtido” ($M = 2.13, DP = 0.64$). Constatam-se ainda que os jovens com um relacionamento actual ($M = 2.20, DP = 0.75$) se concebem como menos insatisfeitos quanto à quantidade de toque, face aos que tiveram um relacionamento no passado ($M = 2.59, DP = 0.69$)³³.

Não se observa um efeito principal da duração da relação sobre a experiência emocional do toque [$F(12, 1083) = 1.24, ns$]. Seleccionando a amostra segundo o estatuto relacional, verifica-se igualmente que não existem diferenças para os jovens com relação romântica no presente [$F(12, 669) = 0.68, ns$], nem para os jovens que namoraram no passado [$F(12, 399) = 1.29, ns$]. Porém, controlando os efeitos da duração da relação, o estatuto relacional passa a ter efeito sobre as quatro dimensões da experiência emocional do toque (note-se que, independentemente do efeito da duração da relação, a mencionada variável demonstrara-se responsável por diferenças ao nível do *toque como demonstração de afecto*, *aversão ao toque* e *desejo de mais toque*), na medida em que se apuram diferenças na dimensão *toque sexual* [$F(1) = 4.73, p = .03; \eta^2 = .06$]. Todavia, a duração da relação amorosa não se constitui como fonte de influência nos efeitos do sexo e da idade sobre a experiência emocional do toque. Os jovens com uma relação no presente ($M = 3.81, DP = 1.05$) percebem utilizar mais o toque para comunicar intimidade sexual, relativamente aos que já tiveram um relacionamento ($M = 3.58, DP = 1.05$).

3.4.2.3 Diferenças na expressividade do toque na família

³² Trata-se de um teste *Post Hoc*, que permite averiguar quais os grupos que diferem significativamente entre si, mediante a comparação de pares de médias.

³³ Os participantes que namoraram e os que “curtem” não diferem entre si para as dimensões *toque como demonstração de afecto* e *aversão ao toque*; quanto ao *desejo de mais toque*, não se encontram diferenças significativas entre os últimos e os participantes envolvidos numa relação romântica, presente ou passada.

Não existe um efeito principal do estatuto relacional que seja responsável por diferenças na expressividade do toque na família [$F(2,406) = 1.06$, *ns*]. Também não existem diferenças em função da duração da relação amorosa [$F(3,391) = 1.09$, *ns*].

3.5 Análise de Clusters

De forma a averiguar a existência de configurações específicas na organização das dimensões da vinculação amorosa, recorreu-se a procedimentos estatísticos de análise de *Clusters* pelo método *K-Means*.

Definiram-se quatro *clusters* ($N=398$), os quais correspondem à tipologia de Kim Bartholomew (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991).

Tal como se observa no Quadro 5³⁴, o *Cluster 1* ($n=115$) caracteriza-se por uma muito elevada *confiança* ($M = 5.57$, $DP = 0.35$), e por um *evitamento* muito baixo ($M = 1.65$, $DP = 0.39$), e por uma moderadamente elevada *dependência* ($M = 4.09$, $DP = 0.54$), e moderadamente baixa *ambivalência* ($M = 2.47$, $DP = 0.61$). Esta configuração parece corresponder ao protótipo de vinculação *preocupado*. O *Cluster 2* associa-se a elevada *confiança* ($M = 4.72$, $DP = 0.48$) e baixo *evitamento* ($M = 2.27$, $DP = 0.54$), e *ambivalência* ($M = 3.79$, $DP = 0.58$) e *dependência* ($M = 3.47$, $DP = 0.50$) moderadamente elevadas; os jovens incluídos no *Cluster 2* correspondem ao protótipo *amedrontado*. O *Cluster 3* pauta-se por uma *confiança* ($M = 4.10$, $DP = 0.61$) moderadamente alta, e por *evitamento* ($M = 3.38$, $DP = 0.57$), *ambivalência* ($M = 3.30$, $DP = 0.51$), e *dependência* ($M = 2.77$, $DP = 0.62$) moderadamente baixas; coincide, por conseguinte, com o protótipo *desinvestido*. Finalmente, o *Cluster 4* é caracterizado por uma *confiança* elevada ($M = 5.11$, $DP = 0.43$), por muito reduzidos *evitamento* ($M = 2.27$, $DP = 0.51$) e *ambivalência* ($M = 2.41$, $DP = 0.47$), e por moderadamente reduzida *dependência* ($M = 2.66$, $DP = 0.50$); o *Cluster 4* diz respeito ao protótipo *seguro*.

³⁴ Para além de apresentar medidas descritivas para as dimensões da vinculação ao par romântico (que correspondem às variáveis utilizadas para formar os *clusters*), o Quadro 5 exhibe também médias e desvios padrões para as dimensões da experiência emocional do toque e para a expressividade do toque na família.

Quadro 5								
Médias e desvios-padrões para as dimensões do estudo, em função do cluster de pertença								
Dimensões	Cluster							
	Preocupados		Amedrontados		Desinvestidos		Seguros	
	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão
Vinculação ao par amoroso								
<i>Confiança</i>	5.571	0.352	4.716	0.478	4.097	0.608	5.106	0.427
<i>Dependência</i>	4.090	0.536	3.474	0.502	2.772	0.619	2.657	0.503
<i>Evitamento</i>	1.649	0.387	2.269	0.537	3.384	0.574	2.268	0.511
<i>Ambivalência</i>	2.471	0.611	3.794	0.584	3.295	0.512	2.406	0.472
Experiência emocional do toque								
<i>Toque como demonstração de afecto</i>	5.034	0.650	4.579	0.842	3.844	0.919	4.250	0.818
<i>Toque sexual</i>	4.070	1.128	3.745	0.961	3.517	0.842	3.539	1.089
<i>Aversão ao toque</i>	1.568	0.563	2.102	0.795	2.494	0.709	1.751	0.575
<i>Desejo de mais toque</i>	2.135	0.725	2.730	0.698	2.860	0.675	2.015	0.581
Expressividade do toque na família	4.353	0.959	4.005	0.830	3.876	0.945	4.142	1.080

Após determinação da solução em quatro *clusters*, realizaram-se análises de variância com o objectivo de averiguar a variabilidade de cada dimensão da investigação em função do *cluster* de pertença, bem como validar a especificidade de cada configuração.

A MANOVA (traço de *Pillai*) revelou um efeito multivariado do *cluster* [$F(12, 1092) = 90.06, p < .001$], responsável pelas diferenças na *confiança* [$F(3) = 159.55, p < .001; \eta^2 = .57$], *dependência* [$F(3) = 158.99, p < .001; \eta^2 = .57$], *evitamento* [$F(3) = 176.58, p < .001; \eta^2 = .59$] e *ambivalência* [$F(3) = 129.88, p < .001; \eta^2 = .52$] (Anexo 13A). De acordo com o teste de Scheffe (Anexo 13C), todos os *clusters* diferem de forma significativa na dimensão *confiança*: os preocupados são aqueles que mais avaliam o par amoroso como merecedor de *confiança*, seguidos pelos seguros, amedrontados, aparecendo os desinvestidos como os jovens que menos concebem o/a namorado/a com a citada característica. Quanto à *dependência*, verifica-se que todos os *clusters* diferem, à excepção dos desinvestidos e seguros: os preocupados revelam-se como aqueles com maior necessidade de proximidade física e emocional, seguidos pelos amedrontados, e os desinvestidos e seguros são os que menos apontam tal necessidade. No que se refere ao *evitamento*, apenas os amedrontados e seguros não diferem entre si: os desinvestidos são os que mais atribuem um papel secundário ao par romântico na saciação das necessidades de vinculação; seguem-se os amedrontados e seguros; e, os preocupados aparecem como os menos evitantes. Ainda, para a *ambivalência*, os preocupados e os seguros são os únicos cuja diferença de médias não é significativa: os amedrontados são os que mais insegurança e dúvida relativamente à figura amorosa percebem, seguem-se os desinvestidos, e os preocupados e os seguros, que se constituem como os jovens menos ambivalentes (Quadro 5).

Com o intuito de averiguar se aos protótipos de vinculação identificados correspondem padrões em termos da forma como é experimentado o toque na relação romântica, procedeu-se a uma MANOVA para as dimensões da experiência emocional do toque, emergindo um efeito do *cluster* [$F(12, 1083) = 17.79, p < .001$], para as quatro dimensões:

toque como demonstração de afecto [$F(3) = 33.54, p < .001; \eta^2 = .22$]; *toque sexual* [$F(3) = 5.94, p = .001; \eta^2 = .05$]; *aversão ao toque* [$F(3) = 31.93, p < .001; \eta^2 = .21$]; e, *desejo de mais toque* [$F(3) = 35.25, p < .001; \eta^2 = .23$] (Anexo 13B).

Constata-se que, à excepção dos amedrontados e seguros, todos os *clusters* diferem significativamente em relação ao *toque como demonstração de afecto*: os preocupados correspondem aos que mais se servem do contacto físico para expressar afecto, seguem-se os amedrontados e os seguros, e os desinvestidos são os que menos usam o toque para o fim mencionado. Relativamente à dimensão *toque sexual*, os amedrontados não se distinguem de forma significativa de nenhum outro *cluster*, e também não se encontram diferenças entre os desinvestidos e os seguros: assim, os preocupados utilizam mais o toque para comunicar intimidade sexual, comparativamente aos desinvestidos e aos seguros. No que diz respeito à *aversão ao toque*, identificam-se diferenças entre todas as configurações, excepto entre os preocupados e os seguros: os desinvestidos são os jovens que mais conotam o contacto físico com aversão, seguem-se os amedrontados, e finalmente, os preocupados e os seguros, que menos desdém revelam face ao toque. Por último, no *desejo de mais toque*, não se encontram diferenças entre os preocupados e os seguros, e entre os amedrontados e os desinvestidos: são os amedrontados e os desinvestidos aqueles que mais carência de contacto físico por parte do/a companheiro/a percebem, comparado aos seguros e preocupados³⁵.

O teste *ANOVA One-Way* permitiu observar um efeito do *cluster* na expressividade do toque na família [$F(3, 390) = 4.07, p = .007$], a diferença significativa residindo entre os preocupados e os desinvestidos (Anexo 13C). Com efeito, verifica-se que os primeiros vêem como mais comum e mais propiciador de bem-estar o toque entre os membros da família, bem como sentem um maior à-vontade para conversar acerca do corpo com a família, comparativamente aos desinvestidos (Quadro 5).

A composição dos *clusters* – no que diz respeito ao sexo, idade, estatuto relacional e duração da relação romântica – apresenta-se no Quadro 6.

³⁵ Confrontar com as informações relativas ao teste *Post Hoc* da análise de variância multivariada (Anexo 13C) e com as medidas descritivas para as dimensões em causa (Quadro 5).

Quadro 6								
<i>Composição dos Clusters (N=398)</i>								
		Preocupados (n=115)	Amedrontados (n=75)	Desinvestidos (n=75)	Seguros (n=133)			
Sexo								
	Feminino	n=88	n=52	n=40	n=90			
	Masculino	n=27	n=23	n=35	n=43			
Idade								
	Entre 17 e 19 anos	n=54	n=32	n=25	n=70			
	Entre 20 e 25 anos	n=61	n=43	n=50	n=63			
		$M=19.80$	$M=19.89$	$M=20.37$	$M=19.71$			
		$DP=1.69$	$DP=1.53$	$DP=1.87$	$DP=1.65$			
Estatuto relacional								
	Relação romântica no presente	n=100	n=36	n=30	n=87			
	Relação romântica no passado	n=15	n=39	n=45	n=46			
Duração da relação romântica								
	Inferior a 1 ano	n=29	n=20	n=27	n=38			
	Entre 1 e 2 anos	n=29	n=15	n=15	n=24			
	Entre 2 e 3 anos	n=22	n=8	n=5	n=20			
	Superior a 3 anos	n=35	n=32	n=28	n=51			
		Valores omissos=1						

Tal como o demonstra o Quadro 6, a configuração dos preocupados apresenta um desequilíbrio quanto ao sexo, com maior representatividade do sexo feminino (76.5%) do que do sexo masculino (23.5%); a média das idades é de 19.8 anos ($M = 19.80$, $DP = 1.69$). É maioritariamente constituído por jovens que namoram no presente (87.0%), relativamente aos jovens que já namoraram (13.0%). 25.2% dos preocupados têm/tiveram uma relação romântica inferior a um ano; fracção idêntica, a relação decorre/decorreu entre 1 e 2 anos; 19.2% namora/namorou durante um período entre 2 e 3 anos; e, 30.4% tem/teve um relacionamento superior a 3 anos. O conglomerado dos amedrontados é constituído por 69.3% de participantes do sexo feminino e por 30.7% de participantes do sexo masculino, e a idade média corresponde aos 19.9 anos ($M = 19.89$, $DP = 1.53$); caracteriza-se por uma homogeneidade face ao estatuto relacional, na medida em que 48.0% dos jovens têm uma relação amorosa actual e 52.0%, uma relação passada. 26.7% dos participantes namoram/namoraram durante um espaço temporal inferior a 1 ano; 20.0%, entre 1 e 2 anos; 10.7%, entre 2 e 3 anos; e, 42.6% tem ou teve namorado/a durante mais de 3 anos. O *cluster* dos desinvestidos é homogéneo face ao sexo dos participantes: 53.3%, do sexo feminino; 46.7%, do sexo masculino. Os jovens têm uma idade média de 20.4 anos ($M = 20.37$, $DP = 1.87$), 40.0% namora no presente e 60.0% já namorou. Quanto à duração da relação romântica: 36.0% dos jovens têm/tiveram par romântico durante um tempo inferior a 1 ano; 20.0%, entre 1 e 2 anos; 6.7%, entre 2 e 3 anos; e, 37.3%, supera os 3 anos de duração. A configuração dos seguros inclui, sobretudo, jovens do sexo feminino (67.7%), incluindo 32.3% de jovens do sexo masculino; os participantes têm uma idade média de 19.7 anos ($M = 19.71$, $DP = 1.65$). 65.4% dos jovens está envolvido numa relação amorosa no presente, e 34.6% teve um relacionamento no passado; 28.6% dos participantes

tem/teve uma relação com duração menor que 1 ano, para 18.0% dos jovens a relação situa-se entre 1 e 2 anos, 15.0% namora/namorou entre 2 e 3 anos; e, 38.4% dos participantes têm/tiveram namorado/a durante mais de 3 anos.

3.6 Análise de Regressão Linear Múltipla

De forma a investigar de que forma as variáveis sobre as quais se debruça a investigação se relacionam entre si, procedeu-se à análise de regressão linear múltipla para as dimensões da experiência emocional do toque no contexto da relação romântica. Mais especificamente, pretende-se construir um modelo da relação entre os significados do contacto físico naquele contexto e um conjunto de variáveis preditoras. Recorreu-se ao método *Stepwise*, como método de inclusão das variáveis, o qual permite avaliar o modelo a cada etapa, e, por conseguinte, reflectir acerca da possível retirada de uma variável já incluída no modelo (Poeschl, 2006). Como variáveis tidas como potenciais preditores – e, portanto, incluídas na análise – considerou-se as dimensões da vinculação amorosa, as dimensões da experiência emocional do toque, a expressividade do toque na família, a duração da relação romântica, a idade do jovem, e foram ainda contempladas outras variáveis, às quais não se aludiu até então, contudo, foram avaliadas para o efeito. Trata-se da facilidade/dificuldade de adaptação às mudanças físicas da puberdade, e da satisfação com a vida sexual. Os modelos de predição obtidos pela análise descrita apresentam-se no Quadro 7.

Quadro 7 <i>Modelos de regressão para as dimensões da experiência emocional do toque</i>						
Variável dependente	Preditores	R	R ²	R ² ajustado	Erro padrão da estimativa	
<i>Toque como demonstração de afecto</i>	Dependência; Toque sexual; Evitamento; Expressividade do toque na família; Confiança; Desejo de mais toque	0.708	0.501	0.491	0.643	
<i>Toque sexual</i>	Toque como demonstração de afecto; Desejo de mais toque; Satisfação com vida sexual; Evitamento; Ambivalência	0.541	0.293	0.280	0.856	
<i>Aversão ao toque</i>	Desejo de mais toque; Evitamento; Adaptação mudanças físicas puberdade; Confiança	0.567	0.322	0.312	0.598	
<i>Desejo de mais toque</i>	Idade; Satisfação com vida sexual; Expressividade do toque na família; Dependência; Ambivalência; Adaptação mudanças físicas puberdade; Duração da relação; Toque sexual; Aversão ao toque; Toque como demonstração de afecto; Confiança; Evitamento	0.714	0.509	0.487	0.542	

Para a dimensão *toque como demonstração de afecto*, a primeira variável independente a entrar no modelo é a *dependência* ($r = .51$); seguem-se as variáveis *toque sexual* ($r = .48$), *evitamento* ($r = -.45$), *expressividade do toque na família* ($r = .31$), *confiança* ($r = .43$) e, por último, *desejo de mais toque* ($r = -.02$). O modelo de predição que inclui os seis preditores citados revela-se significativo [$F(6) = 48.77$, $p < .001$], e explica 50.1% da variância. Usar o toque para comunicar intimidade sexual ($\beta = 0.31$) é o que melhor prediz a utilização do toque para comunicar afecto; seguem-se o não atribuir de um papel secundário ao par romântico na satisfação das necessidades de vinculação ($\beta = -0.23$), necessitar de proximidade física e emocional por parte da figura amorosa ($\beta = 0.22$), estar integrado numa família em que é comum e positivo tocar e ser tocado/a ($\beta = 0.21$), considerar o/a namorado/a como alguém responsivo, capaz de responder às próprias necessidades de vinculação ($\beta = 0.18$), e – como variável que menos prediz a variável dependente – sentir carência de contacto físico por parte do/a companheiro/a ($\beta = 0.12$)³⁶.

No que se refere à dimensão *toque sexual*, é o *toque como demonstração de afecto* ($r = .45$) que entra em primeiro lugar no modelo de regressão, precedendo o *desejo de mais toque* ($r = .16$), *satisfação com a vida sexual* ($r = .18$), *evitamento* ($r = -.11$) e *ambivalência* ($r = -.01$). O modelo de previsão que abarca as cinco variáveis aludidas é significativo [$F(5) = 22.38$, $p < .001$], e explica 29.3% da variância. O melhor preditor para recorrer ao contacto físico para expressar intimidade sexual consiste em utilizá-lo para comunicar afecto ($\beta = 0.49$); seguem-se o sentir-se privado de toque ($\beta = 0.27$), a satisfação com a sexualidade ($\beta = 0.23$), o evitamento face ao par amoroso ($\beta = 0.15$), e, a ambivalência na relação romântica ($\beta = -0.12$) constitui-se como a variável que menos prediz o toque com interpretação sexual.

Quanto à dimensão *aversão ao toque*, o *desejo de mais toque* ($r = .46$) é a primeira variável que entra no modelo de regressão, seguem-se o *evitamento* ($r = .42$), *adaptação às mudanças físicas da puberdade* ($r = -.20$), e *confiança* ($r = -.42$). Os quatro preditores referidos conciliam-se num modelo de predição significativo [$F(4) = 32.17$, $p < .001$], que explica 32.2% da variância. Sentir-se privado de toque ($\beta = 0.29$) corresponde ao melhor preditor para percepcionar aversão face ao toque; seguem-se o evitamento relativamente à figura amorosa ($\beta = 0.23$), dificuldade de adaptação às mudanças físicas da puberdade ($\beta = -0.14$), e não conceber o/a namorado/a como digno de confiança como alguém responsivo ($\beta = -0.16$).

Finalmente, a dimensão *desejo de mais toque* resultou num único modelo de regressão, que se revela como significativo [$F(12) = 22.76$, $p < .001$] e capaz de explicar 50.9% da

³⁶ Em anexo (Anexo 12C) apresentam-se os coeficientes de regressão [estandardizados (β) e os não-estandardizados] para os modelos de regressão obtidos.

variância. Todas as 12 variáveis introduzidas se demonstram preditoras: *ambivalência* ($r = .53$), *aversão ao toque* ($r = .46$), *confiança* ($r = -.46$), *toque sexual* ($r = .16$), *satisfação com a vida sexual* ($r = -.37$), *expressividade do toque na família* ($r = -.15$), *toque como demonstração de afecto* ($r = -.04$), *dependência* ($r = .03$), *evitamento* ($r = .36$), *idade* ($r = .14$), *adaptação às mudanças físicas da puberdade* ($r = -.17$), e *duração da relação romântica* ($r = -.11$). Concretamente, verifica-se que a ambivalência do jovem face ao/a namorado/a ($\beta = 0.28$) é o melhor preditor para o perceber-se privado de toque e desejar mais toque por parte da figura amorosa. Seguem-se a interpretação do contacto físico como aversivo ($\beta = 0.22$), não ver no/a namorado/a uma figura merecedora de confiança, susceptível de satisfazer as necessidades do próprio ($\beta = -0.21$), servir-se do contacto físico para comunicar intimidade sexual ($\beta = 0.21$), não estar satisfeito/a com a própria sexualidade ($\beta = -0.18$), inserção em contexto familiar em que o toque é frequente e provoca bem-estar ($\beta = -0.12$), utilização do toque como modo de expressar afecto relativamente à figura amorosa ($\beta = 0.10$), dependência do/a companheiro/a ($\beta = 0.10$). Também são preditores do *desejo de mais toque*: o evitamento relativamente ao par romântico ($\beta = 0.09$), a idade do jovem ($\beta = 0.07$), uma adaptação às mudanças físicas pubertárias com dificuldade ($\beta = -0.04$), e ainda a duração da relação amorosa ($\beta = -0.02$) (Anexo 14B).

4. Discussão dos Resultados

No espaço dedicado à discussão dos resultados e sua confrontação com as hipóteses formuladas e com estudos desenvolvidos por outros autores, apresenta-se o texto estruturado ao longo de cinco alíneas, as quais correspondem aos objectivos estabelecidos³⁷.

4.1 Da vinculação ao par romântico

Os resultados apoiam a hipótese de que, por norma, a figura amorosa é tida para os jovens figura de vinculação, que funciona simultaneamente como base segura facilitadora da exploração e como refúgio de segurança que proporciona apoio em situações ameaçadoras. Com efeito, a relação com o par amoroso tende a ser vista como positiva, na medida em que é elevada a confiança naquele para a satisfação das necessidades de vinculação do próprio, o que poderá fortalecer o modelo positivo dos outros, ou mesmo contribuir para uma revisão de um modelo negativo dos outros, construído com base em interacções

³⁷ Note-se que se estabeleceram seis objectivos, no entanto, não nos referiremos ao oitavo, pois que se tratava da contribuição para o desenvolvimento da metodologia de avaliação do clima familiar no que ao toque diz respeito (cf. ponto 1 do capítulo II da presente dissertação). Retoma-se, todavia, este assunto em secção posterior do trabalho, aquando da reflexão acerca das limitações do estudo e do apontar de sugestões para investigações futuras (cf. ponto 5).

interpessoais ao longo das etapas desenvolvimentais anteriores. Considera-se que as relações amorosas, pela proximidade emocional (e física) que pressupõem e pela natureza e qualidade de eventos que aí decorrem podem, nesta sequência, desconfirmar como o jovem se concebe a si próprio, no que toca ao ser merecedor de amor [modelo do *self*], e ao modo como considera as outras pessoas, quanto à sua responsividade e ao serem merecedoras de confiança [modelo do outro] (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991).

De acordo com o que se esperava, identificaram-se quatro configurações específicas na organização das dimensões da vinculação ao par romântico, as quais corresponderam à tipologia de Bartholomew (ibid.). De facto, o grupo de jovens (*cluster* 1) que maior responsividade percepção por parte do par amoroso para satisfazer as necessidades do próprio e que mais o tem como fonte de conforto e apoio e como base segura que incentiva a exploração (maior confiança), também corresponde ao grupo que manifesta a mais elevada necessidade de proximidade física e emocional, ansiedade de separação e medo da perda (maior dependência). São estes jovens os que menos concebem o par amoroso como secundário no preenchimento de necessidades de vinculação e que menos se centram na própria capacidade de resolução de problemas (menor evitamento); e, a par do *cluster* 4, são os que menos insegurança - expressa numa forte irritabilidade face a situações imprevisíveis e na dúvida sobre o papel que desempenha enquanto figura amorosa e sobre as suas emoções relativamente ao par romântico – demonstram (baixa ambivalência). Esta configuração parece corresponder ao protótipo de vinculação *preocupado*. Os jovens incluídos no *cluster* 2 correspondem ao protótipo *amedrontado*, na medida em que evidenciam a mais elevada ambivalência, aliada a uma baixa confiança no par romântico, elevada dependência e baixo evitamento. O *cluster* 3 coincide com o protótipo *desinvestido*: os jovens abarcados são aqueles que maior evitamento e menos confiança face à figura amorosa demonstram e, (a par do *cluster* 4), são os que menor dependência revelam; revelam ainda elevada ambivalência. Por último, o *cluster* 4 diz respeito ao protótipo *seguro*, pois os jovens manifestam elevada confiança no par amoroso relativamente ao preenchimento das necessidades de vinculação, revelam a mais baixa dependência (a par dos desinvestidos), o mais baixo evitamento (a par dos amedrontados) e a mais baixa ambivalência (a par dos preocupados).

Coloca-se a questão de que uma vinculação amorosa segura, em que prevaleça a confiança no par romântico se associe a contribuições positivas para o desenvolvimento do jovem (Brown et al., 1999; Collins et al., 2002; Erikson, 1968; Furman, 2002; Furman & Shaffer, 2003; Matos, 2006). Em contrapartida, crê-se que envolvimento românticos pautados por dependência exacerbada, elevado evitamento, e/ou muitas ambivalências relacionar-se-ão

mais com a outra face para além do “mar de rosas”, expressão de que Furman (2002, p. 178) se serve.

4.2 Da experiência emocional do toque com o par amoroso

Buytendijk (1970) refere que o importante é o aspecto afectivo e emocional das impressões tácteis; e, efectivamente, no seio das relações amorosas, aquelas revelam emoções positivas, carinho e afecto, mas também – em menor grau – emoções de valência negativa. Com efeito, e tal como se hipotetisara, no seio da relação (ou experiência) amorosa, o toque é, sobretudo, utilizado para comunicar afecto e obter proximidade emocional, assim como para comunicar intimidade sexual; os jovens percebem reduzido desejo de mais toque do par amoroso, e é muito reduzido o revelar desdém face ao toque e interpretá-lo como ameaçador, intrusivo ou aborrecido. A utilização do toque com conotações sexuais poderá ter que ver com o período desenvolvimental sobre o qual se debruça o estudo, pois que as relações amorosas durante a adolescência e juventude caracterizam-se por uma intensa atracção apaixonada (Brown et al., 1999).

Constatou-se a presença de uma relação entre as diferentes formas como o toque é concebido e/ou utilizado com a figura romântica. Em convergência com o estudo de Barbosa (2002), quanto maior for a utilização do toque para exprimir afecto, maior será a sua utilização para exprimir a sexualidade; parece que o amor e a sexualidade se interligam para os jovens, apesar da associação não se demonstra muito elevada, e crê-se que esteja presente uma relação circular, com influências recíprocas. Verificou-se, também, que quanto maior a utilização do contacto físico para expressar carinho, menor a repulsa e o desdém face ao mesmo; considera-se que, caso os jovens atribuam conotações mais positivas ao toque, mais se servirão dele para mostrar o afecto, como também sentir-se-ão bem com o ser tocado pelo par romântico. Ainda, quanto maior a utilização do toque para comunicar intimidade sexual e quanto maior a aversão face ao toque, mais é expressa carência e desejo de mais toque na relação, o que vem ao encontro do estudo citado (ibid.). As conclusões descritas parecem curiosas, pois - se a relação entre a expressão da sexualidade e a carência de contacto físico se pode compreender, na medida em que sentir-se privado de toque conduzirá o jovem a servir-se mais do contacto físico para exprimir sexualidade – o perceber repulsa face ao toque não tenderia a associar-se a um desejo de mais toque do par amoroso, contudo, poder-se-á fazer uma leitura em que se recorra à ambivalência quanto ao toque na relação romântica; especificamente, os jovens tomam o contacto físico como algo ameaçador ou maçador, porém sentem carência de toque por parte do/a namorado/a. Uma outra interpretação dos resultados se pode acrescentar, que se relaciona com os instrumentos administrados no estudo presente. Com efeito, a associação observada entre o perceber aversão e desejar mais toque poderá prender-se com a

formulação dos itens constitutivos de ambas as dimensões; a título ilustrativo, atente-se às afirmações “(...) acho o toque do meu namorado realmente aborrecido.” e “fico triste quando o meu namorado não me toca da forma como eu gostaria”. A relação entre as duas dimensões pode, portanto, ser entendida à luz da proximidade de conteúdos. Com efeito, detenhamo-nos na dimensão aversão ao toque, cuja descrição corresponde ao perceber o desdém face ao toque, e interpretação do mesmo como ameaçador, intrusivo ou aborrecido; há que reflectir acerca da discrepância de significados que a citada dimensão abrange: note-se o quão distinto é entender o contacto físico por parte do par amoroso como aborrecido, que remete para alguma indiferença, e como ameaçador, significado associado a um peso psicológico importante, o qual poderá ter sido desenvolvido como consequência de abuso.

4.3 Das relações entre a vinculação amorosa e a experiência emocional do toque na relação romântica

Concordamos com Field (Field, 2001; Field, 2002a) quanto à relevância assumida pelo toque para se constituírem laços interpessoais e se transmitir afecto, amor e carinho. Com efeito, o toque assume-se como o primeiro meio de comunicação com a mãe, contribuindo para construir um “estar com” - nas palavras de Buytendijk (1970) - e para se construírem relações de vinculação - ligações afectivas de proximidade, pautadas pela procura e/ou manutenção de proximidade (Ainsworth, 1989; Costa & Matos, 2006; Matos, 2003) - com as primeiras figuras significativas e, posteriormente, com o par amoroso, que idealmente funcionará como base segura e refúgio de segurança.

Parece que o toque assume papel preponderante no seio da relação romântica, atribuindo-lhe Buytendijk (1970) o ‘estar a dois’ como sua característica fundamental; trata-se de um poderoso veículo de expressão pessoal e comunicação emocional, para além de assumir um papel relevante ao nível de intimidade e demonstração de afeição (Barbosa, 2002; Hertenstein et al., 2006).

Na sequência dos trabalhos de Barbosa (2002) e Brennan et al. (1998), tal como era esperado e constituía o objectivo fundamental do trabalho de investigação, encontraram-se associações entre a qualidade da relação amorosa e a experiência emocional do toque. Por outras palavras, atitudes face ao toque reflectem a existência de dinâmicas de vinculação nas relações (Brennan et al., 1998): a confiança - conceber o namorado como capaz de satisfazer as necessidades de vinculação - correlaciona-se, positivamente, com o uso do toque para demonstrar afecto e comunicar intimidade sexual e, negativamente, com a aversão e a carência face ao toque; acontece o inverso, quando se considera a figura amorosa secundária no preenchimento daquelas necessidades (evitamento). Também, a necessidade de proximidade, a ansiedade de separação e o medo da perda – a

dependência -correlacionam-se de forma positiva com o uso do toque como demonstração de afecto e como forma de comunicar intimidade sexual; e, a ambivalência – caracterizada por elevada insegurança - correlaciona-se positivamente com o desdém relativo ao toque e ao desejar mais toque.

De acordo com o trabalho desenvolvido por Gullledge et al. (2003), que demonstram como comportamentos que envolvam o contacto físico entre os companheiros – sejam eles massajar, acariciar, abraçar, dar a mão, ou beijar – se associam a diversos aspectos positivos da relação amorosa, tal como a satisfação na relação e o sentir-se compreendido, os resultados apurados apontam para uma experiência mais positiva relativa ao contacto físico no seio de uma relação romântica mais adaptativa e satisfatória. Concretamente, em relacionamentos caracterizados por uma vinculação segura à figura amorosa, mas também por uma maior dependência; tal prender-se-á com, no caso de considerar a figura amorosa como responsiva, desejar expressar o afecto que sente, mas também expressar esse afecto no âmbito da sexualidade; no caso da dependência e ansiedade, considera-se que a utilização do toque para expressar carinho e intimidade sexual terá mais que ver com um meio de reduzir a ansiedade e o medo da perda da relação (note-se que quanto maior a confiança no/a namorado/a, menor surge a repulsa face ao toque e menor é também o desejo de mais toque, não se verificando esta relação para a dependência). Nas antípodas, como experiências mais negativas face ao toque com o par romântico, surgem a ambivalência e o evitamento, o qual, quanto mais elevado, menos os jovens recorrem ao contacto físico para mostrar afecto e comunicar intimidade sexual, mais o interpretam com aversão e mais se sentem privados de toque. Compreende-se o apurado, se se tomar em consideração que, se se descrê na figura amorosa como capaz de permitir satisfação das necessidades de vinculação, o jovem tenderá a ser evitante (ou desinvestido, segundo Bartholomew, 1990) face ao/à companheiro/a, quer no que se refere às emoções, quer aos comportamentos, de que o tocar é preponderante, procurando, neste sentido, proteger o *self* de eventuais decepções (Bartholomew & Horowitz, 1991). Por sua vez, a ambivalência relativamente à figura amorosa relaciona-se com ver o toque como algo de ameaçador ou aborrecido e, simultaneamente, sentir-se privado de toque, o que pode ser compreendido se se entender o conceito de ambivalência, que se concretiza na dúvida e na insegurança; com efeito, se o jovem se sente inseguro quanto ao papel que representa para o par amoroso, será também ambivalente quanto à atitude face ao contacto físico, ora o interpretando com desdém, como ameaça, ora sentindo desejo de ser mais tocado. Reportou-se a discussão de resultados supracitada a uma tentativa de compreender os significados do toque, partindo da forma como os jovens estão vinculados ao par romântico, contudo, a relação entre os dois constructos tenderá a ser bidireccional, pelo que o modo como é concebido e usado o toque, também reflectir-se-á na qualidade da relação amorosa.

Se se tomar em consideração uma visão prototípica, pode inferir-se que o toque proporciona conforto, aceitação, protecção, e leva a que o indivíduo se sinta amado (Barbosa, 2002; Brennan et al., 1998; Durana, 1998; Hunter & Struve, 1998) para alguns, nomeadamente os indivíduos com um padrão de vinculação amorosa seguro; todavia, o toque na relação amorosa pode ser experienciado de forma negativa, como demonstração de agressividade, aversão, ou sentindo carência de contacto físico por parte do par amoroso, no caso de indivíduos com relações inseguras (Barbosa, 2002; Brennan et al., 1998). Identificaram-se padrões de experiência de toque dependendo do protótipo de vinculação amorosa, convergindo – por norma - os resultados com as conclusões de Brennan et al. (1998). São os preocupados que mais percebem recorrer ao contacto físico para expressar afecto e obter proximidade emocional, seguidos pelos amedrontados, seguros, e os desinvestidos. Pelo exposto, desconfirma-se a hipótese de que jovens com uma vinculação segura ao par romântico correspondem aos que mais se servem do contacto físico para revelar amor; em estudo prévio, seguros e preocupados revelaram valores elevados em usar o toque para exprimir afecto (ibid.). Uma hipótese susceptível de explicar um maior uso do contacto físico para demonstrar afecto pelos jovens preocupados poderá ser, para o primeiro caso, uma procura excessiva de estar próximo do/a namorado/a. São também os preocupados que revelam uma maior interpretação e utilização sexual do toque, comparativamente com os seguros e os desinvestidos; tais constatações apoiam a conjectura formulada de que os jovens com um padrão de vinculação preocupado procurem e desejem o toque de forma exacerbada, orientando-se para a proximidade em relação ao outro (Bartholomew & Horowitz, 1991). Todavia, esta procura não se reveste *per se* de valência positiva ou negativa; tem que ver com o par e respectiva interpretação da procura da proximidade, pois o que está em causa é a diáde. Por outro lado, e tal como se pensara, os desinvestidos são os que mais conotam o contacto físico com ameaça e aborrecimento (na sequência de Brennan et al., 1998); seguem-se os amedrontados, e finalmente, os seguros a par dos preocupados. Os amedrontados e os desinvestidos são aqueles que mais carência de contacto físico por parte do par romântico sentem, comparados com os seguros e preocupados. Em estudo anterior, amedrontados e preocupados transpareceram elevado desejo de mais toque (ibid.); e, com efeito, causa estranheza os jovens desinvestidos manifestarem carência de contacto físico, este fenómeno foi já explorado anteriormente (cf. secção 4.5). Brennan et al. (1998) colocam a hipótese de que o evitamento – reduzido uso do toque afectuoso e securizante, e elevada aversão ao toque - separa os desinvestidos e amedrontados dos seguros e preocupados; e, a ansiedade - elevada privação de toque e uso do toque enquanto expressão de controlo coercivo - distingue os amedrontados e preocupados dos seguros e desinvestidos.

Identificaram-se as variáveis preditoras da forma como é interpretado e utilizado o contacto físico, no seio da relação (ou experiência) romântica, integradas em modelos de previsão,

possibilitando compreender-se a importância relativa de cada preditor. Para o uso do toque como demonstração de afecto, constituiu-se um modelo que inclui seis variáveis preditoras, nomeadamente: interpretação sexual do toque e utilização do mesmo para comunicar intimidade sexual (como melhor preditor); evitamento face ao par amoroso; dependência; clima familiar onde o contacto físico é comum e positivo; confiança na figura romântica; e, sentir carência de contacto físico por parte daquela³⁸. No que se refere à interpretação sexual do contacto físico e sua utilização para expressar intimidade sexual, o modelo de previsão constitui-se a partir de cinco variáveis, a saber: recorrer ao toque para comunicar afecto e proximidade emocional (melhor preditor); sentir-se privado de toque; satisfação com a sexualidade; evitamento face à figura amorosa; e, ambivalência quanto à mesma figura. O modelo de predição para se sentir aversão face ao toque do par romântico e concebê-lo como ameaça ou aborrecido abarca quatro preditores: como variável que melhor prediz aquela experiência emocional do toque, sentir carência de toque; evitamento relativamente à figura romântica; adaptação às mudanças físicas da puberdade; e confiança no par romântico enquanto figura de vinculação. Finalmente, à carência de contacto físico e desejo de mais toque do par amoroso associa-se um modelo de previsão composto por 12 preditores, nomeadamente: ambivalência face à figura romântica (que se constitui com o melhor valor preditivo); aversão relativa ao toque da mesma; confiança no par amoroso; uso do contacto físico para comunicar intimidade sexual; satisfação com a vida sexual; ambiente familiar respeitante ao toque entre os seus elementos; utilização do toque para comunicar afecto à figura romântica; dependência daquela; evitamento do par amoroso; idade do jovem; adaptação às mudanças físicas pubertárias; e, por último, a duração da relação romântica. Constata-se que a facilidade (ou dificuldade) com que decorreu a adaptação às mudanças corporais do período pubertário do jovem prediz, quer o perceber aversão relativamente ao contacto físico, quer o desejar ser mais tocado. Parece que algo que ocorre durante a puberdade, relacionado com o corpo, tem influência na forma como se interpreta o toque do e com o par amoroso. Efectivamente, os jovens tendem a conceber o corpo como variável fundamental nas suas vidas, e, em particular, nas suas relações interpessoais, reconhecendo uma relação recíproca entre a vivência corporal e a vivência interpessoal (Barbosa, 2008; Barbosa et al., 2008).

Conclui-se, a partir dos modelos aludidos, pela complexidade das relações interpessoais, concretamente as relações amorosas, e complexidade das experiências e significados atribuídos ao toque no seio destas relações. Efectivamente, são muitas e diversas as variáveis que permitem predizer a atitude e/ou uso do toque com a figura romântica. E, atente-se que apenas se debruçou o estudo sobre quatro dimensões.

³⁸ Os preditores mencionados apresentam-se ordenados de forma decrescente face ao respectivo valor preditivo, como se apresentam também as variáveis preditoras para as restantes três variáveis dependentes (i. e. as restantes dimensões da experiência emocional do toque).

4.4 Da influência do clima familiar respeitante ao contacto físico na vinculação e experiência emocional com o par amoroso

De acordo com o que se conjecturara, a representação do ambiente familiar relativo ao contacto físico parece assumir-se como contexto para a forma como o contacto físico é experienciado na relação amorosa do jovem e tende a ter influência na vinculação ao par romântico.

Segundo um pressuposto básico da teoria da vinculação, as relações de vinculação precoces fornecem o protótipo das relações sociais posteriores (Bartholomew, 1990; Crittenden, 1997). E, existe uma tendência para o ambiente de toque na família se associar à vinculação romântica: com efeito, quanto mais a família for caracterizada pelo contacto físico – entendido como fonte de bem-estar - entre os seus elementos e por um à-vontade para se conversar acerca de questões relacionadas com o corpo, mais os jovens percepcionam responsividade do par amoroso para satisfazer as necessidades do próprio e o tomam como fonte de apoio e como base segura, e menos lhe atribuem um papel secundário na satisfação de necessidades de vinculação, centrando-se menos na própria capacidade de lidar com problemas, mais sentem necessidade de proximidade, ansiedade aquando da separação e medo da perda da relação, e menor é também a insegurança enquanto figura amorosa. Tais constatações compreendem-se, na medida em que o toque corresponde ao veículo primeiro de comunicação com os outros, e funciona como propiciador do estabelecimento de relações de vinculação; é no contexto da família que o indivíduo experimenta pela primeira vez o contacto físico e se avalia a si como merecedor de amor, bem como os outros como dignos de confiança quanto à responsividade. Crê-se que viver inserido numa família de toque, e onde o mesmo é entendido como positivo contribuirá para avaliar os outros como merecedores de confiança enquanto figuras de vinculação, mas também para avaliar o *self* e – particularmente o *self* corporal. Neste sentido, Barbosa (2008) mostra como jovens com experiências mais positivas nas suas relações são aqueles que apresentam uma imagem mais positiva, e também aponta para a influência da educação e relação com os significativos para a construção da imagem corporal (Barbosa et al., 2008). Considera-se, portanto, que uma família que se caracterize pelo tocar e ser tocado como mecanismo de comunicação de afecto e de apoio contribuirá para promover a avaliação de si mesmo e dos outros, e criando contexto para a posterior construção de novas relações de vinculação, concretamente com a figura amorosa.

Efectivamente, o presente trabalho vem corroborar a assumpção de Brennan et al. (1998): parece que o modo como o jovem experiencia o tocar e o ser tocado no contexto da sua relação romântica tem que ver com a sua história desenvolvimental, sendo influenciado quer

por experiências relacionais mais precoces quer por mais tardias³⁹. Quanto maior a normalidade em tocar e ser tocado no contexto familiar, mais os jovens tendem a recorrer ao toque para comunicar afecto, menos o percebem como ameaçador ou aborrecido e menos se sentem insatisfeitos com a quantidade de contacto físico na relação amorosa. Desta forma, poderá pensar-se que o ambiente familiar de toque se constituiu como catalisador para o toque visto como positivo para a relação de vinculação que se constrói num período ulterior à infância: a relação amorosa durante a juventude. Uma família onde é habitual o abraço, quer em momentos de glória, quer em momentos de amargura; um jovem cuja história desenvolvimental se caracteriza por ter o colo da mãe e do pai, um jovem que sinta abertura e flexibilidade por parte da família para conversar sobre questões relacionadas com o corpo e as mudanças corporais, será um jovem que construirá uma relação amorosa mais adaptativa, caracterizada por uma vinculação segura – pensa-se que as carícias e os abraços durante a infância contribuirão para um modelo positivo de si, percebendo-se como uma pessoa digna do amor dos outros. Claro que existe o reverso da medalha, na medida em que o toque, no seio da família, poderá também – a par da demonstração de afecto – servir como punição física, ou mesmo para situações de abuso físico ou sexual; em situações como estas, crê-se que se poderá repercutir num receio e ambivalência face ao toque noutras relações interpessoais, nomeadamente na relação romântica que implica o tocar e ser tocado. Aludiu-se e explorou-se o toque no contexto familiar, concretamente, durante o período da infância, - seja para mostrar amor, seja para punir -; no entanto, famílias há que se caracterizam por uma negligência física, que se esperam conduzir a pessoas com dificuldades no que diz respeito ao toque. Jovens provenientes de famílias como as mencionadas poderão conceber o contacto físico na relação com o/a companheiro romântico como algo que causa desconforto ou, por outro lado, sentir carência de toque, procurando – de algum modo – uma compensação face à infância (Field, 2002b).

De uma perspectiva prototípica, verifica-se que os preocupados vêem como mais comum e mais propiciador de bem-estar o toque entre os membros da família, bem como sentem um maior à-vontade para conversar acerca do corpo com a família, face aos desinvestidos. Com efeito, e com base em Erikson (1968), um jovem que se desenvolva inserido numa família mais apoiante e em que seja privilegiado o contacto físico, tenderá a desenvolver confiança e uma vinculação segura, mas poderá também ser catalisador para uma dependência exacerbada da(s) figura(s) de vinculação, no caso de o apoio ser superior ao adequado, não funcionando a família como base segura que permite a exploração e autonomia; nos antípodas, uma família que não se demonstre responsiva face às necessidades da criança, tenderá a última a desvalorizar as relações de vinculação, centrando-se em si como capaz de resolver os problemas, por outras palavras, tenderá a revelar um padrão desinvestido.

³⁹ Influência terão ainda factores relacionados com a cultura em que o indivíduo se insere.

4.5 Do efeito do sexo, da idade, do estatuto relacional e da duração da relação romântica sobre a vinculação romântica e a experiência emocional do toque

De acordo com a hipótese que se formulara, identificou-se um efeito do sexo, da idade e do estatuto relacional ao nível da vinculação ao par amoroso e da experiência emocional do toque no contexto da relação – ou experiência – romântica. Todavia, não se identificou um efeito directo da duração da relação romântica, tal como se esperava.

Existem diferenças individuais face à vivência das relações românticas e ao modo como se lidam com os eventos que ocorrem no contexto das mesmas, diversos estudos apontando para a presença de diferenças de género nestas questões (Barbosa, 2002; Jackson & Ebnet, 2006; Shulman & Kipsis, 2001). Constatou-se, no presente estudo, que os jovens do sexo feminino consideram mais o par amoroso como uma figura responsiva capaz de satisfazer as suas necessidades de vinculação, como fonte de conforto e apoio e como base segura que permite a exploração, comparativamente com os jovens do sexo masculino; em contrapartida, os jovens do sexo masculino são aqueles que mais atribuem um papel secundário ao par romântico no que concerne ao preenchimento de necessidades de vinculação, e que mais se centram na própria capacidade de resolução de problemas, quando comparados com os jovens do sexo feminino. Esta diferença ao nível da confiança e evitamento pode ser entendida à luz da sociedade e respectivos valores e princípios privilegiados e transmitidos às pessoas desde uma fase desenvolvimental muito precoce; apesar de nos inserirmos num contexto sócio-cultural caracterizado pela liberdade e por igualdade de oportunidades, nomeadamente de género, continua a prevalecer - ainda que de forma mais ou menos velada - a ideia de que os homens não se envolvem – ou devem envolver – muito emocionalmente, ao invés devem assumir-se e funcionar como independentes⁴⁰.

Coincidindo com as conclusões de Barbosa (2002) e Brennan et al. (1998), verificou-se que os jovens do sexo feminino servem-se mais do toque com intenção de expressar afecto e obter proximidade emocional, comparativamente com os jovens do sexo masculino; a interpretação sexual do toque e o seu uso para comunicar intimidade sexual é mais elevada para os jovens do sexo masculino, como também são estes que percebem maior privação de toque e desejo de mais toque do par amoroso, em relação aos jovens do sexo feminino. Esta superioridade masculina no que concerne à interpretação sexual do toque e ao uso do toque como expressão da sexualidade, apontada já por outro estudo (Barbosa, 2002) pode perceber-se por uma maior orientação para a sexualidade por parte dos homens. As mulheres servem-se mais do toque para expressar carinho, o que poderá ter

⁴⁰ Faça-se a distinção entre independência e autonomia, correspondendo à centração em si próprio, concretamente para a resolução de problemas, e à escolha quanto à iniciação e regulação do próprio comportamento, respectivamente (Deci & Ryan, 1985).

que ver com a concepção de que, à mulher é normal a expressão de emoções e é, aliás, esperado que seja afectuosa. Um outro motivo para os resultados a que se chegaram tem que ver, efectivamente, com a vinculação amorosa, e suas relações com a experiência emocional do toque, já discutidas acima: se as mulheres manifestam maior confiança no par romântico, também serão elas que mais se servirão do toque para mostrar o seu afecto.

Ao longo do período da adolescência e da juventude, a relação romântica evolui desde uma fase afiliativa, passando, numa fase posterior, a maior procura de proximidade emocional, maior confiança e capacidade para expressar diferenças e definir fronteiras, e as relações românticas assumindo um papel preponderante enquanto fonte de apoio e contexto de intimidade (Matos, 2006). Todavia, e contra a hipótese defendida, apesar de – tendencialmente – a relação de vinculação se construir entre jovens mais velhos, cujo par romântico funciona como base segura e como refúgio de segurança, com a investigação empreendida, concluiu-se que são os jovens mais novos quem mais vê o par romântico como alguém capaz de satisfazer as necessidades de vinculação, face aos jovens mais velhos. Também são os mais novos que mais recorrem ao contacto físico para comunicar afecto e alcançar proximidade emocional, comparados com os mais velhos; com efeito, outros trabalhos apontam para um decréscimo do uso do toque para demonstrar carinho ao longo das faixas etárias (Barbosa, 2002; Brennan et al., 1998). De acordo com resultados de outras investigações (ibid.), os jovens mais velhos percebem mais o toque como algo de ameaçador ou aborrecido; apurou-se, ainda que a magnitude da diferença se revele reduzido, que os mais velhos sentem maior carência de contacto físico no seio da relação romântica, em comparação com os participantes mais novos. Estas constatações podem ter que ver com os jovens mais velhos estarem confrontados com desafios e com questões com as quais os mais novos não têm que lidar. De facto, os participantes mais novos encontrar-se-ão sobretudo no primeiro (e, talvez, segundo) ano do curso frequentado, muito provavelmente inseridos num clima de festas e de diversão que caracteriza a adolescência na nossa cultura, constituindo-se as relações amorosas como fonte de bem-estar no presente. Em contrapartida, conjectura-se que os mais velhos se confrontem com o final da vida académica e (tentativa de) entrada no mercado de trabalho, com tudo o que tal acarreta; e, por outro lado, perspectivem o par romântico como aquele que acompanhará o próprio no futuro, e, provavelmente, não olharão para o envolvimento amoroso como “simples ‘mares de rosas’”, na expressão de Furman (2002, p. 178). Descrevendo a sequência de acontecimentos ocorridos no seio da relação amorosa dos jovens, O’Sullivan et al. (2007) aludem aos eventos sexuais como ulteriores aos eventos sociais e românticos, de que é exemplo passar tempo com o/a namorado/a. Assim, esperar-se-ia que os jovens mais velhos se servissem mais do toque com conotação sexual, porém, não se identificaram diferenças de idade no que se refere à interpretação sexual do toque e seu uso para

comunicar intimidade sexual, como se pensara, e como sugeria o estudo de Barbosa (2002), que mostrou que o jovem adulto é quem mais usa o toque sexual. Poderá prender-se com, apesar de se ter constituído dois grupos etários, os jovens têm idades próximas, não permitindo observar diferenças.

No que ao estatuto relacional diz respeito, verificou-se, de acordo com o que se conjecturara, que os jovens que têm uma relação romântica no presente consideram mais o par romântico como capaz de proporcionar satisfação das necessidades de vinculação e como base segura e fonte de apoio, e são aqueles que maior necessidade de proximidade, ansiedade de separação e medo da perda revelam, face aos jovens que tiveram uma relação romântica no passado. Também na sequência da hipótese formulada, os jovens que namoram no presente são os que mais se servem do toque para comunicar afecto ao par romântico e que menos percebem o contacto físico como ameaçador ou maçador, em relação aos jovens que já namoraram e aos que “têm curtido”; são ainda os jovens com um relacionamento amoroso actual aqueles que se sentem menos insatisfeitos quanto à quantidade de toque, face aos que tiveram um relacionamento no passado. Em contrapartida, os jovens que já namoraram demonstram-se mais inseguros e com mais dúvidas no que se refere ao próprio papel como figura amorosa e no que se refere às suas emoções face à figura romântica, e mais a vêem como secundária quanto à satisfação de necessidades de vinculação, centrando-se em si mesmos para a resolução de problemas, relativamente aos jovens envolvidos num relacionamento actual. Note-se que os jovens envolvidos emocionalmente com um par romântico no presente revelam a maior confiança no/a companheiro/a e o mais reduzido evitamento, o maior uso do toque para comunicar afecto e a mais baixa aversão face ao contacto físico e mais baixo desejo de mais toque (comparativamente com os jovens que namoraram no passado). Os resultados descritos poderão prender-se com uma dificuldade, por parte dos jovens que tiveram uma relação romântica mas não namoram no presente em evocar bons momentos junto do par amoroso, focalizando-se na ruptura da relação e circunstâncias que a envolveram. Pode desenvolver-se um raciocínio idêntico face ao preenchimento dos QVA e QEET, pois o participante era confrontado com itens formulados como se tivesse um relacionamento actual e convidado a reportar-se ao relacionamento mais duradouro que já teve – no caso dos jovens que namoraram no passado – ou imaginar como gostaria que fosse uma relação de namoro – para os jovens que “curtem”; naturalmente, é distinto experienciar, ter experienciado, e imaginar-se a experienciar uma relação amorosa. Todavia, parece que possuir uma relação de namoro presente contribui para uma vinculação mais segura em relação à figura romântica e a experiências de toque mais positivas.

O facto de não se ter apurado um efeito directo da duração da relação romântica, quer sobre a vinculação romântica, quer sobre a experiência emocional do toque diverge com a

assumpção defendida, e com outros trabalhos que demonstram que se trata de uma variável a ter em conta para se compreender a existência de diferentes experiências emocionais relativamente ao tocar e ser tocado, sendo que, tendencialmente, o evitamento do contacto físico diminui com o tempo da relação (Barbosa, 2002; Brennan et al., 1998). A ausência de diferenças poderá associar-se ao modo como se constituiu os grupos em função da duração da relação amorosa. No entanto, observou-se um efeito indirecto sobre os constructos em causa, uma vez que, controlando os efeitos da duração da relação, passam a existir diferenças no evitamento em função da idade, e no uso do toque para comunicar intimidade sexual.

5. Considerações Finais

Após apresentação do enquadramento teórico-conceitual do trabalho e do estudo empírico desenvolvido, torna-se adequado reflectir sobre a investigação - quer no que concerne às dificuldades que emergiram durante as fases do estudo, quer no que diz respeito às limitações identificadas – e fornecer pistas para futuros trabalhos. Posteriormente, expõem-se as grandes conclusões da investigação empreendida.

5.2 Dificuldades e limitações do estudo

Aquando da etapa de pesquisa e revisão bibliográficas, um obstáculo com que se confrontou a investigação consistiu na reduzida produção científica nas temáticas das relações românticas durante a juventude, e do toque e sua experiência emocional. Porém, o citado obstáculo converteu-se numa ainda mais aguçada curiosidade e interesse pela investigação a decorrer. Relativamente à metodologia, o processo de amostragem de conveniência corresponde a uma limitação no trabalho, todavia, considera-se que o número elevado de participantes colmatará esta questão; ainda quanto à amostra, surgiu uma dificuldade no decurso da recolha de dados, concretamente em reunir participantes do sexo masculino, conducente a um desequilíbrio dos participantes quanto ao sexo⁴¹. Uma outra limitação tem que ver com a totalidade dos participantes da investigação serem estudantes de ensino superior, o que acarreta cautela aquando da interpretação e generalização dos resultados. No que se refere aos instrumentos de avaliação utilizados, há que salientar o carácter exploratório do *Questionário da Expressividade do Toque na Família* (QETF); com efeito, o que se pretendeu foi uma aproximação ao conceito, aliás crê-se que o clima familiar relativo ao contacto físico será melhor avaliado, adoptando-se uma abordagem multidimensional. Debruçando a atenção sobre o *Questionário da Experiência Emocional do Toque* (QEET), a tradução dos itens – para adaptação do instrumento à população

⁴¹ Com o intuito de equilibrar a amostra em função do sexo, procedeu-se a recolha de dados suplementar (junto de jovens do sexo masculino), no entanto, o desequilíbrio manteve-se, apesar de menos acentuado.

portuguesa - representou, por vezes, o desafio de identificar expressões paralelas à língua inglesa, numa temática e com populações onde as expressões são tão intrínsecas a quem delas se serve. Por outro lado, é de referir que – para além da utilização do toque para comunicar afecto e intimidade sexual, de concebê-lo como ameaçador ou aborrecido, e de sentir-se privado de contacto físico por parte da figura amorosa – existe um leque extenso e diversificado de significados e experiências atribuídas ao toque no contexto da relação romântica, os quais não foram tomados em consideração no estudo⁴². Uma limitação susceptível de ser apontada ao trabalho de investigação consiste na focalização do protocolo de recolha de dados para quem tem ou teve uma relação amorosa significativa, tornando difícil para os participantes que “curtem” situar-se face aos itens constitutivos do QVA e do QEET⁴³; não obstante, o estudo interessa-se efectivamente sobre as relações românticas, pois são estas que suscitam activação dos processos de vinculação.

5.2 Pistas para investigações ulteriores

Caso se pretenda desenvolver trabalhos na sequência do presente, apresentam-se sugestões, no sentido de melhor se compreender o objecto de estudo, e na tentativa de otimizar os resultados obtidos no que concerne à aproximação à população-alvo, e, desta forma, fortalecer a susceptibilidade de generalização dos resultados.

De forma a compreender e descobrir, de forma mais aprofundada, os significados e as vivências do toque no contexto da relação amorosa dos jovens, uma opção metodológica interessante consistirá em realizar entrevistas junto dos mesmos. Através do citado método de recolha de dados, espera-se apurar nuances relativamente às percepções dos jovens face ao tocar no e ser tocado/a pelo par romântico.

Se se aspirar ao aprofundamento da relação entre a relação amorosa e a relação com a família, há que desenvolver e aperfeiçoar o Questionário da Expressividade do Toque na Família (QETF), mediante inclusão de maior número de itens, muito provavelmente agrupados em mais que uma dimensão⁴⁴, e empreender estudos de validação do mesmo.

⁴² Vejam-se as restantes escalas construídas por Brennan et al. (1998), integradas no QEET, as quais não constaram do instrumento utilizado (cf. secção 2.2.2 deste trabalho).

⁴³ A título ilustrativo, durante o procedimento da reflexão falada, um participante que não possui relação significativa, mas tem tido experiências românticas, revelou que o questionário lhe parece “muito focado para o namoro”; também, uma participante que namora no presente refere que lhe custaria responder se não namorasse.

⁴⁴ Aliás, o procedimento da análise factorial exploratória em componentes principais apontou inicialmente para uma organização em dois factores (cf. Anexo 7A).

Paralelamente, poderá assumir-se interessante avaliar também a vinculação aos pais⁴⁵ conjuntamente com a vinculação ao par romântico. Efectivamente, de acordo com Matos (2006), existe uma influência recíproca entre a relação do jovem com os pais e a relação com o par romântico; Barbosa (2002) encontrou associações entre a qualidade da relação com os pais e o modo como o contacto físico é interpretado na relação romântica: a inversão de papéis, a ansiedade de separação, bem como a dependência e inibição da exploração e individualidade na relação com os progenitores relacionam-se com uma experiência negativa quanto ao toque com o par romântico, traduzida em demonstração de aversão e agressividade e desejo de mais toque.

Uma variável que parece mediar a relação entre vinculação ao par romântico e os significados atribuídos ao contacto físico, no seio dessa mesma relação, parece ser a relação com o corpo⁴⁶ por parte do jovem. Barbosa (2008) mostra como jovens com experiências mais positivas nas suas relações são aqueles que apresentam uma imagem mais positiva. Por conseguinte, poder-se-á tomar em consideração a vivência do corpo⁴⁷ e/ou a imagem corporal dos jovens e suas relações com os significados atribuídos ao toque, assim como com a vinculação romântica numa futura investigação.

Uma outra sugestão refere-se a investigar a influência da vida sexual do jovem nos significados atribuídos ao contacto físico com a figura romântica; com efeito, apurou-se no presente estudo que a satisfação com a vida sexual se revela como preditor para a utilização do toque para comunicar intimidade sexual e para a percepção de carência de contacto físico por parte daquela figura. Percepcionar elevado desejo de mais toque poderá ser explicado pelo jovem nunca ter tido relações sexuais, ou ter relações sexuais esporádicas. Interessante, também, será estudar em que medida a ocorrência de determinados eventos na trajectória de vida do jovem – ter tido uma experiência sexual

⁴⁵ A vinculação ao pai e à mãe poderá ser medida através do *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* (QVPM; Matos & Costa, 2001). Trata-se de um instrumento de auto-relato que se destina a avaliar as representações de vinculação que os adolescentes e jovens adultos têm relativamente a cada uma das suas figuras parentais; é composto por 30 itens que se organizam em torno de uma estrutura de três dimensões: *inibição da exploração e individualidade, qualidade do laço emocional, e ansiedade de separação e dependência*.

⁴⁶ No que concerne à relação entre a imagem corporal e o toque, de acordo com Gupta e Schork (1994), a privação de contacto físico terá efeitos adversos sobre o processo de construção da imagem corporal, uma vez que esta se desenvolve como resposta às reflexões empáticas do cuidador, comunicadas sobretudo por sensações físicas (e.g. tocar, segurar de modo seguro). Segundo os citados autores, é essencial ser educado com toque para o desenvolvimento da imagem corporal.

⁴⁷ O citado constructo poderá ser operacionalizado através da Escala de Experiência Corporal (*Body Investment Scale*, BIS) da autoria de Orbach e Mikulincer (1998). Trata-se de um instrumento que procura avaliar a vivência do corpo; é constituído por 24 itens, agrupados em quatro dimensões: *sentimentos e atitudes face à imagem corporal; conforto com o toque; cuidado com o corpo; e, protecção do corpo*.

desagradável; ter sido vítima de abuso (concretamente, físico) - tem efeito na experiência emocional do toque na relação amorosa⁴⁸.

Finalmente, o estudo que se desenvolveu aponta para um efeito protector de estar envolvido numa relação romântica no momento presente, no que concerne à vinculação amorosa e à experiência emocional do toque com o par romântico⁴⁹. De facto, constatou-se que os jovens que têm namorado/a – quando comparados com os jovens que já namoraram - revelam uma mais elevada confiança no par romântico enquanto figura de vinculação que funciona como base segura e refúgio de segurança, maior dependência e mais baixos evitamento e ambivalência, bem como se servem mais do contacto físico para comunicar afecto e manifestam menor carência e aversão face ao toque. Poderá ser objecto de interesse averiguar se o facto de se estar envolvido do ponto de vista amoroso – e, concretamente, ter uma vinculação segura ao par romântico - se constituirá também como factor protector relativamente a outras questões. De facto, Lopez (2009) aponta para a importância das relações íntimas seguras em termos de se assumirem como protectoras face a perturbações, e mesmo como promotor do desenvolvimento humano. Na sequência do que o autor defende, poder-se-á seleccionar um indicador de desenvolvimento, investigando em que medida revelam um funcionamento mais adaptativo os jovens com uma relação romântica actual e, em particular, aqueles que crêem na figura amorosa como capaz de preencher as necessidades de vinculação.

5.3 Conclusões

O trabalho apresentado aponta para a importância do corpo e do contacto físico nas relações interpessoais, e – em especial – para as relações amorosas durante o período da adolescência e juventude, em que as questões relacionadas com o corpo se tornam prementes (Barbosa et al., 2008).

Globalmente, parece que os jovens percepcionam a figura amorosa como digna de confiança no que se refere à sua responsividade e tendem a recorrer ao toque para comunicar afecto. Constatou-se que a qualidade da relação romântica e o modo como se interpreta e se recorre ao toque se encontram relacionados, tendendo os jovens envolvidos em relações mais positivas a recorrer mais ao contacto físico para expressar afecto e intimidade sexual. Identificaram-se os protótipos de vinculação de Bartholomew (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991), os quais correspondem a padrões específicos no que respeita à experiência do toque. Observou-se, igualmente, que a

⁴⁸ O protocolo de recolha de dados utilizado no estudo abarcou os acontecimentos aludidos; todavia, os mesmos não se constituíram como objecto de análise, devido à opção em privilegiar as análises conducentes aos objectivos da investigação, bem como à testagem das hipóteses formuladas.

representação dos jovens relativamente ao clima familiar - particularmente ao modo como o toque é percebido nesse contexto - revela um impacto sobre a percepção e a utilização do contacto físico na relação amorosa, assim como sobre a vinculação ao par romântico. Foram apurados efeito de variáveis sócio-demográficas e de variáveis relacionadas com a relação amorosa sobre a vinculação ao/à namorado/a e sobre a experiência emocional do toque, sendo as mulheres, os jovens mais novos, e os jovens que namoram actualmente aqueles que mais percebem o par amoroso digno de confiança face às necessidades de vinculação e que mais utilizam o toque para comunicar afecto. Verificou-se que as dimensões da vinculação amorosa, a satisfação com a vida sexual, a duração da relação amorosa, a adaptação às mudanças físicas da puberdade, a expressividade do toque na família e a idade do jovem se constituem como preditores da experiência emocional do toque com o par romântico.

6. Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M. D. (1989). Attachment beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Allen, J. P., & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 319-335). New York: The Guilford Press.
- Barbosa, M. R. (2008). *Contextos relacionais de desenvolvimento e vivência corporal*. Tese de doutoramento não-publicada. Universidade do Porto, Portugal.
- Barbosa, R., Matos, P. M., & Costa, M. E. (2008). O corpo falado pelos jovens adultos. *Psicologia, Educação e Cultura*, 12, 379-402.
- Barbosa, S. (2002). *Relações de vinculação e a experiência emocional do toque: Estudo exploratório*. Tese de mestrado não-publicada, Universidade do Porto, Portugal.
- Barker, P., & Buchanan-Barker, P. (2006). Stay in touch. *Nursing Standard*, 21, 16-18.
- Barnett, L. (2005). Keep in touch: The importance of touch in infant development. *Infant Observation*, 8, 15-123.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7, 147-178.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 226-244.

- Brennan, K. A., Wu, S., & Loev, J. (1998). Adult romantic attachment and individual differences in attitudes toward physical contact in the context of adult romantic relationships. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 394-428). New York: Guilford Press.
- Brown, B. B., Feiring, C., & Furman, W. (1999). Missing the love boat: Why researchers have shied away from adolescent romance. In W. Furman, B. Brown, & C. Feiring (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence* (pp. 1-16). Cambridge: Cambridge University Press.
- Buytendijk, F. J. (1970). Some aspects of touch. *Journal of Phenomenological Psychology*, 1, 99-124.
- Collins, N. L., Cooper, M. L., Albino, A., & Allard, L. (2002). Psychosocial vulnerability from adolescence to adulthood: A prospective study of attachment style differences in relationship functioning and partner choice. *Journal of Personality*, 70, 965-1008.
- Collins, W. A., Welsh, D. P., & Furman, W. (2009). Adolescent romantic relationships. *Annual Review of Psychology*, 60, 631-652.
- Connolly, J., Furman, W., & Konarski, R. (2000). The role of peers in the emergence of heterosexual romantic relationships in adolescence. *Child Development*, 71, 1395-1408.
- Costa, M. E. (2005). *À procura da intimidade*. Porto: Edições ASA.
- Costa, M. E., & Matos, P. M. (2006). *Abordagem sistémica do conflito*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Crittenden, P. M. (1997). The effect of early relationship experiences on relationships in adulthood. In S. Duck (Ed.), *Handbook of personal relationships: Theory, research and interventions* (2^a ed.) (pp. 99-119). Chichester: John Wiley & Sons.
- Davis, L. F. (1975). Touch, sexuality and power in residential settings. *British Journal of Social Work*, 5, 397-411.
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (1985). The generally causality orientations scale: Self-determination in personality. *Journal of Research in Personality*, 19, 109-134.
- Dindia, K., Timmerman, L., Langan, E., Salstein, E. M., & Quandt, J. (2004). The function of holiday greetings in maintaining relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 21, 577-593.

- Durana, C. (1998). The use of touch in psychotherapy: Ethical and clinical guidelines. *Psychotherapy, 2*, 269-280.
- Erikson, E. H. (1968). *Identidade: Juventude e crise* (pp. 90-141). Rio de Janeiro: Zahar.
- Field, T. (2001). *Touch*. Cambridge: The MIT Press.
- Field, T. (2002a). Infants' need for touch. *Human Development, 45*, 100–103.
- Field, T. (2002b). Violence and touch deprivation in adolescents. *Adolescence, 148*, 735-749.
- Furman, W. (2002). The emerging field of adolescent romantic relationships. *Current Directions in Psychological Science, 11*, 177-180.
- Furman, W., & Shaffer, L. (2003). The role of romantic relationships in adolescent development. In P. Florsheim (Ed.), *Adolescent romantic relations and sexual behaviour: Theory, research and practical implications* (pp. 3-22). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Furman, W., Simon, V. A., Shaffer, L., & Bouchey H. A. (2002). Adolescents' working models and styles for relationships with parents, friends, and romantic partners. *Child Development, 73*, 241–255.
- Grover, R. L., & Nangle, D. W. (2007). Introduction to the special section on adolescent romantic competence: Development and adjustment implications. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology, 36*, 485-490.
- Gulledge, A. K., Gulledge, M. H., & Stahmann, R. F. (2003). Romantic psysical affection types and relationship satisfaction. *The American Journal of Family Therapy, 31*, 233-242.
- Gulledge, A. K., Hill, M., Lister, Z., & Sallion, C. (2007). Non-erotic physical affection: It's good for you. In L. L'Abate (Ed.), *Low-cost approaches to promote physical and mental health: Theory, research, and practice* (pp. 371-384). New York: Springer.
- Gupta, M. A., & Schork, N. J. (1995). Touch deprivation has an adverse effect on body image: Some preliminary observations. *International Journal of Eating Disorders, 17*, 185-189.
- Hertenstein, M. J., Verkamp, J. M., Kerestes, A. M., & Holmes, R. M. (2006). The communicative functions of touch in humans, nonhuman primates, and rats: A review and synthesis of the empirical research. *Genetic, Social, and General Psychology Monographs, 132*, 5-94.

- Hunter, M., & Struve, J. (1998). Challenging the taboo: Support for the ethical use of touch psychotherapy with sexually compulsive/addicted clients. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 5, 141-148.
- Jackson, T., & Ebnet, S. (2006). Appraisal and coping in romantic relationship narratives: effects of shyness, gender, and connoted affect of relationship events. *Individual Differences Research*, 4, 2-15.
- Jouriles, E. N., McDonald, R., Garrido, E., Rosenfield, D., & Brown, A. S. (2005). Assessing aggression in adolescent romantic relationships: Can we do it better? *Psychological Assessment*, 17, 469–475.
- Kertay, L., & Reviere, S. (1993). The use of touch in psychotherapy: Theoretical and ethical considerations. *Psychotherapy*, 1, 32-40.
- Lopez, F. G. (2009). Adult attachment security: The relational scaffolding of positive psychology. In C. R. Snyder & S. J. Lopez (Eds.), *Oxford handbook of positive psychology* (2^a ed.) (pp. 405-413). New York: Oxford Library of Psychology.
- Matos, P. M. (2002). *(Des)continuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes*. Tese de doutoramento não-publicada, Universidade do Porto, Portugal.
- Matos, P. M. (2003). O conflito à luz da teoria da vinculação. In M. E. Costa (Coord.), *Gestão de conflitos na escola* (pp. 143-191). Lisboa: Universidade aberta.
- Matos, P. M. (2006). Relações românticas em adolescentes. *Psychologica*, 41, 9-24.
- Matos, P. M., Barbosa, S., & Costa, M. E. (2001). Avaliação da vinculação amorosa em adolescentes e jovens adultos: Construção de um instrumento e estudos de validação. *Revista Oficial de la Asociación IberoAmericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 11, 93-109.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2001). *Questionário de vinculação ao pai e à mãe*. Manuscrito não-publicado, Universidade do Porto, Portugal.
- Montagu, A. (1986). *Tocar: O significado humano da pele* (7^a ed.). São Paulo: Summus Editorial.
- Morrow, G. D., & O'Sullivan, C. (1998). Romantic ideals as comparison levels: Implications for satisfaction and commitment in romantic involvements. In V. Munck (Ed.), *Romantic love and sexual behaviour: Perspectives from the social sciences* (pp. 171-199). Westport: Praeger Publishers.

- Orbach, I., & Mikulincer, M. (1998). The body investment scale: Construction and validation of a body experience scale. *Psychological Assessment*, 10, 415-425.
- O'Sullivan, L. F., Mantsun, M., Harris, K. M., & Brooks-Gunn, J. (2007). I wanna hold your hand: The progression of social, romantic and sexual events in adolescent relationships. *Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, 39, 100–107.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2001). *O mundo da criança* (8ª ed.). Lisboa: McGraw-Hill.
- Pereira, A. (2003). *SPSS: Guia prático de utilização: Análise de dados para ciências sociais e psicologia* (4ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS* (5ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Poeschl, G. (2006). *Análise de dados na investigação em psicologia: Teoria e prática*. Coimbra: Almedina.
- Rocha, M. (2008). *O desenvolvimento das relações de vinculação na adolescência: Associações entre contextos relacionais com pais, pares e par amoroso*. Tese de doutoramento não-publicada, Universidade do Porto, Portugal.
- Rosen, S. H. (1961). Thought and touch: A note on Aristotle's 'de anima'. *Phronesis*, 6, 127-137.
- Santos, R. (2005). *Conflito interparental e sensibilidade à rejeição: implicações na vinculação romântica*. Tese de mestrado não-publicada, Universidade do Porto, Portugal.
- Seiffge-Krenke, I. (2003). Testing theories of romantic development from adolescence to young adulthood: Evidence of a developmental sequence. *International Journal of Behavioral Development*, 27, 519-531.
- Seiffge-Krenke, I., Shulman, S., & Klessinger, N. (2001). Adolescent precursors of romantic relationships in young adulthood. *Journal of Social & Personal Relationships*, 8, 327-346.
- Shulman, S., & Kipnis, O. (2001). Adolescent romantic relationships: A look from the future. *Journal of Adolescence*, 24, 337-352.
- Shulman, S., Mayes, L. C., Cohen, T. H., Swain, J. E., & Leckman, J. F. (2008). Romantic attraction and conflict negotiation among late adolescent and early adult romantic couples. *Journal of Adolescence*, 31, 729-745.

- Simpson, J. A., Collins, W. A., Tran, S., & Haydon, K. C. (2007). Attachment and the experience and expression of emotions in romantic relationships: A developmental perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 92, 355-367.
- Tuval-Mashiach, R., Walsh, S., Harel, S., & Shulman, S. (2008). Romantic fantasies, cross-gender friendships, and romantic experiences in adolescence. *Journal of Adolescent Research*, 23, 471-487.
- Wayment, H. A. (2005). The content and formation of college students' relational standards. *Crisp*, 10, 250-267.
- Welsh, D. P., Haugen, P. T., Widman, L., Darling, N., & Grello, C. M. (2005). Kissing is good: A developmental investigation of sexuality in adolescent romantic couples. *Sexuality Research & Social Policy*, 2, 32-41.
- Willis, F. N., & Rinck, C. M. (1983). A personal log method for investigating interpersonal touch. *Journal of Psychology*, 113, 119-122.

Anexos

Anexo 1

Solicitação de colaboração a peritos para seleccionar os itens relativos ao instrumento *Questionário da Expressividade do Toque na Família* (QETF)

No âmbito da dissertação de mestrado do Mestrado Integrado em Psicologia, encontro-me a investigar o significado do toque nas relações amorosas dos adolescentes e jovens, sob orientação da Professora Doutora Paula Mena Matos.

O trabalho de investigação que desenvolvemos tem como objectivo mais geral estudar associações entre a qualidade da relação romântica durante a adolescência e juventude e a experiência emocional do toque no seio das mesmas. Considerámos que as percepções do jovem relativamente a experiências de contacto físico na família poderão moderar a relação entre qualidade de vinculação amorosa e significados do toque na relação com o par romântico.

Utilizar-se-á o QVA (Matos, Barbosa, & Costa, 2001) para avaliar a qualidade da relação romântica, e uma adaptação da escala de Brennan, Wu e Loev (1998) para avaliar a experiência emocional do toque; em virtude de não existir um instrumento que avalie a experiência emocional do toque na família, criámos itens que procurem, de forma exploratória, avaliar aquele constructo. Após eliminação de alguns itens e reformulação de outros, presentemente, possuímos uma totalidade de 19, que desejaríamos reduzir para 6.

Visto que a professora trabalha questões relacionadas com a temática do estudo que descrevemos, solicitava-lhe que seleccionasse 6 dos 19 itens, para que avalie de melhor forma a expressividade do toque e vivência do corpo na família. A professora está disponível para colaborar no estudo, com esta selecção? Apresento, abaixo, a totalidade dos itens formulados.

1. Na nossa família, andávamos sempre aos abraços.
2. Na nossa família, nunca foi muito habitual tocarmos uns nos outros.
3. Nunca foi muito habitual a minha mãe sentar-me no seu colo.
4. Em passeios com a minha família, era comum andarmos de mãos dadas.
5. Se algo corresse mal comigo, as pessoas da minha família faziam-me festas que me acalmavam.

6. Por vezes, apenas um abraço do meu pai/mãe era capaz de me acalmar perante uma situação complicada.
7. Frequentemente, aborrecia-me ser tocado/a pelos membros da minha família.
8. Éramos uma família que gostava de se abraçar e beijar.
9. Era fácil para mim dar um beijo aos meus pais.
10. Era muito bom quando me pegavam ao colo.
11. Irritava-me as pessoas da minha família estarem sempre a querer beijos da minha parte.
12. A nudez, em minha casa, era, praticamente, sinónima de vergonha.
13. Na minha família, não era muito importante a privacidade de cada um.
14. Nunca tive problemas em conversar com os meus pais acerca de questões relacionadas com o corpo.
15. Na minha família, era um hábito cuidar do corpo, fazendo uma alimentação equilibrada.
16. Era incentivado/a pelos membros da minha família a realizar práticas desportivas.
17. Sempre me fez confusão estar com a minha família na praia ou na piscina, devido à utilização de pouca roupa.
18. Em minha casa, o corpo foi sempre para esconder.
19. Se um programa de televisão exibía imagens em que se viam corpos mais despidos, logo o meu pai desligava o televisor.

Anexo 2

Reflexão falada do instrumento

2A: Instruções para reflexão falada

Este trabalho de investigação tem como objectivo conhecer como jovens adultos lidam com as suas relações românticas. A tarefa que lhe solicitamos consiste em responder ao questionário que será utilizado como ferramenta de recolha de dados para o estudo, sendo o mais sincero e genuíno possível. Não será necessário devolver o questionário preenchido, pois pretendemos, numa primeira fase, perceber como percebeu os itens, eventuais dúvidas que surjam, e todas as sugestões que considerar convenientes para tornar o instrumento mais preciso. Assim, pedimos que responda, e vá registando dúvidas e sugestões.

Agradecemos, desde já a sua colaboração, que é da máxima importância para o prosseguimento da investigação!

2B: Caracterização dos participantes na reflexão falada

Quadro 8		
<i>Caracterização dos participantes na reflexão falada (N=8)</i>		
Sexo		
	Feminino	n=4
	Masculino	n=4
Idade		
	19	n=1
	20	n=1
	21	n=1
	22	n=3
	23	n=2
Estabelecimento de ensino		
	FPCEUP	n=3
	UFP	n=2
	UPT	n=3
Curso superior		
	Psicologia	n=3
	Engenharia Civil	n=2
	Informática de Gestão	n=2
	Economia	n=1
Ano de curso		
	2º	n=3
	3º	n=2
	5º	n=3
Estatuto relacional		
	Relação romântica no presente	n=6
	Relação romântica no passado	n=1
	Experiências românticas ("curtes")	n=1
	Sem relação nem experiências românticas	n=1
Duração da relação romântica		
	Inferior a 1 ano	n=3
	Entre 1 e 3 anos	n=2
	Superior a 3 anos	n=1
<p><i>Nota.</i> FPCEUP=Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto; UFP=Universidade Fernando Pessoa; UPT=Universidade Portucalense.</p>		

Anexo 3

Protocolo de recolha de dados

Código: _____

Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

O questionário que se segue insere-se num estudo acerca das relações românticas no período da adolescência e juventude. Não existem respostas certas ou erradas, pelo que lhe solicitamos que responda em função de si e das suas experiências. As respostas ao questionário são anónimas e confidenciais.

Apresentam-se, de seguida, grupos de questões, cujas instruções são explicitadas; pedimos para responder de acordo com as mesmas e para não deixar nenhuma resposta em branco.

A sua colaboração é da máxima importância para o prosseguimento do estudo que desenvolvemos, pelo que lhe agradecemos, desde já, a sua participação.

QVA (Matos, Barbosa, & Costa, 2001)

Este questionário procura descrever diferentes maneiras das pessoas se relacionarem com o(a) namorado(a). Leia atentamente cada uma das frases e assinale com um círculo a resposta que melhor exprime o modo como se sente na relação com **o(a) seu(sua) namorado(a)**.

Se **actualmente não** tem um(a) namorado(a), mas já teve no passado, responda ao questionário, reportando-se à **relação mais duradoura**.

Se **nunca** teve um(a) namorado(a), responda ao questionário, **imaginando como gostaria que fosse** uma relação de namoro.

Se nunca teve um(a) namorado(a), mas tem **“curtido”**, responda ao questionário, reportando-se a essas experiências.

Para cada frase, deverá responder de acordo com as seis alternativas que se seguem:

Discordo totalmente 1	Discordo 2	Discordo moderadamente 3	Concordo moderadamente 4	Concordo 5	Concordo totalmente 6
--	-----------------------------	---	---	-----------------------------	--

- | | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|---|
| 1. O(A) meu(minha) namorado(a) respeita os meus sentimentos. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 2. Fico muito nervoso(a) se não consigo encontrar a(o) minha(meu) namorada(o) quando preciso dela(e). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 3. O apoio dela(e) não é importante para mim. Sei que sou capaz de resolver as coisas sozinho(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 4. Gostava de ser a pessoa mais importante para ela(e) , mas não estou certo(a) de que assim seja. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 5. A(O) minha(meu) namorada(o) compreende-me. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 6. Só consigo enfrentar situações novas, se ele(a) estiver comigo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 7. É-me indiferente, quando ela(e) prefere passar o tempo com outras pessoas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 8. Às vezes sinto admiração por ele(a); outras vezes não. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 9. Fico irritado(a) quando combinamos coisas juntos e ela(e) não pode estar comigo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 10. Não sei o que me vai acontecer se a nossa relação terminar. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 11. Na minha vida, a minha relação de namoro é secundária. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 12. Sei que posso contar com a(o) minha(meu) namorada(o) sempre que precisar dela(e). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 13. Sinto-me posta(o) de lado, quando ele(a) decide passar o tempo com outras pessoas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 14. Discutir assuntos com ela(e) é uma perda de tempo e não leva a lado nenhum. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 15. Quando não podemos estar juntos, sinto-me abandonado(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 16. Para me sentir bem comigo própria(o), são mais importantes outras coisas do que o(a) meu(minha) namorado(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 17. Desagrada-me a maneira de ser do(a) meu(minha) namorado(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 18. Sei que, se a minha relação terminar, isso não me vai afectar muito. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 19. Ele(a) dá-me coragem para enfrentar situações novas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 20. Fico furiosa(o) quando preciso do apoio do meu(minha) namorado(a) e não posso contar com ele(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |

- | | |
|--|-------------|
| 21. Eu e o(a) meu(minha) namorado(a) é como se fôssemos um só. | 1 2 3 4 5 6 |
| 22. Fico muito nervosa(o) quando penso que posso perder o(a) meu(minha) namorado(a). | 1 2 3 4 5 6 |
| 23. Prefiro que ele(a) me deixe em paz e não ande sempre atrás de mim. | 1 2 3 4 5 6 |
| 24. Não gosto de lhe pedir apoio porque sei que nunca me compreenderia. | 1 2 3 4 5 6 |
| 25. Ela(e) tem uma importância decisiva na minha maneira de ser. | 1 2 3 4 5 6 |
| 26. Tenho sempre a sensação de que a nossa relação vai terminar. | 1 2 3 4 5 6 |
| 27. Sempre achei que, apesar de gostar do(a) meu(minha) namorado(a), não vou sentir muito a falta dele(a) se a relação terminar. | 1 2 3 4 5 6 |
| 28. Às vezes acho que ela(e) é fundamental na minha vida; outras vezes não. | 1 2 3 4 5 6 |
| 29. Confio nele(a) para me apoiar em momentos difíceis da minha vida. | 1 2 3 4 5 6 |
| 30. Quando tenho problemas, nem sempre gosto de procurar a(o) minha(meu) namorada(o). | 1 2 3 4 5 6 |
| 31. Tenho dúvidas se sou realmente importante para ele(a). | 1 2 3 4 5 6 |
| 32. Quando não podemos estar juntos, eu não sei o que fazer. | 1 2 3 4 5 6 |
| 33. Quando tenho um problema, só o facto de pensar nela(e) põe-me mais calmo(a). | 1 2 3 4 5 6 |
| 34. Não preciso dos cuidados do(a) meu(minha) namorado(a). | 1 2 3 4 5 6 |
| 35. O(A) meu(minha) namorado(a) faz-me sentir bem comigo própria(o). | 1 2 3 4 5 6 |
| 36. Ele(a) desilude-me muitas vezes. | 1 2 3 4 5 6 |
| 37. As minhas conversas com ela(e) não me trazem nada de novo. | 1 2 3 4 5 6 |
| 38. Quando vou a algum sítio desconhecido, sinto-me melhor se ele(a) estiver comigo. | 1 2 3 4 5 6 |
| 39. Apesar da minha relação ser importante, muitas vezes sinto-me sozinha(o). | 1 2 3 4 5 6 |
| 40. Quando algo de grave acontece comigo, prefiro não estar perto dele(a). | 1 2 3 4 5 6 |
| 41. Ela(e) não me dá a atenção que eu gostaria. | 1 2 3 4 5 6 |
| 42. O(A) meu(minha) namorado(a) aceita-me como eu sou. | 1 2 3 4 5 6 |
| 43. Apesar de haver coisas que não gosto no meu namorado, no fundo eu gostaria de ser igual a ele. | 1 2 3 4 5 6 |
| 44. Quando tenho um problema, prefiro ficar sozinho(a) a procurar a(o) minha(meu) namorada(o). | 1 2 3 4 5 6 |

45. Não me preocupa se não pudermos estar juntos durante as férias. 1 2 3 4 5 6
46. Gostava que ele(a) me ligasse mais. 1 2 3 4 5 6
47. Tenho medo de ficar sozinho(a), se perder a(o) minha(meu) namorada(o). 1 2 3 4 5 6
48. As relações terminam sempre; mais vale eu não me envolver. 1 2 3 4 5 6
49. A(O) minha(meu) namorada(o) só pensa em si própria(o). 1 2 3 4 5 6
50. É fundamental para mim que ele(a) concorde com aquilo que eu penso. 1 2 3 4 5 6
51. Ela(e) é apenas mais uma das pessoas com quem estou no dia-a-dia. 1 2 3 4 5 6
52. O(A) meu(minha) namorado(a) incentiva-me a fazer coisas diferentes. 1 2 3 4 5 6

QEET (Brennan, Wu, & Loev, 1998, adaptação de Fachada & Matos, 2008)

O conjunto de afirmações que se apresentam de seguida reportam-se a experiências de contacto e proximidade física com o(a) namorado(a), que abrangem um leque diverso de comportamentos, como abraçar, dar as mãos, beijar, entre outros. Por favor, leia cada frase, e seleccione a alternativa que melhor se adapta a si, circundando um dos algarismos.

Se, presentemente, **tem um(a) namorado(a)**, responda em função desta relação.

Se **actualmente não** tem um(a) namorado(a), mas já teve no passado, responda ao questionário, reportando-se à **relação mais duradoura**.

Se **nunca** teve um(a) namorado(a), responda ao questionário, **imaginando como gostaria que fosse** uma relação de namoro.

Se nunca teve um(a) namorado(a), mas tem “**curtido**”, responda ao questionário, reportando-se a essas experiências.

Responda, para cada afirmação, de acordo com as seis alternativas seguintes:

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

1. Gostaria que a(o) minha(meu) namorada(o) fosse tão receptiva(o) ao meu toque como eu sou quanto ao dela(e). 1 2 3 4 5 6

2. Por vezes, sem qualquer motivo em particular, gosto de abraçar a(o) minha(meu) namorada(o).	1	2	3	4	5	6
3. Geralmente, fico excitado(a) quando toco no(a) meu(minha) namorado(a).	1	2	3	4	5	6
4. O(a) meu(minha) namorado(a) queixa-se, constantemente, que eu não o(a) toco o suficiente.	1	2	3	4	5	6
5. Por vezes, desejaria que o(a) meu(minha) namorado(a) se sentisse mais confortável quando eu o(a) toco.	1	2	3	4	5	6
6. Gostaria que a(o) minha(meu) namorada(o) me abraçasse durante horas seguidas.	1	2	3	4	5	6
7. Normalmente, fico excitado(a) quando o(a) meu(minha) namorado(a) me toca.	1	2	3	4	5	6
8. Muitas vezes, tenho que lembrar a(o) minha(meu) namorada(o) para parar de me tocar.	1	2	3	4	5	6
9. Às vezes, não me sinto muito satisfeita(o) com a quantidade de contacto físico na minha relação.	1	2	3	4	5	6
10. Gosto que o(a) meu(minha) namorado(a) pegue na minha mão para demonstrar o seu amor por mim.	1	2	3	4	5	6
11. O toque da(o) minha(meu) namorada(o) quase sempre me excita.	1	2	3	4	5	6
12. Geralmente, não gosto que o(a) meu(minha) namorado(a) me toque.	1	2	3	4	5	6
13. Mesmo em privado, não consigo que a(o) minha(meu) namorada(o) me toque como gostaria.	1	2	3	4	5	6
14. Gosto de pegar na mão do(a) meu(minha) namorado(a) para demonstrar o meu amor por ele(a).	1	2	3	4	5	6
15. Habitualmente, para mim, é muito excitante ser tocada(o) pelo(a) meu(minha) namorado(a).	1	2	3	4	5	6
16. A(o) minha(meu) namorada(o) queixa-se, frequentemente, que eu não a(o) toco o suficiente.	1	2	3	4	5	6
17. Por vezes, o(a) meu(minha) namorado(a) evita que eu lhe toque.	1	2	3	4	5	6
18. Após momentos mais íntimos, adoro ser abraçada(o) pelo(a) meu(minha) namorado(a).	1	2	3	4	5	6
19. Apenas ser tocado(a) pela(o) minha(meu) namorada(o) é suficiente para ficar excitado(a).	1	2	3	4	5	6
20. Nem sempre sei quando quero que a(o) minha(meu) namorada(o) me toque.	1	2	3	4	5	6
21. Às vezes, gostaria que o(a) meu(minha) namorado(a) me tocasse mais.	1	2	3	4	5	6
22. Se a(o) minha(meu) namorada(o) tivesse vontade, eu abraçá-la(o)-ia durante horas.	1	2	3	4	5	6
23. Eu uso o toque como forma de iniciar a relação sexual com o(a) meu(minha) namorado(a).	1	2	3	4	5	6

24. Fico sempre satisfeita(o) por o(a) meu(minha) namorado(a) me tocar. 1 2 3 4 5 6
25. Por vezes, considero o toque do(a) meu(minha) namorado(a) intolerável. 1 2 3 4 5 6
26. Fico triste quando a(o) minha(meu) namorada(o) não me toca da forma como eu gostaria. 1 2 3 4 5 6
27. O toque do(a) meu(minha) namorado(a) faz-me sentir amada(o). 1 2 3 4 5 6
28. A(o) minha(meu) namorada(o) usa o toque como forma de iniciar intimidade sexual comigo. 1 2 3 4 5 6
29. Às vezes, acho o toque da(o) minha(meu) namorada(o) realmente aborrecido. 1 2 3 4 5 6
30. Normalmente, abraço a(o) minha(meu) namorada(o) para mostrar o quão feliz fico por vê-la(o). 1 2 3 4 5 6
31. Se eu e o(a) meu(minha) namorado(a) estivemos afastados, demoro a habituar-me ao toque dele(a), quando nos reencontramos. 1 2 3 4 5 6
32. Frequentemente, toco a(o) minha(meu) namorada(o) como forma de expressar o que sinto por ela(e). 1 2 3 4 5 6
33. Já pensei terminar a minha relação devido ao desconforto do(a) meu(minha) namorado(a) relativamente ao contacto físico. 1 2 3 4 5 6
34. Gosto de pegar na mão do(a) meu(minha) namorado(a) para demonstrar o amor que sinto por ele(a). 1 2 3 4 5 6

QETF

As afirmações que se apresentam seguidamente relacionam-se com o toque no ambiente familiar; por favor, considere a sua família durante a sua infância, e seleccione a opção que mais tem a ver com a sua situação, assinalando com um círculo um algarismo de 1 a 6, considerando as alternativas abaixo.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

1. Nunca foi muito habitual a minha mãe ou o meu pai sentarem-me no seu colo. 1 2 3 4 5 6
2. Em passeios com a minha família, era comum andarmos de mãos dadas. 1 2 3 4 5 6

3. Por vezes, apenas um abraço do meu pai ou da minha mãe era capaz de me acalmar perante uma situação complicada. 1 2 3 4 5 6

4. Éramos uma família que gostava de se abraçar. 1 2 3 4 5 6

5. A nudez, em minha casa, era, praticamente, sinónima de vergonha. 1 2 3 4 5 6

6. Nunca tive problemas em conversar com os meus pais acerca de questões relacionadas com o corpo. 1 2 3 4 5 6

Ficha Sócio-Demográfica

1. **Sexo:** Feminino ☐ Masculino ☐

2. **Idade:** _____ anos

3. **Ocupação:** Estudante ☐ Estudante-trabalhador ☐

3. 1 Qual o estabelecimento de ensino que frequenta? _____

3. 2 Curso _____ Ano _____

4. Família:

4.1 Os seus pais...

• São **casados** entre si? ☐ Se sim, há quanto tempo? _____

• São **separados** ou **divorciados**? ☐

• São **viúvos**? ☐ Se sim, quem é viúvo(a)? _____

4.2 Escolaridade dos pais

Escolaridade do **pai**: _____ Escolaridade da **mãe**: _____

4.3 Tem **irmãos**? Sim ☐ Não ☐ No caso afirmativo, quantos? _____
Com que idade(s)? _____

4.4 Vive com _____

5. Vida Pessoal

5.1 Em que medida se **adaptou** às **mudanças físicas da puberdade**?

1	2	3	4	5	6
adaptei-me com			adaptei-me com		
muita dificuldade			muita facilidade		

5.2 No que diz respeito a **relações românticas**, assinale com uma cruz a opção que corresponde ao que actualmente se passa consigo. Se optar por uma das duas primeiras alíneas, indique também quanto tempo dura ou durou a relação com o(a) seu(sua) namorado(a).

Duração da relação:

- Neste momento, eu **tenho namorado(a)** ☐ _____
- Já **namorei**, mas neste momento **não tenho ninguém** ☐ _____
- **Nunca tive** um(a) **namorado(a)** ☐
- **Nunca tive** nenhum(a) **namorado(a)**, mas **tenho “curtido”** ☐

5.3.1 Em que medida está **satisfeito(a) com** a sua **vida sexual**? (circunde o algarismo que mais se adequa a si)

1	2	3	4	5	6
nada satisfeito(a)			muito satisfeito(a)		

5.3.2 Caso tenha um relacionamento romântico significativo no presente, ou tenha tido no passado, como descreve a relação em termos sexuais **com o seu par amoroso**?

- Têm uma **vida sexual activa** ☐
- Têm **relações** sexuais **esporádicas** ☐
- **Nunca tiveram** relações sexuais ☐

5.3.3 No caso de não ter tido relações significativas, ou ter vivido situações de “curte”, já teve alguma **experiência sexual**? Sim ☐ Não ☐

5.3.4 Alguma vez passou por um **experiência sexual** que classificaria como **desagradável**?
Sim ☐ Não ☐

6. 6.1 Já alguma vez foi vítima de **abuso**? Sim ☐ Não ☐

6.2 No caso afirmativo, de que **tipo de abuso**?

(Note que poderá assinalar mais que um tipo de abuso de que terá sido alvo.)

Abuso psicológico ☐ **Abuso físico** ☐ **Abuso sexual** ☐

7. As minhas **preferências sexuais** vão no sentido da:

Heterossexualidade ☐ Homossexualidade ☐ Bissexualidade ☐

Muito obrigada pela sua colaboração!



Anexo 4

Caracterização dos participantes, em função de variáveis sociodemográficas

Quadro 9					
<i>Caracterização dos participantes (N=414)</i>					
Sexo					
	Feminino	n=282	68.1%		
	Masculino	n=132	31.9%		
Idade					
	17	n=3	0.7%		
	18	n=102	24.7%		
	19	n=81	19.6%		
	20	n=96	23.2%		
	21	n=70	16.9%		
	22	n=23	5.6%		
	23	n=22	5.3%		
	24	n=12	2.9%	M=19.89	
	25	n=4	1.0%	DP=1.68	
Ocupação					
	Estudante	n=351	85.6%		
	Estudante-trabalhador	n=59	14.4%		Valores omissos=4
Estabelecimento de ensino					
	ISCAP	n=221	53.9%		
	FPCEUP	n=79	19.3%		
	ISCS-N	n=43	10.5%		
	UFP	n=14	3.4%		
	FCUP	n=13	3.2%		
	ISEP	n=12	2.9%		
	ISPGaya	n=8	2.0%		
	FEUP	n=7	1.7%		
	ISCAL	n=2	0.5%		
	UTAD	n=2	0.5%		
	FEP	n=2	0.5%		
	FLUP	n=1	0.2%		
	IPAM	n=1	0.2%		
	ESEIG	n=1	0.2%		
	ESMAE	n=1	0.2%		
	Lusófona	n=1	0.2%		
	ESART	n=1	0.2%		
	ESTV	n=1	0.2%		Valores omissos=4
Curso superior					
	Contabilidade e Administração	n=155	37.8%		
	Psicologia	n=86	21.0%		
	Ciências da Educação	n=37	9.0%		
	Comunicação Empresarial	n=35	8.5%		
	Marketing	n=21	5.1%		
	Engenharia Civil	n=13	3.2%		
	Electrónica e Computadores	n=12	2.9%		
	Biologia	n=11	2.7%		
	Comércio Internacional	n=10	2.4%		
	Educação Básica	n=7	1.7%		
	Engenharia do Ambiente	n=5	1.2%		
	Engenharia Electrotécnica	n=4	1.0%		
	Acessoria e Tradução	n=2	0.5%		
	Música	n=2	0.5%		
	Engenharia Gestão Industrial	n=2	0.5%		
	Economia	n=1	0.2%		
	Ciências e Tecnologias do Ambiente	n=1	0.2%		
	Gestão de Marketing	n=1	0.2%		
	Engenharia Florestal	n=1	0.2%		
	Informática	n=1	0.2%		
	Geografia	n=1	0.2%		
	Ecologia, Ambiente e Território	n=1	0.2%		
	Gestão	n=1	0.2%		Valores omissos=4

(Quadro continua)

(Quadro continua)

Ano de curso					
	1º	n=210	54.7%		
	2º	n=93	24.2%		
	3º	n=75	19.5%		
	4º	n=4	1.0%		
	5º	n=2	0.5%		Valores omissos=30
Co-habitação					
	Família intacta	n=322	78.3%		
	Família mono-parental mãe	n=40	9.7%		
	Família mono-parental pai	n=7	1.7%		
	Sozinho/a	n=15	3.6%		
	Par amoroso	n=9	2.2%		
	Avós	n=7	1.7%		
	Outra situação	n=10	2.4%		Valores omissos=3
Estado civil dos pais					
	Casado	n=350	35.6%		
	Separado ou divorciado	n=42	10.3%		
	Viuvez	n=17	4.2%		Valores omissos=5
Escolaridade da mãe					
	Até 4º ano	n=137	33.4%		
	5º e 6º ano	n=67	16.3%		
	7º, 8º e 9º ano	n=83	20.2%		
	10º, 11º e 12º ano	n=78	19.0%		
	Bacharelato	n=4	1.0%		
	Licenciatura	n=34	8.3%		
	Mestrado	n=3	0.7%	M=8.18	
	Doutoramento	n=4	1.0%	DP=4.33	Valores omissos=4
Escolaridade do pai					
	Até 4º ano	n=137	33.5%		
	5º e 6º ano	n=71	17.4%		
	7º, 8º e 9º ano	n=79	19.3%		
	10º, 11º e 12º ano	n=73	17.8%		
	Bacharelato	n=5	1.2%		
	Licenciatura	n=37	9.0%		
	Mestrado	n=3	0.7%	M=8.15	
	Doutoramento	n=4	1.0%	DP=4.37	Valores omissos=5
Número de irmãos					
	0	n=76	18.3%		
	1	n=227	54.7%		
	2	n=71	17.1%		
	3 ou mais	n=41	9.9%		
Estatuto relacional					
	Relação romântica no presente	n=264	61.4%		
	Relação romântica no passado	n=145	35.0%		
	Experiências românticas ("curtes")	n=15	3.6%		

(Quadro continua)

(Quadro continua)

Duração da relação romântica					
	Inferior a 1 ano	n=114	28.6%		
	Entre 1 e 2 anos	n=83	20.8%		
	Entre 2 e 3 anos	n=56	14.0%		
	Superior a 3 anos	n=146	36.6%		Valores omissos=15
Relações sexuais com par romântico					
	Vida sexual activa	n=234	59.1%		
	Relações sexuais esporádicas	n=93	23.5%		
	Sem relações sexuais	n=53	13.4%		Valores omissos=18
Experiência sexual					
	Com experiência sexual	n=20	29.8%		
	Sem experiência sexual	n=47	70.2%		Valores omissos=19
Experiência sexual desagradável					
	Com episódio de experiência sexual desagradável	n=88	24.6%		
	Sem episódio de experiência sexual desagradável	n=269	75.4%		Valores omissos=11
Orientação sexual					
	Heterossexualidade	n=387	97%		
	Homossexualidade	n=7	1.8%		
	Bissexualidade	n=5	1.3%		Valores omissos=15
Abuso					
	Com episódio em que se viu vítima de abuso	n=12	2.9%		
	Sem episódio em que se viu vítima de abuso	n=395	96.8%		Valores omissos=6

Nota. ISCAP=Instituto de Contabilidade e Administração do Porto; FPCEUP=Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto; ISCS-N=Instituto Superior de Ciências da Saúde - Norte; UFP=Universidade Fernando Pessoa; FCUP=Faculdade de Ciências da Universidade do Porto; ISEP=Instituto Superior de Engenharia do Porto; FEUP=Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto; ISPGaya=Instituto Superior Politécnico Gaya; ISCAL=Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa; UTAD=Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro; FEP=Faculdade de Economia da Universidade do Porto; FLUP=Faculdade de Letras da Universidade do Porto; IPAM=Instituto Português de Administração de Marketing; ESEIG=Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão; ESMAE=Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo; Lusófona= Universidade Lusófona do Porto; ESART=Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco; ESTV=Escola Superior de Tecnologia de Viseu.

A percentagem indicada corresponde à percentagem válida, que não considera os valores omissos, cujo somatório, consequentemente, é igual a 100%.

A experiência sexual refere-se aos participantes para os quais não se aplicava a relação sexual com o par romântico (aqueles que "têm curtido") ou que não deram resposta à citada variável, e ainda àqueles que nunca tiveram relações sexuais com o/a namorado/a (n=67).

Consideram-se, para a (in)existência de experiência(s) sexual(ais) desagradável(eis), os jovens com vida sexual activa ou relações sexuais esporádicas com o par romântico, e aqueles que - nunca se tendo envolvido sexualmente com o/a namorado/a, ou que não têm um relacionamento significativo - iniciaram já a vida sexual (n=357).

Anexo 5

Qualidades psicométricas do *Questionário da Vinculação Amorosa* (QVA)

5A: Estrutura factorial do QVA

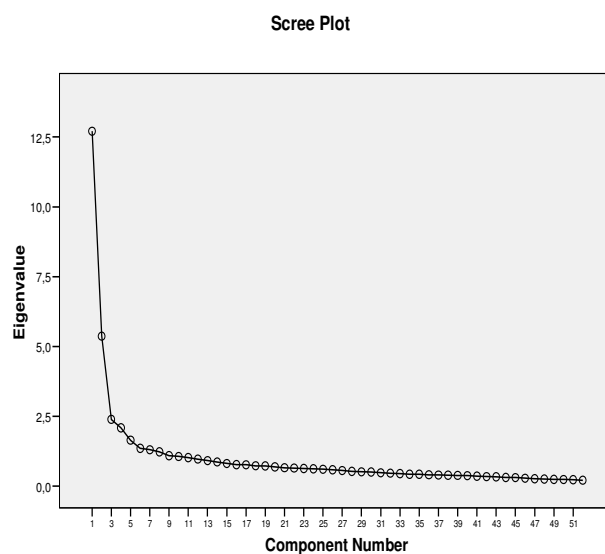
5A(a): Medidas de adequabilidade do procedimento de análise factorial (Kaiser-Meyer-Olkin e Teste de Esfericidade de Bartlett)

Quadro 10				
Medida de Kaiser-Meyer-Olkin e teste de esfericidade de Bartlett para o QVA				
Medida de Kaiser-Meyer-Olkin				0.910
Teste de esfericidade de Bartlett			Qui-Quadrado	6680.288
			GL	990
			Sig.	0.000

5A(b): Variância explicada pelos quatro factores extraídos

Quadro 11			
Variância explicada pelos quatro factores extraídos do QVA			
Factor	Total	% de variância	% cumulativa
1	6.239	13.865	13.865
2	5.323	11.830	25.695
3	4.178	9.284	34.979
4	3.980	8.845	43.824

5A(c): “Teste do Cotovelo”



5A(d): Dimensões/ Itens e saturações ao longo dos quatro factores extraídos

Quadro 12					
<i>Estrutura factorial do QVA</i>					
Dimensões/Itens	Factores	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4
<i>Evitamento</i>					
27. Sempre achei que, apesar de gostar do meu namorado, não vou sentir muito a falta dele se a relação terminar.		0.712	-0.331	-0.121	0.028
34. Não preciso dos cuidados do meu namorado.		0.646	-0.197	-0.082	-0.021
11. Na minha vida, a minha relação de namoro é secundária.		0.620	-0.144	-0.188	0.099
45. Não me preocupa se não podermos estar juntos durante as férias.		0.618	-0.232	-0.069	-0.112
23. Prefiro que ele me deixe em paz e não ande sempre atrás de mim.		0.612	-0.142	-0.266	0.124
30. Quando tenho problemas, nem sempre gosto de procurar a minha namorada.		0.602	-0.123	-0.138	0.210
51. Ela é apenas mais uma das pessoas com quem estou no dia-a-dia.		0.592	-0.249	0.076	0.068
44. Quando tenho um problema, prefiro ficar sozinho a procurar a minha namorada.		0.589	-0.169	-0.077	0.182
40. Quando algo de grave acontece comigo, prefiro não estar perto dele.		0.571	-0.225	0.068	0.087
3. O apoio dela não é importante para mim. Sei que sou capaz de resolver as coisas sozinho.		0.549	-0.068	-0.085	0.019
18. Sei que, se a minha relação terminar, isso não me vai afectar muito.		0.522	-0.149	-0.172	0.011
7. É-me indiferente, quando ela prefere passar o tempo com outras pessoas.		0.516	-0.005	-0.069	-0.199
16. Para me sentir bem comigo própria, são mais importantes outras coisas do que o meu namorado.		0.493	-0.043	-0.279	0.222
<i>Confiança</i>					
12. Sei que posso contar com a minha namorada sempre que precisar dela.		-0.310	0.676	0.028	-0.153
29. Confio nele para me apoiar em momentos difíceis da minha vida.		-0.324	0.676	0.081	0.100
19. Ele dá-me coragem para enfrentar situações novas.		-0.244	0.674	0.229	0.059
5. A minha namorada compreende-me.		-0.114	0.650	0.093	-0.247
42. O meu namorado aceita-me como eu sou.		-0.085	0.644	-0.121	-0.136
1. O meu namorado respeita os meus sentimentos.		-0.136	0.622	0.026	-0.317
35. O meu namorado faz-me sentir bem comigo própria.		-0.268	0.612	0.220	-0.006
52. O meu namorado incentiva-me a fazer coisas diferentes.		-0.083	0.539	0.186	-0.011
49. A minha namorada só pensa em si própria.		0.316	-0.472	-0.015	0.381
14. Discutir assuntos com ela é uma perda de tempo e não leva a lado nenhum.		0.258	-0.413	0.015	0.348

(Quadro continua)

(Quadro continua)

<i>Dependência</i>					
10. Não sei o que me vai acontecer se a nossa relação terminar.	-0.364	-0.014	0.667	0.070	
6. Só consigo enfrentar situações novas, se ele estiver comigo.	-0.225	0.011	0.632	-0.117	
25. Ela tem uma importância decisiva na minha maneira de ser.	-0.158	0.177	0.618	-0.003	
47. Tenho medo de ficar sozinho, se perder a minha namorada.	-0.203	-0.039	0.606	0.202	
32. Quando não podemos estar juntos, eu não sei o que fazer.	0.028	0.012	0.600	0.137	
15. Quando não podemos estar juntos, sinto-me abandonado.	-0.058	-0.036	0.559	0.315	
43. Apesar de haver coisas que não gosto no meu namorado, no fundo eu gostaria de ser igual a ele.	0.175	0.065	0.552	-0.110	
21. Eu e o meu namorado é como se fôssemos um só.	-0.335	0.407	0.522	-0.086	
22. Fico muito nervosa quando penso que posso perder o meu namorado.	-0.397	0.271	0.507	0.217	
33. Quando tenho um problema, só o facto de pensar nela põe-me mais calmo.	-0.213	0.464	0.504	-0.094	
38. Quando vou a algum sítio desconhecido, sinto-me melhor se ele estiver comigo.	-0.361	0.319	0.365	0.198	
50. É fundamental para mim que ele concorde com aquilo que eu penso.	-0.022	0.088	0.332	0.252	
<i>Ambivalência</i>					
20. Fico furiosa quando preciso do apoio do meu namorado e não posso contar com ele.	-0.095	0.233	0.095	0.622	
46. Gostava que ele me ligasse mais.	0.022	-0.158	0.119	0.612	
9. Fico irritado quando combinamos coisas juntos e ela não pode estar comigo.	-0.105	0.102	0.010	0.589	
13. Sinto-me posta de lado, quando ele decide passar o tempo com outras pessoas.	-0.091	-0.095	0.126	0.575	
31. Tenho dúvidas se sou realmente importante para ele.	0.209	-0.374	0.109	0.544	
36. Ele desilude-me muitas vezes.	0.156	-0.388	-0.063	0.531	
39. Apesar da minha relação ser importante, muitas vezes sinto-me sozinha.	0.303	-0.209	0.164	0.530	
4. Gostava de ser a pessoa mais importante para ela, mas não estou certo de que assim seja.	0.114	-0.253	0.013	0.529	
26. Tenho sempre a sensação de que a nossa relação vai terminar.	0.369	-0.359	0.100	0.436	
8. Às vezes sinto admiração por ele; outras vezes não.	0.308	-0.124	-0.184	0.392	

5B: Consistência interna das dimensões do QVA

Quadro 13		
<i>Alphas de Cronbach das dimensões do QVA</i>		
Dimensões	Número de itens	Alpha
<i>Confiança</i>	10	0.850
<i>Dependência</i>	12	0.841
<i>Evitamento</i>	13	0.864
<i>Ambivalência</i>	10	0.793

5C: Correlações entre as dimensões do QVA

Quadro 14				
<i>Correlações de Pearson entre as dimensões do QVA</i>				
Dimensões	<i>Confiança</i>	<i>Dependência</i>	<i>Evitamento</i>	<i>Ambivalência</i>
<i>Confiança</i>	1.000	0.368*	-0.558*	-0.472*
<i>Dependência</i>	---	1.000	-0.494*	0.067
<i>Evitamento</i>	---	---	1.000	0.293*
<i>Ambivalência</i>	---	---	---	1.000
* $p < .01$				

Anexo 6

Qualidades psicométricas do *Questionário da Experiência Emocional do Toque* (QEET)

6A: Estrutura factorial do QEET

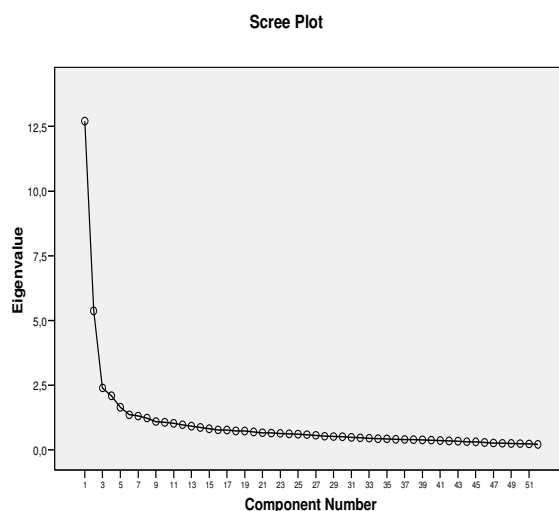
6A(a): Medidas de adequabilidade do procedimento de análise factorial (Kaiser-Meyer-Olkin e Teste de Esfericidade de Bartlett)

Quadro 15				
Medida de Kaiser-Meyer-Olkin e teste de esfericidade de Bartlett para o QEET				
Medida de Kaiser-Meyer-Olkin				0.862
Teste de esfericidade de Bartlett		Qui-Quadrado	6023.400	
		GL	528	
		Sig.	0.000	

6A(b): Variância explicada pelos quatro factores extraídos

Quadro 16			
Variância explicada pelos quatro factores extraídos do QEET			
Factor	Total	% de variância	% cumulativa
1	5.174	15.679	15.679
2	4.497	13.627	29.306
3	3.839	11.634	40.940
4	3.033	9.190	50.130

6A(c): “Teste do Cotovelo”



6D: Dimensões/ Itens e saturações ao longo dos quatro factores extraídos

Quadro 17					
<i>Estrutura factorial do QEET</i>					
Dimensões/Itens	Factores	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4
<i>Toque como Demonstração de Afecto</i>					
34. Gosto de pegar na mão do meu namorado para demonstrar o amor que sinto por ele.		0.770	0.100	-0.038	0.052
14. Gosto de pegar na mão do meu namorado para demonstrar o meu amor por ele.		0.753	0.171	-0.086	0.063
10. Gosto que o meu namorado pegue na minha mão para demonstrar o seu amor por mim.		0.718	0.143	0.037	0.035
30. Normalmente, abraço a minha namorada para mostrar o quão feliz fico por vê-la.		0.711	0.088	-0.191	0.014
18. Após momentos mais íntimos, adoro ser abraçada pelo meu namorado.		0.671	0.166	-0.087	-0.147
27. O toque do meu namorado faz-me sentir amada.		0.669	0.242	-0.209	-0.104
32. Frequentemente, toco a minha namorada como forma de expressar o que sinto por ela.		0.614	0.272	-0.214	0.148
6. Gostaria que a minha namorada me abraçasse durante horas seguidas.		0.600	0.150	0.084	0.152
2. Por vezes, sem qualquer motivo em particular, gosto de abraçar a minha namorada.		0.586	0.091	-0.151	-0.164
22. Se a minha namorada tivesse vontade, eu abraçá-la-ia durante horas.		0.573	0.198	0.027	0.158
<i>Toque Sexual</i>					
7. Normalmente, fico excitado quando a minha namorada me toca.		0.137	0.887	0.005	0.062
11. O toque da minha namorada quase sempre me excita.		0.172	0.845	0.015	0.043
15. Habitualmente, para mim, é muito excitante ser tocada pelo meu namorado.		0.217	0.838	-0.017	0.020
3. Geralmente, fico excitado quando toco na minha namorada.		0.128	0.835	0.035	0.111
19. Apenas ser tocado pela minha namorada é suficiente para ficar excitado.		0.177	0.751	0.016	0.097
28. A minha namorada usa o toque como forma de iniciar intimidade sexual comigo.		0.317	0.561	-0.015	-0.010
23. Eu uso o toque como forma de iniciar a relação sexual com o meu namorado.		-0.324	0.517	-0.058	0.145

(Quadro continua)

(Quadro continua)

<i>Aversão ao Toque</i>					
16. A minha namorada queixa-se, frequentemente, que eu não a toco o suficiente.		0.010	-0.006	0.806	0.015
4. O meu namorado queixa-se, constantemente, que eu não o toco o suficiente.		-0.066	-0.025	0.733	-0.034
8. Muitas vezes, tenho que lembrar a minha namorada para parar de me tocar.		0.023	0.122	0.618	0.069
29. Às vezes, acho o toque da minha namorada realmente aborrecido.		-0.256	-0.020	0.611	0.261
12. Geralmente, não gosto que o meu namorado me toque.		-0.206	-0.197	0.589	0.069
20. Nem sempre sei quando quero que a minha namorada me toque.		-0.011	0.109	0.534	0.210
25. Por vezes, considero o toque do meu namorado intolerável.		-0.088	-0.138	0.521	0.221
31. Se eu e o meu namorado estivemos afastados, demoro a habituar-me ao toque dele, quando nos reencontramos.		-0.067	0.052	0.486	0.253
<i>Desejo de mais toque</i>					
9. Às vezes, não me sinto muito satisfeita com a quantidade de contacto físico na minha relação.		-0.011	-0.024	0.481	0.466
33. Já pensei terminar a minha relação devido ao desconforto do meu namorado relativamente ao contacto físico.		-0.311	0.080	0.363	0.341
21. Às vezes, gostaria que o meu namorado me tocasse mais.		0.098	0.115	0.157	0.745
17. Por vezes, o meu namorado evita que eu lhe toque.		-0.116	0.027	0.153	0.636
5. Por vezes, desejaria que o meu namorado se sentisse mais confortável quando eu o toco.		0.027	-0.095	0.203	0.595
13. Mesmo em privado, não consigo que a minha namorada me toque como gostaria.		-0.142	-0.059	0.326	0.573
1. Gostaria que a minha namorada fosse tão receptiva ao meu toque como eu sou quanto ao dela.		0.129	0.040	-0.038	0.567
26. Fico triste quando a minha namorada não me toca da forma como eu gostaria.		0.232	0.171	0.127	0.559

5B: Consistência interna das dimensões do QEET

Quadro 18		
<i>Alphas de Cronbach das dimensões do QEET</i>		
Dimensões	Número de itens	Alpha
<i>Toque como demonstração de afecto</i>	10	0.878
<i>Toque sexual</i>	7	0.894
<i>Aversão ao toque</i>	8	0.791
<i>Desejo de mais toque</i>	8	0.750

5C: Correlações entre as dimensões do QEET

Quadro 19				
<i>Correlações de Pearson entre as dimensões do QEET</i>				
Dimensões	<i>Toque como demonstração de afecto</i>	<i>Toque sexual</i>	<i>Aversão ao toque</i>	<i>Desejo de mais toque</i>
<i>Toque como demonstração de afecto</i>	1.000	0.489*	-0.223*	0.032
<i>Toque sexual</i>	---	1.000	-0.040	0.166*
<i>Aversão ao toque</i>	---	---	1.000	0.482*
<i>Desejo de mais toque</i>	---	---	---	1.000
* $p < .01$				

Anexo 7

Qualidades psicométricas do *Questionário da Expressividade do Toque na Família* (QETF)

7A: Estrutura factorial do QETF

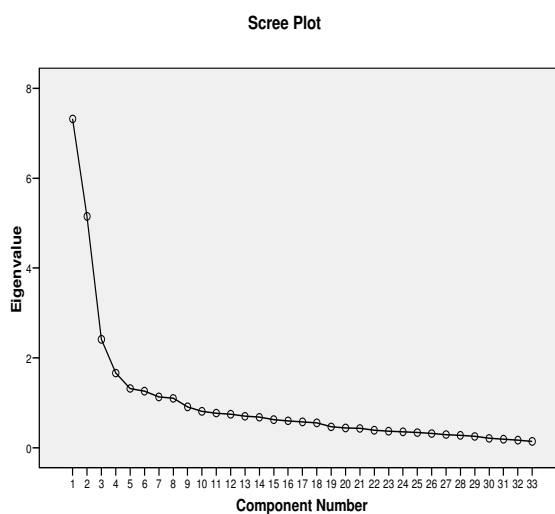
7A(a): Medidas de adequabilidade do procedimento de análise factorial (Kaiser-Meyer-Olkin e Teste de Esfericidade de Bartlett)

Quadro 20			
Medida de Kaiser-Meyer-Olkin e teste de esfericidade de Bartlett para o QETF			
Medida de Kaiser-Meyer-Olkin			0.724
Teste de esfericidade de Bartlett		Qui-Quadrado	353.089
		GL	10
		Sig.	0.000

7A(b): Variância explicada pelo factor extraído

Quadro 21		
Variância explicada pelo factor extraído do QETF		
Factor	Total	% de variância
1	2.272	45.445

7A(c): “Teste do Cotovelo”



7A(d): Itens e saturações ao longo do factor extraído

Quadro 22		
<i>Estrutura factorial do QETF</i>		
Itens		Factor
4. Éramos uma família que gostava de se abraçar.		0.825
3. Por vezes, apenas um abraço do meu pai ou da minha mãe era capaz de me acalmar perante uma situação complicada.		0.704
2. Em passeios com a minha família, era comum andarmos de mãos dadas.		0.663
1. Nunca foi muito habitual a minha mãe ou o meu pai sentarem-me no seu colo.		-0.657
6. Nunca tive problemas em conversar com os meus pais acerca de questões relacionadas com o corpo.		0.475

Anexo 8

Efeito do sexo e da idade sobre a vinculação amorosa

8A: Teste dos efeitos principais inter-sujeitos do sexo e da idade para as dimensões da vinculação ao par amoroso

Quadro 23								
<i>Teste dos efeitos principais inter-sujeitos do sexo e da idade para as dimensões da vinculação ao par amoroso</i>								
Fonte	Variável dependente	Σ dos quadrados	GL	Quadrado médio	F	Sig.	Eta quadrado	Poder observado
Sexo	<i>Confiança</i>	5.958	1	5.958	12.712	0.000	0.033	0.945
	<i>Dependência</i>	1.878	1	1.878	2.863	0.092	0.008	0.393
	<i>Evitamento</i>	11.309	1	11.309	19.738	0.000	0.051	0.993
	<i>Ambivalência</i>	0.067	1	0.067	0.109	0.741	0.000	0.063
Idade	<i>Confiança</i>	3.042	1	3.042	6.382	0.012	0.017	0.712
	<i>Dependência</i>	0.003	1	0.003	0.004	0.949	0.000	0.050
	<i>Evitamento</i>	2.278	1	2.278	3.813	0.052	0.010	0.495
	<i>Ambivalência</i>	0.200	1	0.200	0.329	0.547	0.001	0.088

8B: Médias e desvios-padrões para as dimensões da vinculação ao par amoroso onde há diferenças

Quadro 24					
<i>Médias e desvios-padrões para as dimensões da vinculação ao par amoroso onde há diferenças</i>					
Fonte	Categoria	Variável dependente			
		<i>Confiança</i>		<i>Evitamento</i>	
		Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão
Sexo	Feminino (n=249)	5.055	0.659	2.188	0.734
	Masculino (n=120)	4.784	0.735	2.562	0.802
Idade	Entre 17 e 19 anos (n=167)	5.067	0.653	---	---
	Entre 20 e 25 anos (n=202)	4.885	0.720	---	---

Nota. Não se apresentam as médias e os desvios padrões para a dimensão *evitamento*, em função da idade, uma vez que a *MANOVA* não revelou um efeito principal da última naquela dimensão.

Anexo 9

Efeito do sexo e da idade sobre a experiência emocional do toque

9A: Teste dos efeitos principais inter-sujeitos do sexo e da idade para as dimensões da experiência emocional do toque

Quadro 25								
Teste dos efeitos principais inter-sujeitos do sexo e da idade para as dimensões da experiência emocional do toque								
Fonte	Variável dependente	Σ dos quadrados	GL	Quadrado médio	F	Sig.	Eta quadrado	Poder observado
Sexo	<i>Toque como demonstração de afecto</i>	5.525	1	5.525	6.895	0.009	0.018	0.745
	<i>Toque sexual</i>	9.241	1	9.241	8.477	0.004	0.022	0.827
	<i>Aversão ao toque</i>	0.929	1	0.929	1.782	0.183	0.005	0.265
	<i>Desejo de mais toque</i>	9.665	1	9.665	17.820	0.000	0.045	0.988
Idade	<i>Toque como demonstração de afecto</i>	4.789	1	4.789	5.962	0.015	0.015	0.683
	<i>Toque sexual</i>	0.286	1	0.286	0.257	0.613	0.001	0.080
	<i>Aversão ao toque</i>	2.917	1	2.917	5.651	0.018	0.015	0.660
	<i>Desejo de mais toque</i>	4.185	1	4.185	7.516	0.006	0.019	0.781

9B: Médias e desvios-padrões para as dimensões da experiência emocional do toque onde há diferenças

Quadro 26									
Médias e desvios-padrões para as dimensões da experiência emocional do toque onde há diferenças									
Fonte	Categoria	Variável dependente							
		<i>Toque como demonstração de afecto</i>		<i>Toque sexual</i>		<i>Aversão ao toque</i>		<i>Desejo de mais toque</i>	
		Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão
Sexo	Feminino (n=256)	4.530	0.892	3.607	1.060	---	---	2.239	0.691
	Masculino (n=125)	4.274	0.902	3.938	1.010	---	---	2.578	0.821
Idade	Entre 17 e 19 anos (n=171)	4.570	0.839	---	---	1.819	0.676	2.234	0.692
	Entre 20 e 25 anos (n=210)	4.345	0.940	---	---	1.995	0.751	2.445	0.788

Nota. Não se apresentam as médias e os desvios padrões para a dimensão *aversão ao toque* em função do sexo, bem como para a dimensão *toque sexual* em função da idade, uma vez que a MANOVA não revelou um efeito principal das variáveis independentes citadas, para as dimensões referidas.

Anexo 10

Efeito do sexo e da idade sobre a expressividade do toque na família

10A: Teste dos efeitos principais inter-sujeitos do sexo e da idade para a expressividade do toque na família

Quadro 27					
<i>Teste dos efeitos principais inter-sujeitos do sexo e da idade para a expressividade do toque na família</i>					
Fonte	Σ dos quadrados	GL	Quadrado médio	F	Sig.
Sexo	8.721	1	8.721	9.081	0.003
Idade	3.245	1	3.245	3.332	0.069

10B: Médias e desvios-padrões para a expressividade do toque na família, em função do sexo

Quadro 28					
<i>Médias e desvios-padrões para a expressividade do toque na família, em função do sexo</i>					
Fonte	Categoria	Variável dependente			
		<i>Expressividade do toque na família</i>			
		Média	Desvio-padrão		
Sexo	Feminino (n=279)	4.224	0.974		
	Masculino (n=130)	3.911	0.993		

Anexo 11

Efeito do estatuto relacional sobre a vinculação amorosa

11A: Teste dos efeitos principais inter-sujeitos do estatuto relacional para as dimensões da vinculação ao par amoroso

Quadro 29								
Teste dos efeitos principais inter-sujeitos do estatuto relacional para as dimensões da vinculação ao par amoroso								
Fonte	Variável dependente	Σ dos quadrados	GL	Quadrado médio	F	Sig.	Eta quadrado	Poder observado
Estatuto relacional	<i>Confiança</i>	14.948	1	14.948	33.651	0.000	0.084	1.000
	<i>Dependência</i>	10.513	1	10.513	16.616	0.000	0.043	0.982
	<i>Evitamento</i>	23.741	1	23.741	44.039	0.000	0.107	1.000
	<i>Ambivalência</i>	25.112	1	25.112	46.358	0.000	0.112	1.000

11B: Médias e desvios-padrões para as dimensões da vinculação ao par amoroso onde há diferenças

Quadro 30									
Médias e desvios-padrões para as dimensões da vinculação ao par amoroso onde há diferenças									
Fonte	Categoria	Variável dependente							
		<i>Confiança</i>		<i>Dependência</i>		<i>Evitamento</i>		<i>Ambivalência</i>	
		Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão
Estatuto relacional	Namora (n=234)	5.120	0.672	3.378	0.833	2.117	0.713	2.666	0.774
	Já namorou (n=135)	4.702	0.656	3.028	0.725	2.643	0.771	3.207	0.665

Anexo 12

Efeito do estatuto relacional sobre a experiência emocional do toque

12A: Teste dos efeitos principais inter-sujeitos do estatuto relacional para as dimensões da experiência emocional do toque

Quadro 31								
Teste dos efeitos principais inter-sujeitos do estatuto relacional para as dimensões da experiência emocional do toque								
Fonte	Variável dependente	Σ dos quadrados	GL	Quadrado médio	F	Sig.	Eta quadrado	Poder observado
Estatuto relacional	<i>Toque como demonstração de afecto</i>	18.231	1	9.116	11.842	0.000	0.059	0.995
	<i>Toque sexual</i>	5.179	1	2.590	2.346	0.097	0.012	0.474
	<i>Aversão ao toque</i>	11.378	1	5.689	11.489	0.000	0.057	0.993
	<i>Desejo de mais toque</i>	12.804	1	6.402	11.955	0.000	0.059	0.995

12B: Comparação de pares de médias (Teste de Scheffe) para as dimensões da experiência emocional do toque, em função do estatuto relacional

Quadro 32					
Teste de Scheffe para as dimensões da experiência emocional do toque em que existem diferenças, em função do estatuto relacional					
Variável dependente	Estatuto relacional	Estatuto relacional	Diferença de médias	Erro padrão	Sig.
<i>Toque como demonstração de afecto</i>	namora	namorou	0.442*	0.095	0.000
		"curte"	0.485	0.234	0.118
	namorou	namora	-0.442*	0.095	0.000
		"curte"	0.043	0.239	0.984
<i>Aversão ao toque</i>	"curte"	namora	-0.485	0.234	0.118
		namorou	-0.043	0.239	0.984
	namora	namorou	-0.352*	0.076	0.000
		"curte"	-0.359	0.188	0.161
<i>Desejo de mais toque</i>	namorou	namora	0.352*	0.076	0.000
		"curte"	-0.007	0.191	0.999
	"curte"	namora	0.359	0.188	0.161
		namorou	0.007	0.191	0.999
<i>Desejo de mais toque</i>	namora	namorou	-0.384*	0.079	0.000
		"curte"	-0.232	0.195	0.945
	namorou	namora	0.384*	0.079	0.000
		"curte"	0.153	0.199	0.745
	"curte"	namora	0.232	0.195	0.495
		namorou	-0.153	0.199	0.745
$p < .005$					

12C: Médias e desvios-padrões para as dimensões da experiência emocional do toque onde há diferenças

Fonte		Toque como demonstração de afecto		Toque sexual		Aversão ao toque		Desejo de mais toque	
Categoria		Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão
Estatuto relacional	Namora (n=228)	4.625	0.839	---	---	1.774	0.692	2.202	0.753
	Já namorou (n=138)	4.183	0.937	---	---	2.126	0.728	2.586	0.689
	"Curte" (n=15)	4.140	0.887	---	---	2.133	0.643	2.433	0.795

Nota. Não se apresentam as médias e os desvios padrões para a dimensão *toque sexual*, uma vez que a MANOVA não revelou um efeito principal do estatuto relacional, para a dimensão referida.

Anexo 13

Clusters para a vinculação ao par amoroso

13A: Teste dos efeitos principais inter-sujeitos para as dimensões da vinculação ao par amoroso, em função do *cluster* de pertença

Quadro 34								
Teste dos efeitos principais inter-sujeitos para as dimensões da vinculação ao par amoroso, em função do cluster de pertença								
Fonte	Variável dependente	Σ dos quadrados	GL	Quadrado médio	F	Sig.	Eta quadrado	Poder observado
Cluster	Confiança	100.975	3	33.658	159.553	0.000	0.567	1.000
	Dependência	137.494	3	45.831	158.993	0.000	0.566	1.000
	Evitamento	131.191	3	43.730	176.578	0.000	0.592	1.000
	Ambivalência	115.609	3	38.536	129.876	0.000	0.516	1.000

13B: Teste dos efeitos principais inter-sujeitos para as dimensões da experiência emocional do toque, em função do *cluster* de pertença

Quadro 35								
Teste dos efeitos principais inter-sujeitos para as dimensões da experiência emocional do toque, em função do cluster de pertença								
Fonte	Variável dependente	Σ dos quadrados	GL	Quadrado médio	F	Sig.	Eta quadrado	Poder observado
Cluster	Toque como demonstração de afecto	64.543	3	21.514	33.543	0.000	0.218	1.000
	Toque sexual	19.081	3	6.360	5.943	0.001	0.047	0.955
	Aversão ao toque	40.176	3	13.392	31.927	0.000	0.209	1.000
	Desejo de mais toque	46.633	3	15.544	35.246	0.000	0.226	1.000

13C: Comparação de pares de médias (Teste de Scheffe) para as dimensões do estudo, em função do *cluster* de pertença

13Ca: Dimensões da vinculação ao par amoroso

Quadro 36					
Teste de Scheffe para as dimensões da vinculação ao par amoroso, em função do cluster de pertença					
Variável dependente	Cluster	Cluster	Diferença de médias	Erro padrão	Sig.
Confiança	1	2	0.855*	0.007	0.000
		3	1.474*	0.070	0.000
		4	0.465*	0.061	0.000
	2	1	-0.855*	0.071	0.000
		3	0.619	0.077	0.000
		4	-0.390*	0.069	0.000
	3	1	-1.474*	0.070	0.000
		2	-0.619*	0.077	0.000
		4	-1.01*	0.068	0.000
	4	1	-0.465*	0.061	0.000
		2	0.390*	0.069	0.000
		3	1.009*	0.068	0.000
Dependência	1	2	0.616*	0.083	0.000
		3	1.318*	0.082	0.000
		4	1.433*	0.072	0.000
	2	1	-0.616*	0.083	0.000
		3	0.702*	0.090	0.000
		4	0.817*	0.081	0.000
	3	1	-1.318*	0.082	0.000
		2	-0.702*	0.090	0.000
		4	0.115	0.080	0.559
	4	1	-1.433*	0.072	0.000
		2	-0.817*	0.081	0.000
		3	-0.115	0.080	0.559
Evitamento	1	2	-0.620*	0.077	0.000
		3	-1.734*	0.076	0.000
		4	-0.618*	0.066	0.000
	2	1	0.620*	0.077	0.000
		3	-1.114*	0.083	0.000
		4	0.002	0.075	1.000
	3	1	1.734*	0.076	0.000
		2	1.114*	0.083	0.000
		4	1.116*	0.074	0.000
	4	1	0.618*	0.066	0.000
		2	-0.002	0.075	1.000
		3	-1.116*	0.074	0.000
Ambivalência	1	2	-1.323*	0.084	0.000
		3	-0.824*	0.083	0.000
		4	0.065	0.073	0.848
	2	1	1.323*	0.084	0.000
		3	0.500*	0.091	0.000
		4	1.389*	0.082	0.000
	3	1	0.824*	0.083	0.000
		2	-0.500*	0.091	0.000
		4	0.889*	0.081	0.000
	4	1	-0.065	0.073	0.848
		2	-1.388*	0.082	0.000
		3	-0.889*	0.081	0.000
p < .005					
Nota. 1=Preocupados; 2=Amedrontados; 3=Desinvestidos; 4=Seguros.					

13Cb: Dimensões da experiência emocional do toque

Quadro 37					
Teste de Scheffe para as dimensões da experiência emocional do toque, em função do cluster de pertença					
Variável dependente	Cluster	Cluster	Diferença de médias	Erro padrão	Sig.
Toque como demonstração de afecto	1	2	0.455*	0.122	0.003
		3	1.190*	0.127	0.000
		4	0.784*	0.107	0.000
	2	1	-0.455*	0.122	0.003
		3	0.735*	0.135	0.000
		4	0.328	0.117	0.050
	3	1	-1.190*	0.127	0.000
		2	-0.735*	0.135	0.000
		4	-0.407*	0.122	0.012
	4	1	-0.784*	0.107	0.000
		2	-0.328	0.117	0.050
		3	0.407*	0.122	0.012
Toque sexual	1	2	0.325	0.158	0.239
		3	0.553*	0.164	0.011
		4	0.531*	0.139	0.002
	2	1	-0.325	0.158	0.239
		3	0.227	0.175	0.638
		4	0.205	0.151	0.605
	3	1	-0.553*	0.164	0.011
		2	-0.227	0.175	0.638
		4	-0.022	0.157	0.999
	4	1	-0.531*	0.139	0.002
		2	-0.205	0.151	0.605
		3	0.022	0.157	0.999
Aversão ao toque	1	2	-0.534*	0.099	0.000
		3	-0.927*	0.103	0.000
		4	-0.184	0.087	0.218
	2	1	0.534*	0.099	0.000
		3	-0.393*	0.109	0.005
		4	0.351*	0.095	0.004
	3	1	0.927*	0.103	0.000
		2	0.393*	0.109	0.005
		4	0.743*	0.099	0.000
	4	1	0.184	0.087	0.218
		2	-0.351*	0.095	0.004
		3	-0.743*	0.099	0.000
Desejo de mais toque	1	2	-0.595*	0.101	0.000
		3	-0.725*	0.105	0.000
		4	0.120	0.089	0.612
	2	1	0.595*	0.101	0.000
		3	-0.130	0.112	0.719
		4	0.715*	0.097	0.000
	3	1	0.725*	0.105	0.000
		2	0.130	0.112	0.719
		4	0.845*	0.101	0.000
	4	1	-0.120	0.089	0.612
		2	-0.715*	0.097	0.000
		3	-0.845*	0.101	0.000
p < .005					
Nota. 1=Preocupados; 2=Amedrontados; 3=Desinvestidos; 4=Seguros.					

13Cc: Expressividade do toque na família

Quadro 38				
Teste de Scheffe para as dimensões da experiência emocional do toque, em função do <i>cluster</i> de pertença				
<i>Cluster</i>	<i>Cluster</i>	Diferença de médias	Erro padrão	Sig.
1	2	0.347	0.145	0.128
	3	0.477*	0.146	0.014
	4	0.211	0.125	0.418
2	1	-0.347	0.145	0.128
	3	0.130	0.160	0.883
	4	-0.137	0.141	0.817
3	1	-0.477*	0.146	0.014
	2	-0.130	0.160	0.883
	4	-0.266	0.142	0.320
4	1	-0.211	0.125	0.418
	2	0.137	0.141	0.817
	3	0.266	0.142	0.320
$p < .005$				
Nota. 1=Preocupados; 2=Amedrontados; 3=Desinvestidos; 4=Seguros.				

Anexo 14

Modelos de regressão para as dimensões da experiência emocional do toque, obtidos pelo método *Stepwise*

14A: Análise de variância (ANOVA) da regressão

Quadro 39						
<i>Análises de variância para os modelos de regressão das dimensões da experiência emocional do toque</i>						
Dimensão		Soma dos Quadrados	GL	Quadrado Médio	F	Sig.
<i>Toque como demonstração de afecto</i>	Regressão	120.937	6	20.156	48.765	0.000
	Residual	120.280	291	0.413		
	Total	241.216	297			
<i>Toque sexual</i>	Regressão	81.958	5	16.392	22.375	0.000
	Residual	197.799	270	0.733		
	Total	279.757	275			
<i>Aversão ao toque</i>	Regressão	46.031	4	11.508	32.173	0.000
	Residual	96.931	271	0.358		
	Total	142.962	275			
<i>Desejo de mais toque</i>	Regressão	80.257	12	6.688	22.760	0.000
	Residual	77.284	263	0.294		
	Total	157.541	275			

14B: Coeficientes de regressão por preditor incluído nos modelos de regressão

Quadro 40							
Coeficientes de regressão para as dimensões da experiência emocional do toque							
Dimensão	Preditores	Coeficientes não-estandardizados		Coeficientes estandardizados	t	Sig.	
		B	Erro padrão	Beta			
Toque como demonstração de afecto	(Constante)	1.035	0.493		2.098	0.037	
	Dependência;	0.251	0.57	0.223	4.378	0.000	
	Toque sexual;	0.271	0.040	0.310	6.847	0.000	
	Evitamento;	-0.264	0.064	-0.229	-4.126	0.000	
	Expressividade do toque na família;	0.191	0.040	0.206	4.811	0.000	
	Confiança;	0.223	0.071	0.178	3.163	0.002	
	Desejo de mais toque	0.141	0.062	0.118	2.263	0.024	
Toque sexual	(Constante)	-0.518	0.531		-0.977	0.330	
	Toque como demonstração de afecto;	0.561	0.067	0.494	8.321	0.000	
	Desejo de mais toque;	0.357	0.086	0.268	4.146	0.000	
	Satisfação com vida sexual;	0.193	0.048	0.229	4.019	0.000	
	Evitamento;	0.199	0.086	0.152	2.316	0.021	
	Ambivalência	-0.152	0.075	-0.122	-2.010	0.045	
Aversão ao toque	(Constante)	2.003	0.500		4.003	0.000	
	Desejo de mais toque;	0.274	0.055	0.288	4.986	0.000	
	Evitamento;	0.214	0.057	0.229	3.748	0.000	
	Adaptação mudanças físicas puberdade;	-0.100	0.037	-0.137	-2.699	0.007	
	Confiança	-0.157	0.065	-0.155	-2.402	0.017	
Desejo de mais toque	(Constante)	1.311	0.641		2.045	0.042	
	Idade	0.031	0.020	0.070	1.531	0.127	
	Satisfação com vida sexual	-0.115	0.032	-0.182	-3.594	0.000	
	Expressividade do toque na família	-0.091	0.036	-0.118	-2.562	0.011	
	Dependência	0.090	0.054	0.097	1.661	0.098	
	Ambivalência	0.257	0.050	0.276	5.161	0.000	
	Adaptação mudanças físicas puberdade	-0.027	0.035	-0.035	-0.766	0.444	
	Duração da relação	-0.001	0.002	-0.023	-0.493	0.622	
	Toque sexual	0.154	0.038	0.205	4.074	0.000	
	Aversão ao toque	0.227	0.054	0.216	4.202	0.000	
	Toque como demonstração de afecto	0.086	0.054	0.101	1.590	0.113	
	Confiança	-0.227	0.068	-0.213	-3.349	0.001	
	Evitamento	0.086	0.064	0.088	1.356	0.176	